



NÚMERO: 267/2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

**MÔNICA FRIGERI**

**ENTENDENDO O QUALIS: UM ESTUDO SOBRE A AVALIAÇÃO DOS  
PERIÓDICOS CIENTÍFICOS BRASILEIROS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA UNICAMP PARA  
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRA EM POLÍTICA  
CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA.

**ORIENTADOR: PROF. DR. MARKO SYNÉSIO ALVES MONTEIRO**

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação  
defendida por Mônica Frigeri e orientada pelo Prof. Dr.  
Marko Synésio Alves Monteiro.

---

CAMPINAS / SP, 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
CÁSSIA RAQUEL DA SILVA – CRB8/5752 – BIBLIOTECA “CONRADO PASCHOALE” DO  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
UNICAMP

Frigeri, Monica, 1986-	
F916e	Entendendo o qualis: um estudo sobre a avaliação dos periódicos científicos brasileiros / Mônica Frigeri-- Campinas,SP.: [s.n.], 2012.
Orientador: Marko Synésio Alves Monteiro. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.	
1. Periódicos científicos. 2. Periódico - Avaliação. I. Monteiro, Marko Synésio Alves, 1975- II. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. III. Título.	

Informações para a Biblioteca Digital

**Título em inglês:** Understanding qualis: a study on the evaluation of Brazilian scientific journals

**Palavras-chaves em inglês:**

Scientific journals

Evaluation - Journals

**Área de concentração:** PC&T – Política Científica e Tecnológica

**Titulação:** Mestra em Política Científica e Tecnológica.

**Banca examinadora:**

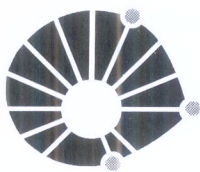
Marko Synésio Alves Monteiro (Presidente)

Germana Barata

Rogério Mugnaini

**Data da defesa:** 14-06-2012

Programa de Pós-graduação em Política Científica e Tecnológica



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM  
POLÍTICA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

**AUTORA:** Mônica Frigeri

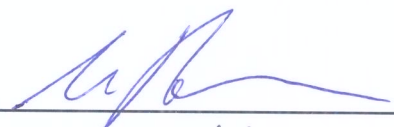
“Entendendo o Qualis: um estudo sobre a avaliação dos periódicos científicos brasileiros”

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Marko Synésio Alves Monteiro

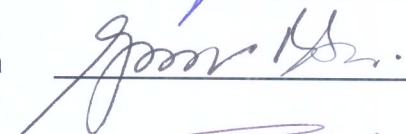
Aprovada em: 14 / 06 /2012

**EXAMINADORES:**

Prof. Dr. Marko Synésio Alves Monteiro

 - Presidente

Profa. Dra. Germana Fernandes Barata



Prof. Dr. Rogerio Mugnaini



Campinas, 14 de junho de 2012.

*Dedico esta dissertação ao meu noivo Miguel,  
que esteve ao meu lado em todos os  
momentos deste trabalho.  
A ele minha sincera gratidão!*

*O distraído nela tropeçou. O bruto a usou como projétil. O empreendedor, usando-a, construiu. O camponês, cansado da lida, dela fez assento. Para meninos, foi brinquedo. Drummond a poetizou. Já, David matou Golias, e Michelangelo extraiu-lhe a mais bela escultura. E em todos esses casos, a diferença não esteve na pedra, mas no homem. Não existe 'pedra' no seu caminho que você não possa aproveitá-la para o seu próprio crescimento. Cada instante que passa é uma gota de vida que nunca mais torna a cair, aproveite cada gota para evoluir. Das oportunidades saiba tirar o melhor proveito, talvez não tenha outra chance (Autoria Desconhecida).*

## AGRADECIMENTOS

Enfim chegou a parte tão esperada deste trabalho: a de escrever os agradecimentos. Tanta gente para agradecer, tantas histórias para contar, tantas coisas aconteceram nesses dois anos e *alguns* meses... mas vamos lá!

Para começar, agradeço de coração o Prof. Marko Monteiro, que acreditou no meu trabalho, me incentivou, me aguentou por diversas vezes em sua sala, leu e releu por várias e repetidas vezes os meus textos. Marko, muito obrigada por me acompanhar neste processo acadêmico, no qual você se tornou um verdadeiro amigo, além de um grande orientador. Agradeço de uma forma muito carinhosa aos professores integrantes da banca examinadora deste trabalho: Prof. Dr. Rogério Mugnaini e Prof<sup>ª</sup> Dra. Germana Barata, que contribuíram grandemente com suas considerações para a elaboração da versão final da dissertação. Agradeço também à Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Conceição da Costa pelas considerações feitas no processo de qualificação deste trabalho.

Agradeço a todos os professores e funcionários do DPCT – IG/UNICAMP, por colaborarem na minha formação de Mestre em Política Científica e Tecnológica. Em especial ao Prof. Wilson Suzigan, meu chefe, que me incentivou em todos os momentos do mestrado, se colocando sempre à disposição. Outro professor a quem eu agradeço é o Prof. Ettore Bresciani da FEM/UNICAMP, que me incentivou durante a monografia do curso de Especialização (em Engenharia de Qualidade) a tentar o mestrado. Ao Gildenir da FE/UNICAMP agradeço a presteza e toda a atenção dedicada ao desenvolvimento deste estudo. Um agradecimento muito mais que merecido ao pessoal da SPG: Val, Gorete, Dilma e Tiago – obrigada por tudo!!!!

Aos amigos que fiz durante o mestrado, em especial o pessoal do GEICT (Ana Paula, Dani, Cheida, Jean, Vinicius, Daniel, Ana e minha querida amiga Katy), o pessoal do Grupo de Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia e também os amigos da minha turma (2010): Milene, Fernanda, Silvia, Débora, Janaina, Suelene, Lucas, Alexandre e Alexis (inclui-se aqui Renan e minha amigona Mariane). Agradecimento especial ao Luiz que ajudou na elaboração dos mapas desta dissertação e diversas outras pessoas queridas que de tantas, não é possível listar aqui. Pessoal, obrigada por todos os cafés (leia-se também cervejas etc.) e todas as conversas que englobavam assuntos de interesse e de desinteresse acadêmico!

Agradeço também as meninas da minha casa, que foram pacientes comigo durante todo esse período, principalmente nos momentos mais estressantes: Ana Luiza, Lívia, Karla, Cris, Day, Simone, Fernanda, Isis, Julia, Kim e as novas integrantes da casa, mas também já muito queridas: Carol, Rahiara, Laiana, Vitória e Gabi. Obrigada por todos os cafés, noites de estudo, filmes (pipocas e brigadeiros), conversas na cozinha etc. enfim por todos os momentos em que vivemos como uma verdadeira família.

À minha família, em especial meu pai Mauro, minha mãe Vanderli e meu irmão Maurinho (e cunhadinha Karina), por entenderem as minhas ausências e toda a correria, por estarem sempre presentes em minha vida e me darem a força que eu necessitei durante todo esse tempo. Minha base são vocês, obrigada por tudo. Amo vocês.

Agradeço também aos meus demais familiares, tios, tias, primos, primas, agregados, sogro, sogra, vô e todos os demais, muito queridos. Em memória, e numa memória mais que especial agradeço a minha querida avó Isabel e meu tio Orivaldo, que viraram nossos anjinhos durante esse período do mestrado, mas sempre me apoiaram e tiveram orgulho de mim. Tio Boi e Vó Zabé, eu me orgulho muito de ter vocês como meus exemplos.

Outra pessoa maravilhosa que faz parte da minha vida e que tem tornado os meus dias mais especiais é meu noivo Miguel. Ele é a pessoa que faz da minha vida mais feliz e que me mostra sempre o lado positivo das coisas. Obrigada por me incentivar e por estar ao meu lado sempre. Te amo!

Agradeço também ao CNPq pela bolsa concedida para o desenvolvimento deste estudo. Por último, mas não menos importante agradeço a Deus, por me dar forças para lutar e concluir o mestrado.

Para finalizar, uma frase que me marcou muito e que traduz um pouco do que eu vivi neste período (e em outros momentos de minha vida): “*Lute, tente, arrisque, corra, mude, sensualize, insista, melhore, evolua, cresça, chore, pense, mas nunca pare*”. É isso aí, o sonho não para por aqui...

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE TABELAS .....</b>	<b>xii</b>
<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>xii</b>
<b>LISTA DE SIGLAS .....</b>	<b>xiii</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>1. AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA .....</b>	<b>7</b>
1.1.    SOBRE A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA .....	10
1.2.    SOBRE OS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS .....	13
1.3.    SOBRE A AVALIAÇÃO DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS .....	20
1.4.    CENÁRIO BRASILEIRO DA AVALIAÇÃO DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS .....	29
1.5.    CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO .....	35
<b>2. O QUALIS .....</b>	<b>39</b>
2.1.    HISTÓRICO E FUNCIONAMENTO DO QUALIS .....	44
2.2.    DESCRIÇÃO DOS TRIÊNIOS DO QUALIS – ÁREA DE EDUCAÇÃO .....	48
2.2.1. TRIÊNIO 1998-2000.....	53
2.2.2. TRIÊNIO 2001-2003.....	54
2.2.3. TRIÊNIO 2004-2006.....	58
2.2.4. TRIÊNIO 2007-2009.....	61
2.3.    CRÍTICAS E DISCUSSÕES EM TORNO DO QUALIS .....	66
2.4.    CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO .....	73
<b>3. ANÁLISE DOS ASPECTOS DO QUALIS NOS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO .....</b>	<b>77</b>
3.1.    ORGANIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS .....	79
3.2.    DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO ETNOGRÁFICO.....	80
3.2.1. O MÉTODO ETNOGRÁFICO.....	81
3.2.2. DESCRIÇÃO DO ESTUDO ETNOGRÁFICO.....	84
3.2.3. DESCRIÇÃO DA ROTINA EDITORIAL DE UM NÚMERO ESPECIAL (DOSSIÊ) .....	92
3.3.    DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS .....	106
3.4.    CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO .....	115
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>117</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>135</b>



## **LISTA DE TABELAS**

---

TABELA 2.1 – CRITÉRIOS DO QUALIS – EDUCAÇÃO (TRIÊNIO 2001-2003).....	57
TABELA 2.2 – CRITÉRIOS DO QUALIS – EDUCAÇÃO (TRIÊNIO 2004-2006).....	59
TABELA 2.3 – CRITÉRIOS DO QUALIS – EDUCAÇÃO (TRIÊNIO 2007-2009).....	64
TABELA 3.1 – PERIÓDICOS CIENTÍFICOS ENTREVISTADOS.....	108
TABELA 3.2 – HISTÓRICO DAS ESTRATIFICAÇÕES DO QUALIS DOS PERIÓDICOS ENTREVISTADOS .	111

## **LISTA DE FIGURAS**

---

FIGURA 1.1 – VARIÁVEIS DO PROCESSO AVALIATIVO .....	22
FIGURA 2.1 – DISTRIBUIÇÃO NACIONAL/ ESTRANGEIRA – ESTRATOS A1 E A2 .....	50
FIGURA 2.2 – DISTRIBUIÇÃO DOS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS (EDUCAÇÃO) NO BRASIL .....	51
FIGURA 3.1 – FLUXOGRAMA DO PROCESSO EDITORIAL (SEER) .....	91

## LISTA DE SIGLAS

---

**ABEC** – Associação Brasileira de Editores Científicos  
**ABNT** – Associação Brasileira de Normas Técnicas  
**A&HCI** – *Arts and Humanities Citations Index*  
**ANPEd** – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação  
**BIREME** – Centro Latinoamericano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde  
**CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
**CGB** – Coordenadoria Geral de Bibliotecas  
**CNPq** – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
**C&T** – Ciência e Tecnologia  
**CTC** – Conselho Técnico Científico  
**CTC-ES** – Conselho Técnico Científico – Ensino Superior  
**C,T&I** – Ciência, Tecnologia e Inovação  
**ESCT** – Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia  
**FAPs** – Fundações de Amparo à Pesquisa  
**Fapesp** – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo  
**FI** – Fator de Impacto  
**Finep** – Financiadora de Estudos e Projetos  
**JCR** – *Journal Citation Report*  
**IBBD** – Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação  
**IBICT** – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia  
**INRA** – *Institut National de La Recherche Agronomique*  
**IPEA** – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada  
**ISI** – *Institute for Scientific Information*  
**ISSN** – *International Standard Serial Number*  
**MCT** – Ministério da Ciência e Tecnologia  
**MEC** – Ministério da Educação e Cultura  
**OJS** – *Open Journal System*  
**PKP** – *Public Knowledge Project*  
**PNPG** – Plano Nacional de Pós-Graduação  
**SCI** – *Science Citation Index*  
**SciELO** – *Scientific Eletronic Library Online*  
**SEER** – Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas  
**SSCI** – *Social Science Citation Index*  
**UERJ** – Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
**Unesco** – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*  
**Unicamp** – Universidade Estadual de Campinas  
**USP** – Universidade de São Paulo



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA CIENTÍFICA E  
TECNOLÓGICA**

**ENTENDENDO O QUALIS: UM ESTUDO SOBRE A AVALIAÇÃO DOS PERIÓDICOS  
CIENTÍFICOS BRASILEIROS**

**RESUMO  
Dissertação de Mestrado  
Mônica Frigeri**

A comunicação feita por meio dos periódicos científicos contribui significativamente no desenvolvimento da ciência, sendo estes considerados os veículos de comunicação que auxiliam com maior rapidez na aquisição de novos conhecimentos e novas formas de pesquisa. Os periódicos científicos são responsáveis também por contribuírem com informações acerca dos rumos da ciência propriamente dita, tornando os trabalhos publicados tangíveis e abertos à discussão da comunidade científica. A ideia de que um conhecimento científico só adquire valor a partir do momento em que é difundido na comunidade e de que é necessário publicar as descobertas das pesquisas a fim de se obter reconhecimento e registro de autoria, tem resultado no crescimento elevado da quantidade de publicações científicas. Dessa forma, a avaliação das publicações científicas – em especial dos periódicos – torna-se então parte integrante do processo de construção do conhecimento científico. No Brasil a avaliação dos periódicos é realizada pela CAPES por meio do Qualis que tem, dentre outras finalidades, indicar os veículos de maior relevância para cada área do conhecimento, tanto para os pesquisadores como para as agências financiadoras e órgãos científicos. O objetivo desta dissertação é entender o funcionamento do Qualis e como os seus critérios se fazem presente na rotina editorial dos periódicos científicos. Para tanto o trabalho aborda a área de Educação tanto na análise quanto no desenvolvimento da parte empírica da pesquisa, que engloba o desenvolvimento de um estudo etnográfico num período de sete meses e de entrevistas com quatro outros editores de periódicos científicos. Observou-se neste estudo a contextualização do termo qualidade para a CAPES, para os editores e para as atividades que constituem a própria rotina editorial. O estudo procura proporcionar um entendimento micro da visão do Qualis a fim de auxiliar numa análise macro em torno da preocupação com a qualidade dos periódicos nas mais diversas áreas do conhecimento. Com base na pesquisa foi possível observar que, embora o Qualis e a questão da qualidade sejam preocupações que permeiam todo o trabalho editorial dos periódicos científicos, as atividades relacionadas à avaliação feita pela CAPES situam-se internalizadas neste processo. Neste sentido, o Qualis se apresenta como um importante indicador científico e também como uma política que auxilia a criar a ideia de qualidade dos periódicos científicos, pois condiciona a forma como as publicações atuam e funcionam.

**Palavras-Chave:** Periódicos Científicos; Avaliação; Qualis.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA CIENTÍFICA E  
TECNOLÓGICA**

**UNDERSTANDING QUALIS: A STUDY ON THE EVALUATION OF BRAZILIAN  
SCIENTIFIC JOURNALS**

**ABSTRACT  
Masters Dissertation  
Mônica Frigeri**

Scientific communication through journals contributes significantly to the development of science, aiding in the faster production of new knowledge and new forms of research. Scientific journals are also responsible for contributing with information about the direction of science itself, making the work published tangible and open to discussion by the scientific community. The idea that scientific knowledge only becomes valuable when it is widespread in the community and that it is necessary to publish research findings for recognition and registration of authorship has resulted in high growth of the number of scientific publications. Thus, the evaluation of scientific publications - in particular scientific journals - becomes then part of the process of construction of scientific knowledge. In Brazil, the evaluation of journals is done by CAPES through the Qualis index which, among other purposes, indicates the journals which have greater relevance in each area of knowledge, both to researchers and to funding agencies and scientific institutions. This study is aimed at understanding the operation of the Qualis index and how their criteria are present in the routine publishing practices of scientific journals. The work addresses specifically the field of Education both in the analysis and the development of the empirical research, which included an ethnographic study over a period of seven months and four interviews with editors of scientific journals. In this study we observed the construction of the concept of quality for CAPES, for publishers and for routine editorial activities. The study seeks to provide a micro-level understanding of the Qualis in order to arrive at a macro-level analysis of the concern about the quality of journals in various areas of knowledge. Based on this research it was observed that although the Qualis and the issue of quality are concerns that permeate all publishing work in scientific journals, the activities related to evaluation by CAPES become internalized in this process. Thus, the Qualis index is presented as an important indicator and also as a vector of science policy that helps create the very idea of quality of scientific journals, through the way it conditions how the publications operate and work.

**Key-Words:** Scientific Journals; Evaluation; Qualis.

## INTRODUÇÃO

---

A qualidade das publicações científicas, em especial dos periódicos científicos, é atualmente um debate de grande repercussão tanto no Brasil quanto em outros países. Sabe-se que é por meio dos periódicos que se publicam resultados de pesquisas, em sua maioria originais e inéditos. Dessa forma os periódicos são vistos como elementos-chave no contexto científico brasileiro e por conta dessa importância se faz necessário um sistema de acompanhamento e classificação desses periódicos.

No Brasil o instrumento de avaliação dos periódicos científicos é o Qualis, organizado pela CAPES. Em resumo o Qualis se traduz em um conjunto de procedimentos utilizados para a estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação, ou dito de outra forma, é a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da produção intelectual dos seus docentes e alunos, cujo objetivo é atender às necessidades específicas da avaliação da pós-graduação realizada pela CAPES (2009, 2010a).

Contudo, não há um consenso de que o Qualis seja uma maneira eficiente de medir a qualidade das publicações científicas. Por conta disso e tendo em vista as altas taxas de crescimento das publicações científicas brasileiras, fez-se oportuno um estudo sobre as práticas de avaliação e definição de qualidade dessas publicações, levando em consideração a visão de qualidade dos editores, da rotina editorial dos próprios periódicos e da CAPES. Este estudo foi motivado também pelo fato de que a autora é ela própria membro da equipe editorial de um periódico científico brasileiro e em decorrência do trabalho desenvolvido por ela na rotina editorial deste periódico, a problemática da qualidade torna-se ainda mais necessária e importante neste contexto. Ademais ressalta-se que a autora possui uma visão privilegiada sobre as formas pelas quais as preocupações com qualidade integram as práticas editoriais de um periódico científico e é sensível às controvérsias em torno da definição do que é qualidade e em torno das formas mais adequadas de medi-la.

O objetivo principal desta pesquisa é compreender e analisar de que forma o Qualis e seus critérios são vivenciados na rotina editorial dos periódicos científicos, neste caso específico com foco na área de Educação<sup>1</sup> – área escolhida para o desenvolvimento da pesquisa. Em decorrência do objetivo principal surgiram os objetivos específicos: i) como se deu o surgimento do Qualis; ii) como é o seu funcionamento; iii) quais foram as modificações do Qualis no decorrer do tempo e, iv) quais são as controvérsias em torno do Qualis. Durante o desenvolvimento da pesquisa se tornou necessário entender:

- o significado de qualidade do ponto de vista da CAPES e dos editores,
- a relação entre avaliação e qualidade e,
- de que forma as equipes editoriais trabalham a fim de conseguir classificação considerada ‘boa’ no Qualis.

Para tanto, foi desenvolvido um estudo etnográfico durante sete meses (de outubro/2010 a maio/2011) em um periódico científico da área de Educação. Posteriormente, a partir das observações realizadas na primeira etapa deste estudo, foi desenvolvida uma lista com perguntas sobre a rotina editorial para ser aplicada em entrevistas com editores de outros periódicos da mesma área. O objetivo desta parte da pesquisa empírica foi o de verificar com esses editores como os critérios do Qualis influenciam na rotina e como são vivenciados no dia-a-dia do trabalho da equipe, subentendendo que os critérios do Qualis influenciam, de alguma forma, as rotinas e as práticas editoriais dos periódicos, em especial daqueles que pretendem alcançar os ‘melhores níveis de qualidade’.

O estudo etnográfico procurou observar como a qualidade do periódico é vista pela equipe que trabalha diariamente na editoria e de que forma os critérios de avaliação do Qualis se fazem presente na rotina editorial. Sabe-se que, por conta de financiamento à pesquisa, aumento de visibilidade e também de qualidade dos cursos de pós-graduação e dos próprios periódicos científicos, os editores buscam sempre melhorar a classificação na estratificação do Qualis. O que se buscou verificar foi a forma que os editores procedem com relação a esta classificação e como o Qualis é implementado na prática.

---

<sup>1</sup> Uma das 47 áreas do conhecimento reconhecidas pela CAPES conforme Anexo I.

Ademais, a participação em eventos voltados para editores de periódicos científicos, tais como o I Encontro Nacional de Usuários do SEER<sup>2</sup> realizado entre os dias 14 e 16 de julho/2010 em Florianópolis/SC promovido pelo IBICT e posteriormente o XIX Curso de Editoração Científica e o III Seminário para Editores Plenos, ambos realizados entre os dias 16 e 18 de junho/2011 em Campinas/SP, promovidos pela ABEC, contribuiu significativamente no desenvolvimento desta pesquisa pelo fato de a autora estar presente nas discussões dos problemas desta área, onde também foram apresentadas e discutidas as tendências tecnológicas para os periódicos científicos.

A abordagem etnográfica escolhida para a realização do trabalho empírico se explica pelo fato de que, todos os trabalhos até então encontrados sobre o Qualis são, em grande maioria, descritivos e se baseiam em críticas sobre os critérios da avaliação<sup>3</sup>. Dessa forma, o trabalho desenvolvido neste estudo busca trazer uma visão embasada em criteriosa pesquisa empírica e teórica, fundamentada em conceitos dos ESCT que permite uma melhor compreensão de como a circulação do conhecimento científico na forma de artigos publicados em periódicos se relaciona com variáveis sociais. Nesse caso específico, busquei investigar como a gestão da qualidade dos periódicos é efetivada na prática, buscando assim contribuir para a melhor compreensão do seu funcionamento. Esse material pode, dessa maneira, colaborar para que se compreendam melhor os termos através dos quais se organizam as controvérsias em torno do Qualis e como os critérios de qualidade são construídos e colocados em práticas editoriais científicas no Brasil.

A estrutura da dissertação está organizada de forma a discutir o que é avaliação da produção científica e explicitar a sua importância, traçando um paralelo entre qualidade e avaliação. Em seguida o trabalho descreve o Qualis, como funciona, o seu histórico e funcionalidades. Por último, a descrição da parte empírica do trabalho, onde foram realizadas a pesquisa etnográfica e as entrevistas com editores de periódicos científicos da área de Educação.

O primeiro capítulo trata sobre a avaliação da produção científica, iniciando uma introdução ao tema da comunicação científica, passando pelo debate acerca da avaliação, em especial dos periódicos científicos, e finalizando com o cenário brasileiro da avaliação dos

---

<sup>2</sup> Maiores informações sobre o SEER estão descritas nos capítulos 1 e 3.

<sup>3</sup> ANDRIOLO *et al* (2010); CAMPOS (2010); COSTA & YAMAMOTO (2008); CRUZ (2011); DUPONT & DIAS (2008); HORTA & MORAES (2005); JACON (2006); LOVISOLO (2007); ROCHA-E-SILVA (2009); SILVA (2009a, 2009b; 2010).

periódicos. Este capítulo se traduz como o pano de fundo para a descrição dos próximos dois capítulos da dissertação.

Já o segundo capítulo faz uma explicação detalhada do Qualis, como se deu seu surgimento, quais as controvérsias que surgiram e ainda surgem em torno dessa avaliação e, faz um breve histórico do Qualis-Educação tentando traçar uma explicação das mudanças ocorridas desde sua primeira estratificação em 2001 até a classificação publicada em 2010 referente ao triênio 2007-2009. O que se observa neste capítulo é que a CAPES passou a se preocupar mais em explicar cada critério à comunidade científica e a exigir maior rigor em determinados critérios, como por exemplo a preocupação com a endogenia na autoria dos artigos, na composição do corpo de avaliadores e do corpo editorial. Este capítulo apresenta o Qualis como um indicador global de qualidade, pois demonstra como ele passou a estimular a publicação em veículos enquadrados nos estratos mais elevados e a indicar os veículos de maior relevância em cada área do conhecimento.

O terceiro e último capítulo trata da descrição do estudo empírico: o estudo etnográfico desenvolvido no âmbito de um periódico científico da área de Educação e as entrevistas realizadas com editores de outros periódicos da mesma área. O objetivo desta etapa da pesquisa foi verificar de que forma o Qualis se faz presente na rotina editorial de um periódico científico e quais são os aspectos do Qualis que se destacam durante todo o processo editorial. Neste capítulo foi possível verificar os ajustes na prática editorial dos periódicos ao ‘Sistema Qualis’, a fim de se conseguir boa classificação e o ponto de vista dos editores e da própria rotina editorial sobre o significado de qualidade.

Os resultados obtidos na pesquisa destacam que o Qualis tem se tornado cada vez mais um indicador importante na política científica e tecnológica do Brasil e, levando em consideração o aumento de sua importância no âmbito científico, surge então a necessidade de aprimoramento dos seus critérios de avaliação. O que de fato não é uma simples atualização, pois os pesquisadores (autores, editores, por exemplo) das diversas áreas do conhecimento, estão sempre enviando críticas e sugestões à CAPES com o objetivo de fazer com que os periódicos científicos, onde publicam suas pesquisas, sejam cada vez mais reconhecidos. Observa-se também que os pesquisadores e editores vêm se reunindo por meio de suas associações (de cada



área) para levantar questões relativas às avaliações tanto dos programas de pós-graduação quanto dos periódicos científicos, dentre outros temas.

Outro dado importante que surgiu no decorrer da pesquisa é a utilização do SEER, que vem sendo cada vez mais utilizado pelos periódicos científicos nacionais a fim de torná-los mais visíveis e cumprir com as exigências da CAPES em tornar os periódicos disponíveis eletronicamente. O SEER é um *software* que foi desenvolvido para a construção e gestão das publicações científicas eletrônicas e que contempla ações essenciais à automação das atividades de editoração dos periódicos científicos.

Tendo em vista que os periódicos científicos buscam melhorar sua qualidade para obterem reconhecimento perante os pares e comunidade científica, este trabalho demonstra o significado de qualidade para os editores desses periódicos e como essa definição passa a ser condicionada pelo Qualis e seus critérios. O termo qualidade, do ponto de vista dos editores, se traduz no periódico que cumpre com sua periodicidade, que possui diversas fontes de indexação e diretrizes de publicação bem claras e definidas, além de ser aquele periódico que é lembrado pelos membros da comunidade científica quando referenciado em outras publicações.

No decorrer deste estudo observa-se que o significado de qualidade de periódicos científicos, do ponto de vista da CAPES, se refere aqueles que possuem reconhecimento científico em sua área de pesquisa, ampla circulação e indexação em importantes bases de dados, além de ser aquele que publica artigos com autoria de diversas instituições.



## 1. AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

---

[...] a avaliação das atividades científicas é uma engrenagem central no processo de produção do conhecimento próprio da ciência (DAVYT GARCÍA, 2001, p:1).

O capítulo inicial desta dissertação discute a temática da avaliação da produção científica. O objetivo é compreender como e porque a produção científica – seja de um país, de uma organização e até mesmo dos próprios pesquisadores – necessita ser avaliada (e mensurada). Aprofundando um pouco mais no tema, este capítulo explica também a importância da comunicação científica, em especial no tocante a periódicos científicos e, procura elucidar o cenário brasileiro da avaliação desses periódicos no país.

Inicialmente vale ressaltar que o termo ‘produção científica’ não se refere somente à produção bibliográfica da ciência, pois este engloba também os demais resultados do esforço dedicado à pesquisa científica, como patentes e a própria contribuição social da ciência. Contudo, este termo é frequentemente utilizado para se referir à produção bibliográfica como os artigos científicos, por exemplo. Portanto, neste estudo o termo ‘produção científica’ será utilizado no sentido de produção bibliográfica da ciência.

Sendo assim, Mugnaini (2006) esclarece que “a amplitude da ciência produzida em um país pode ser apontada pela mensuração de sua produção bibliográfica”. Dessa forma e, a partir das informações presentes neste capítulo, é possível observar o quão é importante se ter conhecimento de onde, sobre o que e como a ciência está sendo abordada no país, bem como nota-se que os demais indicadores quantitativos da ciência<sup>4</sup> também têm grande importância no contexto científico e tecnológico brasileiro.

Em um trabalho com outros dois autores, Mugnaini explica que a produção de indicadores quantitativos da ciência, tecnologia e inovação (C,T&I) tem se fortalecido no Brasil por conta “da necessidade, por parte dos governos federal e estaduais, de dispor de instrumentos para definição de diretrizes, alocação de investimentos e recursos”, que contribuem para o desenvolvimento científico e tecnológico do país (MUGNAINI; JANNUZZI; QUONIAM, 2004).

---

<sup>4</sup> Neste estudo, os indicadores quantitativos da ciência se referem à produção científica, englobando publicações científicas e patentes. Os indicadores científicos, neste sentido, descrevem o passado e auxiliam na visão de um futuro próximo, servindo assim como um guia que ajuda a indicar áreas prioritárias de investimento, por exemplo.

Nota-se, portanto, que a ciência se torna cada vez mais dependente de capital e de investimentos em recursos humanos (MUGNAINI, 2006).

É neste âmbito que os ESCT se apresentam como uma área importante de análise da ciência, pois é por meio dos ESCT que se iniciam as observações sobre o comportamento dos cientistas, sobre a formação e organização das comunidades científicas e sua interação com a sociedade (MUGNAINI, 2006). O autor descreve ainda que a partir dos ESCT o sistema de C&T passa a ser medido, já que se espera deste o desenvolvimento da sociedade.

Baumgarten (2004) explica que os indicadores sobre C&T, especialmente os bibliométricos – relacionados à produção científica – partem da suposição mertoniana de que a principal meta da ciência é o avanço do conhecimento, sendo este medido por sua excelência. E é com a finalidade de definir essa excelência que a avaliação da produção científica é tão importante, tendo em vista que também serve como um instrumento na formulação de políticas (BAUMGARTEN, 2004).

O paradigma mertoniano de que a ciência avança por uma lógica interna própria trouxe consigo a ideia do *ethos* científico proposto por Merton (1977) seguindo o pensamento de estrutura normativa da ciência. Escóbar (2009) explica em outras palavras o caráter normativo da ciência definindo-o como sendo normas de comportamento ideal da ciência para Merton, consideradas pelo autor como práticas obrigatórias para “o homem de ciência” (MERTON, 1977). Os imperativos institucionais da ciência, definidos como *ethos* científico, descritos por Merton são: Comunalismo, Universalismo, Desinteresse e Ceticismo Organizado.

O **Comunalismo** se refere ao caráter comum da ciência onde esta é vista como parte do domínio público, ou em outras palavras, todos devem ter acesso à ciência e ela deve estar disponível a todos. O **Universalismo** entende que a ciência é realizada sem fronteiras, independente de crenças ou raças, ou seja, a ciência é de todos e para todos. O **Desinteresse** seria a inibição dos interesses pessoais dos cientistas e de fatores externos à ciência. É entendido como o fazer ciência pelo interesse da própria ciência, por curiosidade ou pelo motivo do próprio desenvolvimento da ciência. O **Ceticismo Organizado** se reflete como o caráter crítico da ciência, ou seja, os questionamentos gerados com relação aos resultados da ciência (ESCÓBAR, 2009; MATTEDI & SPIESS, 2010).

De acordo com Escóbar (2009) os estudos de Merton têm relação com a dinâmica interna da ciência na comunidade científica, que passa a ter contribuição de outros autores a partir dos anos 60, como Derek Solla Price (1976) que estudou a informação científica. Price teve como foco de seu estudo o crescimento exponencial da ciência e desenvolveu técnicas para estudar quantitativamente as tendências e variações científicas. Ademais, Price introduziu também uma noção mais qualitativa da produção científica, afirmando que o objetivo do cientista não é apenas publicar artigos científicos, mas sim comunicar o conhecimento (PRICE, 1976; ESCÓBAR, 2009).

Velho (1990) destaca que na década de 1960 “a sociologia da ciência já contava com todos os instrumentos técnicos para realizar estudos quantitativos da ciência”, o que promoveu o desenvolvimento de diversos estudos sobre publicações e citações entendendo a ciência como uma atividade social. Escóbar (2009) afirma que na década de 1970 o paradigma mertoniano – embora considerado o eixo condutor da análise quantitativa da ciência – foi fortemente questionado e deu espaço para a nova sociologia da ciência, passando do enfoque estruturalista funcionalista para o enfoque construtivista da ciência, com o Programa Forte<sup>5</sup> e os Estudos de Laboratório<sup>6</sup> (Etnografia da Ciência<sup>7</sup>).

Hagstrom (1965) foi outro pesquisador que questionou a estrutura normativa da ciência de Merton. Para ele os cientistas são influenciados pelo desejo de se obter reconhecimento de suas descobertas científicas, principalmente o reconhecimento dos pares (seus colegas de profissão) e não, como afirma Merton (1977), que existe o desinteresse pela atividade científica. De acordo com Hagstrom “o artigo científico é uma peça de trabalho acabada e polida” e, por este motivo a avaliação de seu conteúdo deve ser bastante criteriosa e cuidadosa (HAGSTROM, 1965).

Para Escóbar (2009), a avaliação é parte integrante do processo de construção do conhecimento científico e garante, assim como Davyt García (2001), que é por meio da avaliação

---

<sup>5</sup> O Programa Forte foi elaborado por David Bloor e Barry Barnes na década de 1970 e, de acordo com Kropf & Ferreira (1997), se traduz na análise sociológica dos conteúdos do conhecimento científico, ampliando a tradição dos estudos sociais da ciência que estavam restritos aos estudos das relações entre cientistas e os aspectos institucionais da atividade científica.

<sup>6</sup> Análise das práticas científicas. Ver LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A Vida de Laboratório*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

<sup>7</sup> Descrita no item 3.2.1.

que se definem os rumos, tanto da ciência propriamente dita, quanto das instituições ligadas à ela. Já para Baumgarten (2004), o tema da avaliação traz junto de si a questão da qualidade, que por sua vez é algo desprovido de um consenso, haja vista a falta de um debate mais aprofundado e fontes do significado de qualidade. Tendo como base essas afirmações e entendendo a controvérsia existente em torno do significado de qualidade, faz-se necessário avaliar empiricamente como a qualidade é construída e implementada nos periódicos científicos, pois é por intermédio dessas publicações que usualmente se mede a dinâmica e o crescimento da ciência.

Nos tópicos a seguir estão descritos com mais detalhes a importância da comunicação da ciência, o papel dos periódicos científicos e de sua avaliação. Este capítulo aborda também a realidade brasileira com relação à avaliação dos periódicos científicos no país, conforme citado anteriormente.

## **1.1. SOBRE A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA**

Qualquer que seja a concepção que se adote para a ciência, é impossível negar o seu caráter evolutivo, mutável e dinâmico, que faz da pesquisa científica seu instrumento-mor e da comunicação científica seu elemento básico. E mais, a informação constitui a essência da comunicação científica. Cada pesquisador é, ao mesmo tempo, produtor e consumidor da informação. Só a comunicação científica permite somar esforços, intercambiar experiências e evitar duplicação de tarefas (TARGINO & GARCIA, 2000, p:51).

A realização de pesquisas e a comunicação de seus resultados são atividades inseparáveis (MEADOWS, 1999, p:161).

Miranda & Pereira (1996) destacam que a comunicação científica é o conjunto de atividades associadas à produção, disseminação e uso da informação, que compreende desde o momento em que o cientista concebe uma ideia para pesquisar até o momento em que a informação é aceita como constituinte do conhecimento científico. Mueller (2000a) denomina a comunicação científica como a comunicação do trabalho intelectual de estudiosos e pesquisadores, compreendendo canais formais e informais que os cientistas utilizam para comunicarem seus resultados como também para se informarem dos resultados alcançados por outros pesquisadores.

Para Meadows (1999) “a comunicação científica situa-se no próprio coração da ciência” e por este motivo se torna tão vital quanto a própria pesquisa. A necessidade em comunicar os conhecimentos oriundos de descobertas científicas torna-se tão essencial quanto à própria concepção de ciência e que, por sua vez, acaba por impulsionar a criação de mecanismos capazes de promover a disseminação e o uso dessas informações (BARBALHO, 2005).

Santos-Rocha (2008) ressalta o papel da comunicação científica a partir da explicação de que “a ciência só contribui para o desenvolvimento de um país se houver um processo de comunicação eficaz” e afirma que é por meio da comunicação que a sociedade se informa dos processos tecnocientíficos. Por este motivo a comunicação científica é tão importante, principalmente quando se trata dos periódicos científicos, responsáveis por registrar a veiculação da informação com a garantia do ‘selo de qualidade’ expedido por membros da própria comunidade científica – avaliação pelos pares<sup>8</sup>. Além de uma rigorosa metodologia científica, para se obter confiabilidade é necessário (e importante) que os resultados obtidos pelas pesquisas de um cientista sejam divulgados e submetidos ao julgamento de outros cientistas (MUELLER, 2000a).

Freitas (2006) salienta que “ao publicarem textos, os estudiosos registram o conhecimento, legitimam disciplinas e campos de estudos, veiculam a comunicação entre os cientistas e propiciam a este o reconhecimento público pela prioridade da descoberta”. Dessa forma é possível perceber a importância da divulgação dos resultados das pesquisas por meio de canais científicos de comunicação com o propósito de comunicar à sociedade, mas acima disso, de divulgar aos pares as descobertas recentes e abrir caminhos para a construção do conhecimento científico propriamente dito.

De acordo com Meadows (1999) não é possível afirmar quando se começou a fazer pesquisa científica, muito menos quando pela primeira vez houve comunicação científica. Porém, conforme explica o autor, tudo indica que as atividades mais remotas que tiveram grande impacto na comunicação científica atual foram as dos gregos antigos, que se utilizavam da comunicação escrita e oral.

---

<sup>8</sup> Descrito no item 1.3.

Meadows (1999) explica que os gregos se reuniam para debater questões filosóficas que por sua vez eram registradas (precariamente) em manuscritos. Em seu livro “A comunicação científica” (1999), onde o autor descreve a comunicação científica desde os primórdios, Meadows relata que os registros dos debates gregos influenciaram a cultura árabe e em seguida a Europa Ocidental. No século XV, a introdução da imprensa na Europa passou a disponibilizar textos impressos, incitando assim a produção de livros, que em sua maior parte não eram relacionados à ciência.

O autor explica também a importância dos serviços postais na comunicação da ciência, tendo em vista que na época não existiam tantas facilidades de acesso à informações como se tem atualmente. Dessa forma, por meio dos serviços postais, a comunicação científica entre os cientistas era realizada por meio de cartas manuscritas que circulavam entre uma pequena quantidade de pesquisadores. Meadows (1999) destaca que se a ideia era atingir um número maior de pessoas, ficava muito mais fácil imprimir a carta que escrevê-la à mão, o que acabou resultando no surgimento dos periódicos científicos na segunda metade do século XVII.

Além dos periódicos a comunicação científica se apresenta de diversas formas, como em relatórios, trabalhos apresentados em congressos, palestras, livros e outros (MUELLER, 2000a). A autora esclarece também que a comunicação científica pode ter diversas funções, dentre elas a de informar, a de obter reações, a de registrar autoria e a de indicar e localizar documentos.

Entretanto, conforme citado anteriormente a comunicação científica compreende duas características principais: a formal e a informal (MEADOWS, 1999; MUELLER, 2000a; ESCÓBAR, 2009). A comunicação informal se utiliza dos canais informais e inclui informações de caráter mais pessoal ou que se referem à pesquisa ainda não concluída, como por exemplo, algumas apresentações de trabalhos em andamento em congressos (MUELLER, 2000a). Meadows (1999) explica que a comunicação informal é, em geral, efêmera ficando disposta a um público limitado.

Ao contrário da informação formal que por sua vez compreende os meios de comunicação formal, como livros e periódicos científicos (MUELLER, 2000a). Esse tipo de comunicação é destinado a um público mais amplo e é armazenado por um longo período de



tempo em bibliotecas, sendo assim “exemplos arquetípicos de comunicações formais” (MEADOWS, 1999). Este último autor ressalta ainda que em meados do século XVII os canais existentes até aquele momento para a comunicação científica – comunicação oral, correspondência pessoal e livros – foram complementados, ampliados e até substituídos por um novo veículo de comunicação científica: os periódicos científicos.

Para Miranda & Ferreira (1996) a comunicação da ciência por meio dos periódicos científicos cumpre um papel importante dentro do contexto científico-acadêmico, passando a contribuir na definição e legitimação de novas disciplinas e, portanto, constitui-se num espaço legítimo para a institucionalização do conhecimento e avanço de suas fronteiras. Mugnaini (2006) complementa que “a evolução histórica da comunicação científica expressa a consolidação do artigo científico, dentre as inúmeras formas de comunicar a ciência, como o principal veículo de informação técnico-científica, em diversas áreas do saber”, explicitando assim a importância dos periódicos como veículos de comunicação científica, bem como dos artigos, conteúdos desses veículos.

## **1.2. SOBRE OS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS**

Durante muito tempo, conforme destaca Barata (2010), o livro foi a principal forma de comunicação científica, porém sua produção demandava muito tempo e altos custos<sup>9</sup>. O surgimento do primeiro periódico científico – *Journal de Sçavans* – foi justificado como sendo uma publicação “para o alívio daqueles que são muito indolentes ou muito ocupados para ler livros inteiros” (MUELLER, 2000b). Mas essa não foi a única explicação para o surgimento dos periódicos científicos. Conforme explica Mueller (2000b), o advento da ciência moderna trouxe consigo a necessidade de uma comunicação mais rápida e precisa a fim de permitir a troca rápida de ideias e também das críticas dos cientistas interessados no assunto em questão.

---

<sup>9</sup> No entanto, o surgimento dos periódicos científicos não extinguiram os livros, mas serviram como complemento na comunicação científica. Os livros são publicados até hoje, porém em decorrência do alto custo de produção e da complexidade em se escrever/organizar um livro, os periódicos surgem como um meio de comunicação alternativo, mais rápido e de fácil acesso.

Assim sendo, os periódicos científicos passaram a ser um novo meio de comunicação da ciência, mais amplo que a comunicação oral e a correspondência pessoal, além de também ser mais rápido que os livros (MUELLER, 2000b). Resumidamente, cabe destacar que “os periódicos científicos são parte integrante do sistema de C&T, mais especificamente do processo de comunicação entre os cientistas”, desempenhando assim um papel central no desenvolvimento da própria ciência, que passa a ser reescrita e reinventada com vistas à aquisição de novos conhecimentos (RIBEIRO; RIBEIRO; OLIVEIRA, 2007). Meadows (1999) esclarece que o surgimento do periódico científico partiu da necessidade de um debate coletivo de questões relacionadas à ciência e da urgência de comunicação com um público cada vez mais crescente.

A definição, porém, do termo ‘periódico científico’ se apresenta de diversas formas na literatura. Para o desenvolvimento deste estudo, a definição escolhida foi a de Stumpf (1998a)<sup>10</sup> que os interpreta como publicações seriadas com características particulares. Dentre estas características estão: publicação em partes ou fascículos, numeradas progressiva ou cronologicamente, reunidas sob um título comum, editadas em intervalos regulares, com a intenção de continuidade infinita, formada por contribuições, na forma de artigos assinados, sob a direção de um editor. Em complementação à definição de Stumpf (1998a), Barbalho (2005) conceitua o periódico científico como “um canal de disseminação da ciência, publicado em períodos de tempo predefinidos, reunindo artigos de diversas autorias, e que apresentam rigor científico e metodológico”.

O surgimento do primeiro periódico científico se deu em 1665. Para alguns autores o primeiro periódico foi o *Journal des Sçavans* na França (Volpato, 2008; Mueller, 2000b) e para outros foi o *The Philosophical Transactions* na Inglaterra (MEADOWS, 1999; JACON, 2006). No entanto, esses dois periódicos têm somente dois meses de diferença entre o início de uma publicação e outra (STUMPF, 1998b). Enquanto o primeiro periódico tinha objetivo de transmitir aos leitores “acontecimentos dignos da curiosidade dos homens”, o segundo se dedicava exclusivamente ao registro das experiências científicas (MUELLER, 2000b).

---

<sup>10</sup> A utilização do termo ‘periódico’ ou ‘revista’ pouco importa, pois é somente diferenciado pelo tipo de profissional que o utiliza, como por exemplo, bibliotecários que preferem o primeiro termo enquanto pesquisadores (incluindo cientistas, professores e estudantes) têm o hábito de utilizar o segundo termo (STUMPF, 1998a).

O *The Philosophical Transactions* tinha também o objetivo de divulgar aos membros da *Royal Society*<sup>11</sup> as cartas enviadas por seus colegas cientistas relatando suas pesquisas (MUELLER, 2000b). Para Stumpf (1998b) o *Journal des Sçavans* influenciou o desenvolvimento dos periódicos dedicados à ciência em geral, sem comprometimento com uma área específica. Já o *The Philosophical Transactions*, de acordo com a autora, se tornou modelo das publicações das sociedades científicas, que surgiram em grande número durante o século XVIII. Este último periódico é tido como o pioneiro (o protótipo) do formato dos periódicos conhecidos atualmente.

Stumpf (1998b) destaca três funções principais dos periódicos científicos: i) ser uma espécie de arquivo da ciência; ii) ser os veículos de divulgação e comunicação do saber e, iii) ser os meios de conferir prestígio e reconhecimento aos autores. Barbalho (2005) e Mueller (2000b) explicam que as funções dos periódicos científicos vão mais além, sendo estes também responsáveis:

- pela comunicação formal dos resultados da pesquisa original para a comunidade científica e demais interessados;
- pela preservação do conhecimento registrado, pois os periódicos servem como arquivo das ideias e reflexões dos cientistas e dos resultados de suas pesquisas e observações;
- pelo estabelecimento da propriedade intelectual, pois tornando sua pesquisa pública, o autor registra formalmente sua autoria;
- pela manutenção do padrão da qualidade na ciência, tendo em vista que os periódicos dispõem de um corpo de avaliadores que conferem autoridade e confiabilidade do que é veiculado no periódico;
- por atuar como indicador da *performance* do pesquisador de modo a permitir seu reconhecimento;
- por proporcionar a integração e comunicação entre os autores, avaliadores, editores e leitores, constituindo-se num canal de comunicação que viabiliza o projeto de desenvolvimento científico da área e do país onde se insere e,
- por compor a memória científica nacional.

---

<sup>11</sup> A *Royal Society* é a instituição científica mais antiga do mundo destinada à promoção do conhecimento científico. Maiores informações: <<http://royalsociety.org/>>.

Ademais, de acordo com Barata (2010), os periódicos científicos passaram, nos últimos 50 anos, a medir o crescimento da própria ciência e também a apontar, por meio dos índices cientométricos<sup>12</sup>, as áreas sensíveis para investimentos. O que coloca esses índices como componentes importantes dos indicadores de política científica e tecnológica.

Os periódicos científicos são por sua vez organizados de acordo com suas categorias. Braga & Oberhofer (1982) separam os periódicos em três divisões: os científicos, os técnicos e os de divulgação. De acordo com Stumpf (1998b), os **científicos** são aqueles que dedicam mais de 50% de seu conteúdo a artigos assinados, resultantes de atividades de pesquisa. Este tipo de artigo é identificado de acordo com sua metodologia, seus resultados e suas conclusões. Os periódicos **técnicos** são os que dedicam mais de 50% de seu conteúdo a artigos assinados que emitem opiniões, pontos de vista de especialistas sob determinado assunto, mas que não são resultados de pesquisa propriamente dita. Os periódicos de **divulgação** são aqueles que dedicam mais de 50% do seu conteúdo a notícias curtas ou informes e que não são assinados (STUMPF, 1998b; BRAGA & OBERHOFER, 1982).

No Brasil a comunicação científica teve seu início no século XIX com a publicação de jornais cotidianos, não especializados e voltados ao público em geral (FREITAS, 2006). De acordo com a autora, o primeiro periódico impresso no Brasil foi a *Gazeta do Rio de Janeiro* que tinha o papel de divulgar os assuntos científicos e noticiar a produção de obras, a realização de cursos, a produção e vendas de livros e textos científicos. Em seguida surgiram outros periódicos como a *Idade d'Ouro do Brasil* (Bahia), *As Variedades ou Ensaio de Literatura* (Bahia) e *O Patriota, Jornal Literário, Político, Mercantil do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro), considerado o primeiro periódico dedicado às ciências e às artes no Brasil (FREITAS, 2006).

Stumpf (1998a) explica que fazer estimativas e controle das publicações periódicas de cunho científico no país, sempre foi muito difícil. Esta autora estudou sobre o apoio governamental aos periódicos brasileiros desde a década de 1950, conforme descrito a seguir.

---

<sup>12</sup> De acordo com Mugnaini (2006), a cientometria se utiliza de indicadores (de insumo e produto) a fim de analisar o aparato científico-tecnológico, associando as causas e os efeitos do sistema científico. No âmbito da cientometria encontra-se a bibliometria que está voltada para o estudo da geração e utilização das informações científica e/ou tecnológica. Velho (2008b) acrescenta que a cientometria é a forma de análise quantitativa da ciência que se preocupa com a bibliometria, com a emergência e o crescimento de áreas científicas, com a formação de recursos humanos e compilações de indicadores científicos.

De acordo com a autora, a primeira tentativa de levantamento dos títulos de publicações periódicas no Brasil foi realizada pelo IBBD – Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, com o título **Periódicos Brasileiros de Cultura**, em 1956 que contava com 1.087 títulos no total. Em 1968, outra edição foi publicada contando com 2.049 periódicos. Já em 1977 foi realizado outro levantamento com periódicos somente da área científica e tecnológica incluindo 2.927 títulos, dessa vez intitulado **Periódicos Brasileiros de Ciência e Tecnologia**, organizado pelo IBICT – sucessor do IBBD. Em 1987 foi feito novo levantamento, sob o título **Guia de Publicações Seriadas Brasileiras**, contando com apenas 1.577 títulos (STUMPF, 1998a). Este último com menor quantidade de periódicos que o anterior, pois conforme apresentado no decorrer do texto, diversos periódicos citados em outros levantamentos não tiveram um ciclo de vida muito longo em decorrência de vários problemas, dentre eles a falta de infraestrutura para a captação de artigos originais e a evasão dos melhores artigos para periódicos estrangeiros (STUMPF, 1998a).

Na década de 1970 começaram a ser elaborados os planos de desenvolvimento em ciência e tecnologia, dentre os quais se destacam as políticas de apoio à informação científica e tecnológica, contemplando o então setor de publicações. A partir deste momento os esforços à elaboração de políticas para a área de publicações científicas começou a ganhar força (STUMPF 1998a, 1998b). A autora destaca que na década de 1980 foi elaborado um programa intitulado **Ação Programada em Informação em Ciência e Tecnologia** onde se verificou que os periódicos nacionais careciam de padrões mínimos de qualidade tanto editorial quanto relacionado aos quesitos gráficos e de padronização. A explicação para esse problema é apontada pela falta de recursos humanos qualificados para o trabalho editorial e também pela inexistência de manuais e normas nacionais para o trabalho de editoração de livros e periódicos.

Schwartzman (1994) declara que a ação governamental, ou seja, uma política de apoio aos periódicos científicos era necessária para fortalecer os periódicos nacionais. Para o autor esses periódicos deveriam buscar níveis de qualidade que fossem capazes de atrair a colaboração dos cientistas mais capacitados. De acordo com a ideia de Schwartzman, a qualidade dos periódicos científicos poderia ser alcançada seguindo os critérios de i) qualidade do corpo editorial e integridade do processo de avaliação dos artigos; ii) padronização aceita internacionalmente e periodicidade regular; iii) serviços gráficos rápidos e eficazes e, iv)

facilidade no relacionamento entre os editores e leitores (STUMPF, 1998a; SCHWARTZMAN, 1984).

Valério (1994) destaca o surgimento do **Programa de Apoio às Revistas Científicas**, criado na década de 1980 numa parceria entre o CNPq e a Finep. Este programa tinha como objetivo apoiar ao menos um periódico brasileiro de prestígio internacional em cada área do conhecimento. A autora verificou que por meio deste programa se iniciou no país a manutenção da regularidade de alguns periódicos bem como também o cumprimento das exigências no tocante à forma e conteúdo desses periódicos (VALÉRIO, 1994).

A partir daí, de acordo com Stumpf (1998a) as FAPs (Fundações de Amparo à Pesquisas – estaduais) começaram a promover orientação e auxílio financeiro aos periódicos científicos em cada estado. Neste momento algumas universidades começaram a se preocupar e também a apoiar os periódicos científicos que se desenvolviam em suas unidades. Em 1985 surge a ABEC criada com o intuito de desenvolver e aprimorar a publicação dos periódicos científicos brasileiros e de intercambiar as ideias (opiniões, problemas e sugestões) dos editores científicos (STUMPF, 1998a).

Atualmente no Brasil o controle dos periódicos científicos é realizado pelo IBICT<sup>13</sup> por meio do ISSN<sup>14</sup> (*International Standard Serial Number*) – número identificador específico para cada periódico (MUELLER, 2000b). O ISSN é o identificador aceito internacionalmente para individualizar o título de uma publicação seriada sendo este único e definitivo. Dessa forma observa-se o importante papel do IBICT na comunicação científica brasileira, pois de acordo com a própria instituição, sua missão é a de “promover a competência, o desenvolvimento de recursos e a infraestrutura de informação em C&T para a produção, socialização e integração do conhecimento científico-tecnológico” (IBICT, 2012). Contudo e apesar dos esforços despendidos à coleta de informações, não é possível afirmar a quantidade exata de periódicos científicos ativos existentes atualmente no Brasil. No ISSN a quantidade registrada de periódicos é de 32.415 sendo 29.329 ativas, porém essa quantidade não se refere somente periódicos científicos, mas engloba também os técnicos (IBICT, 2012).

---

<sup>13</sup> O IBICT foi fundado em 1954, a partir do antigo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), surgiu a partir da necessidade de informações em C&T por parte do MCT (IBICT, 2011c).

<sup>14</sup> Em português: Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas.

A partir da década de 1990 os periódicos começam a passar por uma grande mudança, por meio das redes de telecomunicações para transmissão eletrônica (STUMPF, 1998a). Dessa forma surgem os periódicos científicos eletrônicos como uma alternativa para a versão impressa das publicações e para alcançar o maior público possível. A autora destaca ainda que a mudança da versão impressa para a eletrônica é irreversível, mas que ao mesmo tempo uma é decorrente da outra, como se fosse uma forma de aperfeiçoar algo que já existe.

Mueller (2000b) explica que o formato eletrônico dos periódicos científicos é tido como uma solução aos problemas encontrados nos periódicos em formato impresso, pois oferecem maior rapidez na comunicação, flexibilidade de acesso, disponibilidade imediata, além de ter amplo alcance e baixo custo de manutenção. Para a autora os periódicos científicos eletrônicos são um meio de comunicação extremamente versátil e rápido que permite a divulgação da pesquisa imediatamente após a sua conclusão, ignorando barreiras geográficas e permitindo a recuperação das informações veiculadas de uma forma mais prática (MUELLER, 2000b).

Complementando, Bomfá; Blattmann; Castro (2006) explicam que a versão eletrônica dos periódicos científicos é capaz de trazer informações e dados ausentes do periódico impresso, mas que a versão *online* por si só não garante sua qualidade. Os autores explicam que a versão eletrônica tem grandes vantagens sobre a versão impressa, mas também apresenta algumas desvantagens, como a necessidade de pessoal treinado e adaptação dos colaboradores do periódico ao novo recurso.

No Brasil as equipes editoriais dos periódicos (e as instituições onde eles se localizam) têm livre arbítrio para se tornarem eletrônicos e organizarem sua gestão da forma como preferirem. Contudo, o IBICT, em parceria com o PKP (*Public Knowledge Project*) da *University of British Columbia* trouxe para o país o OJS (*Open Journal System*), traduzido para o português como o SEER (IBICT, 2012). De acordo com o próprio IBICT, o SEER é resultado da prospecção tecnológica realizada pela instituição a fim de identificar aplicativos para possibilitar o tratamento e a disseminação da produção científica brasileira na *web*. O SEER “é um *software* desenvolvido para a construção e gestão de uma publicação periódica eletrônica”, que contempla as ações essenciais para o desenvolvimento das atividades de editoração de periódicos científicos (IBICT, 2012).

Ademais, o SEER – bem como destacado pelo IBICT (2012) e pelo Prof. Dario Fiorentini<sup>15</sup> – é recomendado pela CAPES, pois permite uma melhoria na avaliação da qualidade dos periódicos além de maior rapidez no fluxo das informações. O sistema permite também a “disseminação, divulgação e preservação dos conteúdos dos periódicos brasileiros” (IBICT, 2012).

Cabe destacar que a preocupação com a qualidade dos periódicos científicos tem igual importância tanto para os periódicos na forma impressa quanto os que se apresentam na forma eletrônica (SOUZA; FORESTI; VIDOTTI, 2004). Tendo em vista a preocupação com a qualidade do conteúdo dos veículos de divulgação científica – em especial dos periódicos – o próximo tópico deste trabalho aborda as questões referentes à avaliação desses veículos.

### **1.3. SOBRE A AVALIAÇÃO DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS**

Avaliar significa determinar valores para mensurar o mérito daquilo que está em análise com o objetivo de compreender e estimar a sua capacidade de atendimento a certos requisitos estabelecidos e comparar, instituir competição, concorrência (BARBALHO, 2005, p.8).

Assim como citado anteriormente, fazer circular os conhecimentos oriundos das descobertas científicas acaba se tornando um elemento tão essencial quanto a própria concepção de ciência e, de acordo com Barbalho (2005), “não basta publicar: é fundamental que o material produzido seja localizado, lido e aceito, ou seja, avaliado” – em outras palavras, o conhecimento científico precisa ser ‘aceito’ pelos pares e visto como algo importante para o desenvolvimento científico de determinada área.

A literatura sobre difusão do conhecimento ressalta o papel central da publicação: como coloca Vessuri (1991), “um conhecimento científico só adquire valor a partir do momento em que é difundido dentro da comunidade científica, pois somente assim poderá contribuir, de fato, para o avanço da ciência”. A necessidade de se publicar resultados de pesquisa a fim de validá-los como conhecimento científico somada à necessidade da comunidade científica em

---

<sup>15</sup> Em entrevista descrita no capítulo 2.



definir o que é ciência de qualidade e o que não é, resulta num processo constante de avaliação da produção científica e na construção de indicadores de C&T.

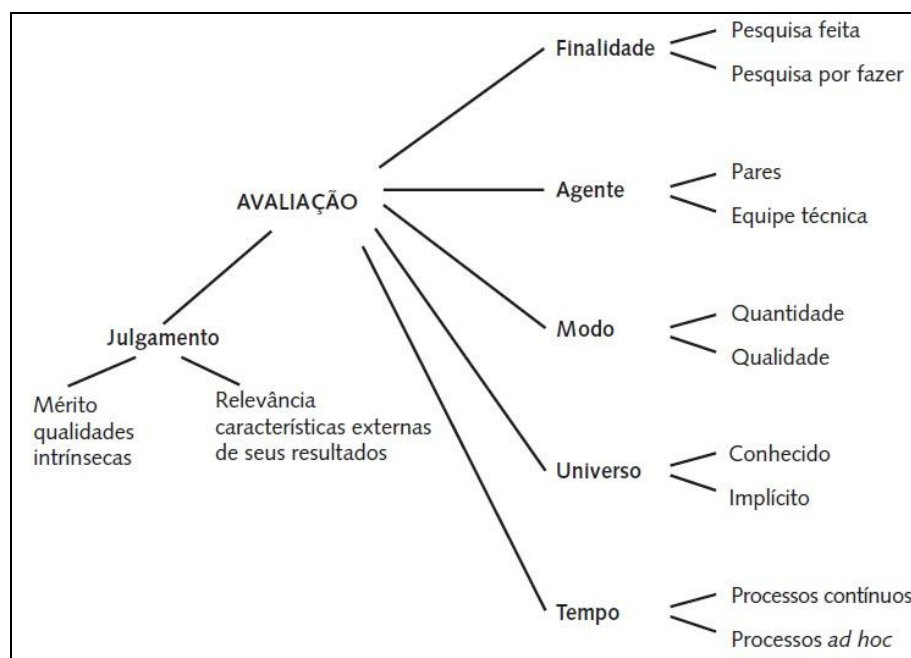
Velho (1992) destaca ainda que o interesse na avaliação e monitoramento das atividades de C&T pode ser explicado por diversas razões, dentre elas a ideia de que a ciência e a tecnologia são fatores fundamentais para o desenvolvimento do país e também pelo fato de que os custos com atividades científicas e tecnológicas são cada vez mais crescentes. Por este e outros motivos é necessário manter indicadores de C&T atualizados que auxiliem na tomada de decisão para alocação de recursos e também para a publicação de determinado trabalho ao invés de outro, por exemplo.

Mugnaini (2006) explica que a exigência de uma quantidade cada vez maior de informação para a definição de prioridades e investimento na ciência acabou levando governos, agências responsáveis pela alocação de recursos à C&T e organizações internacionais a optarem pelos métodos quantitativos de análise da produção científica.

Dessa forma a avaliação é tida como um componente da política científica e tecnológica orientado para medir se o esforço destinado à pesquisa e publicação científica traz os resultados esperados, caso contrário este esforço é visto como redundante e sem utilidade significativa (ESCÓBAR, 2009; SPINAK, 2001). Spinak (2001) destaca que a avaliação quantitativa da ciência tem suas limitações pelo fato de demonstrar somente a quantidade – ou de algum modo até a produtividade – mas que não demonstra a qualidade e conteúdo das publicações, tornando-se então alvo constante de crítica. Entretanto, quando se trata de avaliação, nos referimos ao uso de valores e julgamentos subjetivos, que incorporam elementos, condições e variáveis de contexto, explicita Baumgarten (2004).

Baumgarten (2004) afirma que existem diversos parâmetros no processo de avaliação do setor de C&T, pois este varia de acordo com a finalidade da avaliação (que conforme explicita a autora incide sobre a *pesquisa por fazer* e a *pesquisa já realizada*), varia também de acordo com o agente (pelos pares ou agências financiadoras, por exemplo), de acordo com o modo de avaliação (qualitativo/quantitativo), quanto ao universo (implícito ou conhecido) e quanto ao tempo (contínuo ou *ad hoc*). A figura 1.3. representa as variáveis do processo de avaliação conforme explicação da autora.

**FIGURA 1.1 – VARIÁVEIS DO PROCESSO AVALIATIVO**



**Fonte:** Baumgartem (2004).

Considerando as formas de avaliação da *pesquisa por fazer* (por parte das agências financiadoras) e da *pesquisa já realizada* (pelos pares), temos no primeiro caso a avaliação de projetos de pesquisa baseado na necessidade do financiador em reduzir os riscos para alocação de recursos e no segundo caso uma forma de avaliação a fim de conferir confiabilidade e credibilidade às pesquisas (BAUMGARTEN, 2004; MUGNAINI, 2006). A relação entre a *pesquisa realizada* e a *pesquisa por fazer* é estratégica de acordo com Muganini (2006), pois para este autor a *pesquisa realizada* deve auxiliar na definição dos critérios de avaliação da *pesquisa a ser feita*.

No caso do trabalho aqui descrito o tipo de avaliação abordado é o da *pesquisa já realizada*, mais especificamente a pesquisa publicada em periódicos científicos e avaliada pelos pares. Deste modo, levando em consideração o crescente número de publicações científicas, Ferreira & Krzyzanowski (2003) destacam que surgem diversos problemas relacionados à qualidade da informação divulgada por meio dos periódicos científicos, como por exemplo, i) a irregularidade na publicação e distribuição do periódico; ii) a falta de normalização dos artigos científicos e do periódico como um todo; iii) os problemas ligados à avaliação de conteúdo,

sendo: corpo editorial ‘conveniente’ e processo de avaliação pelos pares inadequado; iv) o baixo grau de originalidade e novidade dos artigos científicos e, v) a falta de recursos financeiros.

Conforme pontuam Pinto & Andrade (1999), a avaliação das publicações científicas tem se tornado cada vez mais presente e necessária, tendo em vista: i) o significativo aumento de publicações; ii) o pensamento de publicar ou perecer independente do valor intrínseco do trabalho; iii) o fato de as linhas de pesquisa estarem se transformando em verdadeiras fábricas de artigos como se fossem linhas de montagem, sacrificando a formação de pesquisadores críticos às custas da obtenção de índices numéricos e; iv) a liderança científica com base no número de artigos publicados por parte dos pesquisadores e grupos de pesquisa.

Já para Costa & Yamamoto (2008) a necessidade de avaliação das publicações científicas se deve ao crescente número de publicações, sendo assim considerada uma atividade essencial para assegurar qualidade ao processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento da ciência, além de garantir que o que está sendo produzido e veiculado é relevante e confiável. Barbalho (2005) acrescenta que “a sociedade atual necessita de critérios confiáveis que avaliem e qualifiquem os veículos de disseminação, com vistas a permitir maior compartilhamento de conhecimentos, dentro de um projeto amplo de desenvolvimento global das nações e dos povos”.

Ferreira & Targino (2010) destacam que “se o sistema de publicações da ciência se organiza em torno dos periódicos científicos é natural a adoção de um sistema rigoroso de certificação de qualidade” sendo este um elemento característico que tenha possibilidade de proporcionar o caráter científico a estas publicações.

No Brasil, os estudos sobre comunicação científica tiveram início na década de 1970 com a implantação da Pós-Graduação em Ciência da Informação (MIRANDA & PEREIRA, 1996). Porém, Ferreira & Krzyzanowski (2003) ressaltam que já na década de 1960 pesquisas sobre avaliação de periódicos científicos demonstravam a importância do estabelecimento de parâmetros para medir a qualidade das informações veiculadas por meio dos artigos científicos.

As primeiras tentativas de avaliação de periódicos científicos no Brasil partiram do modelo criado pela Unesco por meio do *Grupo de Trabalho para Seleção de Periódicos Científicos Latino-Americanos*, na década de 1960. Este modelo de mensuração dos periódicos

científicos buscou classificar os periódicos existentes naquele momento em uma escala que variava de deficiente a excelente, se baseando em critérios como a apresentação do material, duração, regularidade, periodicidade, aceitação de colaboradores de outras instituições, nível de especialização e indexação, propostos por Arends<sup>16</sup>, que propôs também a criação de um organismo regulador da qualidade dos periódicos médicos venezuelanos (FERREIRA & KRZYZANOWSKI, 2003; CASTRO; FERREIRA; VIDILI, 1996; YAMAMOTO *et al*, 2002).

Com base na experiência venezuelana, em 1982, Braga & Oberhofer apresentaram um modelo que procurou refletir aspectos de forma e qualidade dos periódicos brasileiros dentro de parâmetros mensuráveis (CASTRO; FERREIRA; VIDILI, 1996). Esses parâmetros contemplavam aspectos **intrínsecos** e **extrínsecos** – formais e de mérito – traduzidos por indicadores que possibilitavam a pontuação e hierarquização dos periódicos (YAMAMOTO *et al*, 2002).

Castro; Ferreira; Vidili (1996) afirmam que em 1985 Yahn<sup>17</sup> avaliou os periódicos científicos brasileiros na área de Agricultura aplicando o modelo de Braga & Oberhofer. O estudo demonstrou algumas limitações no modelo utilizado até então e fez sugestões de uma avaliação mais completa incluindo a opinião do pesquisador – ou seja, a proposta de Yahn era a de abranger a avaliação conjunta de mérito (conteúdo) e de desempenho (forma) de maneira mais ampla. Já outra pesquisa realizada por Martins<sup>18</sup>, também citada por Castro; Ferreira; Vidili (1996) fez uma avaliação com periódicos da área de ciência e tecnologia utilizando-se de um formulário próprio que verificou o grau de normalização dos periódicos com base nas normas da ABNT<sup>19</sup>.

Em 1991 outro estudo foi realizado, dessa vez por Krzyzanowski *et al*<sup>20</sup>, o qual visou refinar e atualizar o núcleo básico de periódicos científicos nacionais nas diversas áreas do conhecimento. Este trabalho teve como objetivo subsidiar o programa de apoio financeiro aos periódicos científicos da FAPESP. Conforme descrevem Ferreira & Krzyzanowski (2003) a

---

<sup>16</sup> ARENDS, L. *Las revistas médicas venezolanas: evaluación de su calidad*. In: Acta Cient. Venezolana, v.19, 1968.

<sup>17</sup> YAHN, V. G. *Avaliação de periódicos de agricultura*. In: Ver. Bras. Bibliotecon. Doc., vol. 18, n. 13, 1985.

<sup>18</sup> MARTINS, M. D. *Avaliação da normalização de periódicos brasileiros nas áreas de ciência e tecnologia*. In: Rev. Bibliotecon. Brasília, vol. 14, n. 2, 1986.

<sup>19</sup> Ver <http://www.abnt.org.br/>.

<sup>20</sup> KRZYZANOWSKI, R. F. *et al. Programa de apoio às revistas científicas para a FAPESP*. In: Ciência da Informação, vol. 20, 1991.

metodologia deste estudo teve como princípio a avaliação de mérito dos periódicos pelos seus pares, classificando-os de acordo com seu nível de relevância: prioritários, importantes e de importância relativa.

A pedido da Finep, do CNPq e da FAPESP, em 1998 Krzyzanowski & Ferreira<sup>21</sup> realizaram uma avaliação dos periódicos financiados pelas respectivas agências. Os resultados deste estudo demonstraram que o periódico precisa ser avaliado tanto no seu conteúdo quanto na sua forma de apresentação para que se possa verificar sua qualidade global (FERREIRA & KRZYZANOWSKI, 2003).

Já em 1999 Yamamoto *et al*<sup>22</sup> realizaram, a pedido da CAPES, uma avaliação de periódicos científicos em Psicologia. O modelo foi baseado em Krzyzanowski & Ferreira (1998) e incluiu em sua classificação aspectos relacionados ao âmbito – local (periódicos de âmbito restrito de circulação) e nacional (periódicos de circulação maior).

Nota-se que a evolução histórica dos estudos sobre avaliação dos periódicos científicos no Brasil passou por uma série de etapas que conduziram à avaliação feita nos dias de hoje pela CAPES, por meio do Qualis. Percebe-se também que tanto o *conteúdo* do periódico quanto seus aspectos relacionados à *normalização* são levados em consideração em todas as avaliações citadas. A partir de 1999 com o trabalho de Yamamoto *et al*, a circulação e a abrangência dos periódicos passaram também a serem vistas como critérios importantes na avaliação. Em termos de análise, vemos então uma crescente busca de quantificar critérios de qualidade, ligada à uma busca também de normatização e padronização dos periódicos. A mensurabilidade de critérios de qualidade se torna então uma parte fundamental dos critérios de avaliação adotados no Brasil e na América Latina.

Dessa forma, Ferreira & Krzyzanowski (2003) explicam que diversos critérios relacionados ao *conteúdo* dos periódicos são avaliados, dentre eles estão:

---

<sup>21</sup> KRZYZANOWSKI, R. F.; FERREIRA, M. C. G. *Avaliação de periódicos científicos e técnicos brasileiros*. In: Ciência da Informação, vol. 27, 1998.

<sup>22</sup> YAMOMOTO, O. H.; et al. *Periódicos científicos em psicologia: uma proposta de avaliação*. Infocapes, v. 7, n. 3, p. 7-13, 1999.

- a qualidade dos artigos (referente ao nível científico, atualidade, identificação com a orientação temática do periódico e percentual de artigos originais);
- a qualidade do corpo editorial e dos consultores (com a participação de membros da comunidade nacional e internacional);
- os critérios de arbitragem dos textos;
- a natureza do órgão publicador (que devem ser preferencialmente instituições de ensino, pesquisa e sociedade científica);
- abrangência quanto a origem dos trabalhos (nível institucional, nacional e internacional);
- difusão do periódico (ampla distribuição e divulgação) e,
- indexação (bases de dados nacionais e internacionais).

As autoras explicam também que com relação à *normalização* a rigorosidade se torna algo imprescindível. Ferreira & Krzyzanowski (2003) afirmam que dentre os itens de *normalização* importantes na avaliação dos periódicos destacam-se:

- o formato do periódico (que é indicado a manter sempre o mesmo padrão, tendo modificações incorporadas somente no início de novos volumes);
- a capa contendo informações sobre o título, a instituição responsável, o ISSN, número de volume, ano de publicação;
- o próprio ISSN;
- o sumário;
- instruções aos autores;
- regularidade da publicação;
- periodicidade dependendo da área,
- tempo de existência (de acordo com as autoras os periódicos que conseguem ter uma vida longa são bastante valorizados).

Stumpf (2003) explica que os indicadores de conteúdo (mérito) e de forma (desempenho), também denominados de indicadores *intrínsecos* e *extrínsecos* por Valério (1994), se referem respectivamente aos aspectos formais do periódico e à sua relevância científica. A autora afirma que nem sempre fica claro a que indicadores os avaliadores se referem porque a qualidade interna se mistura com a externa, porém vários estudos têm sido dedicados ao processo

de avaliação dos originais pelos pares, por ser considerado o controle de qualidade fundamental na manutenção do elevado padrão de qualidade da ciência.

A avaliação por pares leva em consideração o conhecimento de cientistas reconhecidos dentro de determinada área, sendo estes considerados possuidores de condições privilegiadas para julgar as pesquisas e instituições de suas respectivas áreas (BAUMGARTEN, 2004). Stumpf (2005) explica que o sistema de avaliação da produção científica pelos pares é conhecido também como sistema de arbitragem ou sistema de avaliação de originais, que em inglês se denomina como *referee system* ou *peer review*. Davyt García (2001) complementa afirmando que a avaliação pelos pares parte do pressuposto de que somente os próprios cientistas podem avaliar o trabalho de seus colegas.

Contudo, Stumpf (2005) e Baumgarten (2004) relatam as fragilidades do sistema de avaliação pelos pares. Para a primeira autora os avaliadores “agem como filtros que removem as contribuições indesejadas, mas também são eles os encarregados de avaliar quem deve receber as recompensas baseadas no desempenho das atividades científicas” (STUMPF, 2005). Baumgarten (2004) destaca como problemas inerentes ao sistema de avaliação pelos pares abrem a possibilidade de favoritismo, discriminações e pressões. Para a autora, esses problemas podem ser resolvidos com uma frequente renovação do quadro de avaliadores e a garantia do processo *double blind review*, no qual tanto os autores como os avaliadores não são identificados durante o processo de avaliação.

Dentre os critérios de conteúdo citados anteriormente está a indexação dos periódicos científicos em bases de dados de suas respectivas áreas. De acordo com Mugnaini (2006) as bases de dados servem como armazenamento da informação científica sob inúmeras formas, permitindo assim o acesso à literatura científica global de forma dinâmica. O autor explica ainda que as bases não apenas reúnem os periódicos científicos, mas fazem uma seleção deles por meio de avaliação prévia considerando as características de qualidade científica e editorial desses periódicos. Baumgarten (2004) destaca ainda que as bases de dados internacionais (geralmente tidas como mais criteriosas) acabam por separar a literatura *mainstream* – publicações consideradas os canais mais importantes de comunicação científica – das demais publicações denominadas periféricas – que não apresentam padrão e prestígio internacional.

As bases de dados levam-nos a outra forma de avaliação dos periódicos científicos: o Fator de Impacto (FI)<sup>23</sup>. Conforme destaca Mugnaini (2006), dentre as bases de dados multidisciplinares mais conhecidas e de maior prestígio estão as do ISI (*Institute for Scientific Information*) fundado em 1958 por Eugene Garfield reunidas na *Web of Science*®. As mais conhecidas são SCI (*Science Citation Index*®), SSCI (*Social Science Citation Index*®) e A&HCI (*Arts and Humanities Citations Index*®). De acordo com Mugnaini (2006) os periódicos indexados nessas bases têm um valor maior do que as que não fazem parte dela, pois são consideradas como *mainstream*.

O FI<sup>24</sup>, por sua vez, criado e difundido pelo ISI na década de 1960, se traduz no impacto das publicações científicas. O FI depende da frequência com que o periódico é citado num determinado período de tempo. Ruiz; Greco; Braile (2009) explicam que o FI de um determinado ano é composto pelo número de citações de artigos de um determinado periódico no universo de todos os periódicos nos dois anos anteriores como numerador e, como denominador tem-se o número de artigos publicados pelo periódico neste mesmo período. Os autores esclarecem que com o passar do tempo o FI assumiu outro papel além de ser somente uma medida de qualidade dos periódicos científicos, ele passou a ser utilizado também como uma ferramenta acadêmica de avaliação da produtividade, auxiliando assim na obtenção de financiamentos.

Contudo, Pinto & Andrade (1999) afirmam que os periódicos de países latino-americanos, como o Brasil, tendem a apresentar baixos fatores de impacto. Ademais, são poucos os periódicos brasileiros que conseguem cumprir com todos os requisitos de qualidade solicitados pelo ISI para serem indexados em tal base e terem a medição do FI. Os autores explicam que esse fenômeno ocorre em decorrência de diversos fatores, onde destacam-se a preferência dos pesquisadores em publicarem os seus melhores trabalhos em periódicos estrangeiros de alto FI (desfavorecendo os periódicos nacionais), o ‘mau hábito’ dos pesquisadores brasileiros em não citarem seus colegas brasileiros e a língua de origem que não é o inglês.

---

<sup>23</sup> Conforme destaca Meadows (1999) “uma forma de avaliar a qualidade de uma publicação consiste em verificar o nível de interesse dos outros pela pesquisa”, sendo que o meio mais fácil de obter esta medida é através da quantidade de citações que ela recebe na bibliografia ulterior.

<sup>24</sup> Cabe destacar que somente os periódicos indexados no ISI são considerados para o cálculo do FI (MARZIALE & MENDES, 2002).



Adequando-se à realidade brasileira (e latino-americana), temos o SciELO (*Scientific Eletronic Library Online*<sup>25</sup>) – que partiu de uma iniciativa do Centro Latinoamericano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME) em conjunto com a FAPESP e o CNPq. Conforme explica Escóbar (2009) o SciELO foi criado em 1998 a partir de uma base de dados multidisciplinar de textos completos abordando várias áreas do conhecimento, em especial a área de Saúde do Brasil e América Latina. Para fazer parte do acervo de periódicos científicos do SciELO, esses precisam cumprir com alguns requisitos de qualidade, englobando critérios de caráter intrínsecos e extrínsecos citados anteriormente.

Conforme destaca Meneghini o SciELO exerce no Brasil um papel semelhante ao do ISI, indexando os melhores periódicos brasileiros selecionados por critérios de qualidade<sup>26</sup>. Ademais, outro aspecto importante do SciELO é que em sua base de dados são disponibilizados artigos com textos completos em acesso aberto<sup>27</sup>. Contudo, não é o SciELO o responsável pela classificação dos periódicos científicos brasileiros, pois este é somente uma base de dados com a seleção dos periódicos mais relevantes (e que cumprem com os requisitos de qualidade exigidos) do Brasil e América Latina.

A classificação dos periódicos científicos brasileiros é feita por meio do Qualis<sup>28</sup>, organizado pela CAPES. Para entender como se deu o início das avaliações bem como entender o próprio papel da CAPES na avaliação dos periódicos e dos programas de pós-graduação, o item a seguir aborda os temas referentes à realidade brasileira.

#### **1.4. CENÁRIO BRASILEIRO DA AVALIAÇÃO DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS**

A década de 1950 é tida como o marco inicial da Política de Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil, especialmente a partir da criação do CNPq – Conselho Nacional de Pesquisas<sup>29</sup> – e da CAPES – Campanha de Pessoal de Nível Superior<sup>30</sup>, ambos em 1951.

---

<sup>25</sup> Para maiores informações ver <<http://www.scielo.org/php/index.php>>.

<sup>26</sup> Ver <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1205200909.htm>>.

<sup>27</sup> Para maiores informações ver <<http://www.acessoaberto.org/>>.

<sup>28</sup> Descrito no capítulo 2.

<sup>29</sup> Atual Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

<sup>30</sup> Atual Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Schwartzman (2001) afirma que a criação dessas duas instituições marcou o início dos esforços do governo federal em apoiar e desenvolver a formação de alto nível e a pesquisa científica no Brasil.

O CNPq foi criado em 15/01/1951 para suprir a necessidade do Brasil em se equiparar a outros países na área de pesquisas sobre energia nuclear, inclusive tinha a finalidade de promover e estimular o desenvolvimento da pesquisa científica e tecnológica em qualquer domínio do conhecimento (MOREL, 1979).

Já a CAPES, criada em 11/07/1951, tinha como objetivo principal promover uma campanha na qual se visava a melhoria do ensino superior no país, além de garantir a existência de profissionais, tais como técnicos, cientistas e humanistas que atendessem às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que tinham como foco o desenvolvimento econômico e cultural do Brasil (MOREL, 1979). Ademais a CAPES foi criada também com o objetivo de oferecer aos indivíduos mais capazes e que não tinham recursos econômicos, a formação científica ou profissional que precisassem. Politicamente falando, a criação da CAPES ocorreu durante o segundo Governo Vargas, no qual a retomada do projeto de construção de uma nação desenvolvida e independente era tida como base do objetivo do Estado (ALMEIDA, 2006).

Conforme afirma Schwartzman (2001), nos anos 50 dominavam as esperanças de desenvolvimento e modernização que deveria ter por base a educação superior e os conhecimentos científicos. Assim sendo, a CAPES e o CNPq foram criados para apoiar e desenvolver a formação de profissionais com alto nível de qualidade e garantir o desenvolvimento da pesquisa científica no Brasil.

A fim de garantir o desenvolvimento do país, era cada vez mais necessária a formação de especialistas e pesquisadores nos diversos ramos de atividade. Por este motivo, conforme explica Almeida (2006), o governo passou a se preocupar em conceder bolsas para a formação de especialistas, tanto no Brasil quanto no exterior, resultando em um total de 38 cursos de pós-graduação, sendo 27 de mestrado e 11 de doutorado em 1965.

A CAPES surge para recuperar uma vertente das ideias modernizadoras da década de 30: a ênfase na competência das pessoas e no fortalecimento das instituições e, com o passar do tempo se torna responsável por um sistema de acompanhamento, avaliação e apoio à

qualidade da pós-graduação brasileira (SCHWARTZMAN, 2001). Sendo uma agência de fomento à pesquisa brasileira, a CAPES atua principalmente na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil.

A criação da CAPES tinha como base a retomada do projeto de construção de uma nação desenvolvida e independente (ALMEIDA, 2006). De acordo com a própria instituição, o objetivo inicial do seu surgimento era o de

assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam ao desenvolvimento do país (CAPES, 2010b).

No entanto Schwartzman (2001) relata que com o passar do tempo a CAPES se torna responsável por um sistema de acompanhamento, avaliação e apoio à qualidade da pós-graduação brasileira. De acordo com o PNPG 2005/2010 todo o esforço e empenho em consolidar uma pós-graduação de qualidade no país fez com que a CAPES passasse a ter:

[...] o papel de coordenar a política do sistema nacional de pós-graduação por meio de sua presença sistemática e qualificada no ensino superior, máxime na pós-graduação, tendo em relação a todos os programas e aos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, o papel de assegurar a validade nacional dos diplomas (CAPES, 2010c).

Barbosa (2009) garante que mesmo a CAPES sendo uma agência estratégica do Estado no desenvolvimento técnico e científico do país, ela não foi dirigida por militares, mas sim por acadêmicos. Schwartzman (2001) explicita que, tanto o CNPq como a CAPES foram liderados por professores e pesquisadores e contaram sempre com a presença constante da comunidade acadêmico/científica em suas decisões. Após a cassação do primeiro Secretário Geral e um dos fundadores da CAPES, Anísio Teixeira em 1964<sup>31</sup>, a CAPES, que desde 1961 estava subordinada à Presidência da República, passa por um período de descontinuidade administrativa e turbulência institucional (ALMEIDA 2006; BARBOSA 2009).

Em 1966 a CAPES passa a ter novas atribuições e recebe meios orçamentários a fim de multiplicar suas ações e intervir na qualificação do corpo docente das universidades brasileiras. De acordo com Almeida (2006), neste período a instituição passa a ter um papel fundamental na formulação de novas políticas da pós-graduação e em 1970 institui os Centros

---

<sup>31</sup> Durante o período do regime militar houve a cassação de intelectuais e figuras públicas, juntamente com alguns militares, ligados ao Partido Comunista (BARBOSA, 2009).

Regionais de Pós-Graduação. Ainda conforme a autora, devido à alteração na estrutura da CAPES em 1974, seu *status* passou de um “órgão central superior, gozando da autonomia administrativa e financeira” a ter outras finalidades, como a promoção das atividades de capacitação de pessoal de nível superior, a gestão da aplicação dos recursos financeiros orçamentários além da análise dos cursos de pós-graduação (ALMEIDA, 2006).

Durante o Seminário sobre “Avaliação da Produção Científica Brasileira: pensando com a história das ciências”, realizado em junho de 2011, Reinaldo Guimarães atualmente professor da UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, – salientou que a partir da década de 1970 o Brasil deu um salto significativo em sua capacidade científica e tecnológica. De acordo com o professor, foi a partir deste período que ciência e tecnologia surgiram com identidade própria no país.

Em 1981 a CAPES fica reconhecida como Agência Executiva do Ministério da Educação e Cultura (MEC) junto ao Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia, com a finalidade de elaborar, avaliar, acompanhar e coordenar as atividades relativas à pós-graduação brasileira, fortalecendo ainda mais o seu papel (ALMEIDA, 2006). A autora assegura que nesse período, a CAPES adquire uma estreita relação com a comunidade acadêmica, tendo em vista sua tarefa de contribuir na criação de mecanismos efetivos de controle de qualidade nos programas de pós-graduação.

Em 1990, no início do Governo Collor a CAPES é extinta, causando uma intensa mobilização por parte da comunidade acadêmica (Pró-Reitorias de Pesquisa e Pós-Graduação), que juntamente com o MEC conseguem reverter a situação em abril do mesmo ano (ALMEIDA, 2006). De acordo com um documento retirado do site da CAPES no qual consta toda a sua história e missão, em 1995 a instituição passou por uma reestruturação e se fortaleceu como a “instituição responsável pelo acompanhamento e avaliação dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros” (CAPES, 2010b).

Fazendo uma análise mais ampla, sobre as políticas de C&T neste período, Baumgarten (2004) afirma que até o início dos anos 1990, a experiência de acompanhamento e avaliação em C&T, com objetivos (explícitos) de planejamento foi bastante pobre e irregular. A autora explica que existiam poucos instrumentos eficientes que pudessem subsidiar uma

avaliação mais global do setor de C&T, mas que ao mesmo tempo ocorriam vários processos de avaliação nas agências de fomento a fim de auxiliar na destinação de recursos e na gestão das atividades de C&T. Este fato demonstra que mesmo com significativos esforços para avaliar a C&T produzida no Brasil, a avaliação não dispunha de instrumentos de análise tão bem estruturados, mas os que existiam naquele momento serviram como base para os indicadores de C&T existentes atualmente. “A partir da década de 1990 a CAPES se consolida como a principal agência do sistema nacional de pós-graduação” (BAUMGARTEN, 2004).

O regimento da CAPES em 2002 é novamente alterado e sua missão passa a ser a de “subsidiar o Ministério da Educação na formulação de políticas para a área da pós-graduação”, coordenando e avaliando estes programas, além de estimular com bolsas de estudo e outros auxílios a formação de recursos humanos qualificados para a docência de curso superior e pesquisa científica (ALMEIDA, 2006).

Atualmente, conforme documento retirado do site da CAPES (2010b), podemos agrupar as atividades da instituição em quatro grandes linhas, sendo:

- 1) Avaliação da pós-graduação *stricto sensu*;
- 2) Investimentos na formação de recursos humanos de alto nível no país e no exterior;
- 3) Promoção da cooperação científica internacional e;
- 4) Acesso e divulgação da produção científica.

No entanto, todas as atividades da CAPES estão correlacionadas entre si. A avaliação da pós-graduação (que engloba quesitos como a análise da proposta do programa, do corpo docente, as atividades de pesquisa, a produção intelectual, entre outras), está estreitamente ligada aos investimentos, à promoção da cooperação científica internacional e ao acesso e divulgação da produção científica. Esta afirmação está embasada pelo fato de os investimentos na formação de recursos de alto nível serem realizados seguindo a classificação dos cursos avaliados pela CAPES. Em outras palavras, os cursos que possuem melhor classificação na avaliação são os que mais recebem recursos. Consequentemente, recebem mais estímulos à cooperação científica internacional e conseguem divulgar com mais facilidade sua produção científica, que passa a ser vista como sendo de boa qualidade.

Uma das principais características da pesquisa universitária brasileira é o financiamento primordialmente advindo de recursos externos à universidade (BAUMGARTEN, 2004). O que de fato contribui para uma maior competição entre as diversas instituições de ensino e pesquisa, principalmente as que desenvolvem os programas de pós-graduação. Essa competição se baseia principalmente em reconhecimento, financiamento e em produção científica intelectual.

A produção intelectual é considerada um dos requisitos de maior peso na avaliação que a CAPES realiza nos cursos de pós-graduação, assim como a própria pesquisa (JACON, 2006; MUGNAINI, 2006). Portanto, essa produção se constitui em um dos aspectos mais relevantes no processo de avaliação. A produção científica tem a necessidade de ser comunicada tanto para reconhecimento (conhecimento e comunicação) dos pares como também em forma de divulgação para a sociedade. Por este motivo, a comunicação científica – especialmente a realizada pelos periódicos científicos – tem tamanha importância no ‘fazer ciência’.

Segundo a CAPES (2010b), um programa de pós-graduação que possui uma boa produção intelectual dificilmente apresenta problemas nos demais aspectos da avaliação. Aqui são consideradas publicações científicas os artigos publicados em periódicos, livros, capítulos de livros, trabalhos completos em anais de congressos e produtos patenteados ou não, bem como *softwares* e equipamentos para ensino e pesquisa. Barbalho (2005) afirma que dentre os indicadores na avaliação dos programas de pós-graduação estão os veículos de divulgação das pesquisas realizadas por esses programas, sendo estes considerados como categoria de qualidade.

Por fim Baumgarten (2004) esclarece que

O sistema de avaliação da CAPES é bastante recente, tendo iniciado em fins da década de 1970, e sua estruturação decorreu do crescimento acentuado da pós-graduação no país a partir desse período. Hoje, além da sua atuação como agência de fomento, a CAPES é responsável pela avaliação do Sistema Nacional de Pós-Graduação (p:44).

Atualmente a CAPES além de avaliar os programas de pós-graduação mantém um sistema de classificação (e avaliação) dos periódicos científicos informados durante a coleta de dados na avaliação dos programas. Na Coleta de Dados da CAPES, realizada pela instituição sobre as informações dos cursos de pós-graduação, os programas informam quais os periódicos

onde seus docentes e discentes publicaram suas pesquisas. Esses periódicos são, por sua vez, classificados no Qualis que está detalhadamente explicado no capítulo 2 desta dissertação.

### 1.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Este capítulo trouxe questões relevantes acerca da avaliação da produção científica em especial a avaliação dos periódicos científicos. Com base nas informações aqui apresentadas nota-se a importância da comunicação no desenvolvimento próprio da ciência, pois é principalmente por intermédio da comunicação que a ciência se desenvolve. Barbalho (2005) destaca que “o desenvolvimento da ciência assinala importante papel para os procedimentos da comunicação científica” principalmente por conta do ritmo acelerado em que a C&T passa a afetar os setores da economia e estratos sociais.

Mais de trezentos anos após o seu aparecimento, os periódicos científicos em seu formato tradicional, ainda constituem o meio mais importante para a comunicação da ciência (Mueller, 2000b) e, é notória a sua importância para a divulgação dos saberes científicos produzidos (BARBALHO, 2005). Para Souza; Foresti; Vidotti (2004) os periódicos se tornaram o principal meio de divulgação da pesquisa científica e por este motivo foram implementados critérios para assegurar a qualidade relacionados à forma e conteúdo desses veículos de comunicação.

De acordo com Ferreira (2005) a importância da avaliação dos periódicos científicos se traduz como:

- uma forma de conscientização da necessidade em cumprir uma série de requisitos mínimos de qualidade que incidem de forma direta na difusão dos periódicos e na sua consolidação como editores de prestígio (**para os editores**);
- conhecimento sobre quais são os periódicos de melhor qualidade, de modo que possam selecionar onde publicar seus trabalhos, conseguir maior reconhecimento e serem melhores avaliados pelos responsáveis da política científica (**para os pesquisadores**);
- auxílio ao processo de tomada de decisão em termos de novas assinaturas ou renovações de periódicos científicos (**para os bibliotecários**),

- como conhecimento sobre as publicações que merecem ser subvencionadas, identificando as que podem ser consideradas fonte de informação onde buscar dados que sustentem e auxiliem na definição de incentivos a pesquisadores (**para os responsáveis pela política científica e tecnológica**).

Como se pôde verificar, até hoje vários estudos foram realizados sobre a maneira de se avaliar os periódicos científicos. A maioria deles leva em consideração critérios relacionados à forma e ao conteúdo, denominados como quantitativos/qualitativos e extrínsecos/intrínsecos. De acordo com as informações apresentadas neste capítulo chega-se à conclusão de que tanto o conteúdo como a padronização e normalização são importantes na avaliação da qualidade de um periódico científico. Porém, entende-se que o conteúdo de um periódico científico que segue a avaliação dos pares no sistema *double blind review*, já teve a avaliação do seu conteúdo realizada, sendo necessário portanto avaliar se os temas que o periódico aborda são relevantes para a área e se o periódico segue a padronização recomendada.

Atualmente a CAPES mantém um programa de apoio financeiro a periódicos científicos do país em parceria com o CNPq, bem como as demais FAPs (Fundações de Amparo a Pesquisa – estaduais), como por exemplo, a FAPESP. Contudo, para conseguirem este apoio financeiro, os periódicos científicos precisam estar classificados nas melhores estratificações do Qualis – que tem servido como um indicador de qualidade. Ou seja, apesar de existir um sistema de incentivo à essas publicações, existe uma restrição muito grande, que acaba por excluir os periódicos ‘periféricos’ e beneficia somente os considerados ‘melhores’. Dessa forma percebe-se a necessidade em se valorizar os periódicos científicos nacionais tidos como periféricos, pois caso contrário eles não conseguirão atingir o nível de qualidade desejada e acabarão por serem extinguidos.

Observa-se também que, “as práticas de publicação nas diversas áreas do conhecimento têm se alterado profundamente em função dos sistemas de avaliação e recompensa baseados cada vez mais nas práticas internacionais” (VELHO, 1998). O que demonstra que as publicações estão se adaptando às mudanças que vêm ocorrendo no decorrer do tempo e tendendo a se internacionalizar cada vez mais.



Contudo pesquisadores brasileiros têm se reunindo para debater a questão da valorização dos periódicos brasileiros e de suas particularidades. Um manifesto foi organizado em prol das publicações abertas e gratuitas a fim de priorizar as publicações em português e espanhol. A questão essencial do manifesto é estabelecer uma aliança com outros países de língua portuguesa e da América Latina. De acordo com o manifesto a valorização das publicações nacionais daria maior força e qualidade aos nossos periódicos, que hoje são apenas sombras dos periódicos dos países centrais (ALVEAR *et al*; 2011). Por fim, conforme citado tantas vezes neste capítulo, no Brasil os periódicos brasileiros são classificados no Qualis e, para entender melhor esta classificação o capítulo seguinte traz as informações referentes ao seu histórico e desenvolvimento bem como sua aplicação na área de Educação.



## 2. O QUALIS

---

Este capítulo descreve o histórico do Qualis, partindo desde a sua criação até sua utilização nos dias atuais. Procura também demonstrar o seu funcionamento, descrever seus triênios (período de três anos no qual o Qualis é publicado) e as controvérsias em torno da avaliação dos periódicos científicos nacionais. Busca-se aqui demonstrar a importância que o Qualis tem no âmbito da comunidade científica, e a partir disso, compreender quais os critérios que passaram a ter mais relevância com o passar das avaliações.

De acordo com as explicações do capítulo anterior sobre a necessidade em se avaliar a produção científica publicada nos periódicos científicos e em virtude do crescimento dessas publicações, essas avaliações são consideradas, conforme explicitam Costa & Yamamoto (2008), “essenciais para tentar assegurar qualidade ao processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento da ciência e garantir que o que está sendo produzido e veiculado é relevante e confiável”. Barbalho (2005) esclarece que “a avaliação das publicações periódicas de caráter científico é consequência da proliferação significativa de títulos”, o que também é uma preocupação da comunidade científica: o crescente número de periódicos científicos.

Costa & Yamamoto (2008) apontam que o Qualis compreende a qualificação da produção científica dos docentes e discentes que subsidia a avaliação, realizada pela CAPES, dos programas de pós-graduação credenciados pela instituição, sendo a base Qualis ‘alimentada’ pelos relatórios anuais enviados por estes programas (COSTA & YAMAMOTO, 2008). Em outro documento, Yamamoto (2001) complementa esta afirmação definindo o Qualis como um “termômetro da qualidade da produção dos pesquisadores” já que qualifica essa produção em forma de escala.

Na definição da própria CAPES, o Qualis é o processo de classificação dos periódicos científicos mencionados pelos programas de pós-graduação e não do universo de periódicos ou eventos de cada área (2010a), mesmo assim parece que o Qualis ganhou um aspecto universal de indicador global de qualidade. A classificação dos periódicos é feita ou

coordenada por uma comissão de consultores de cada área do conhecimento<sup>32</sup>, que passa por processo anual de atualização. A CAPES (2009) afirma que essa estratificação é realizada de forma indireta, sendo que o Qualis afere a qualidade dos artigos e outros tipos de produção a partir da análise dos veículos de divulgação: os periódicos científicos, os anais de eventos e livros.

Em um documento de 2007, a CAPES define o Qualis como um conjunto de procedimentos utilizados por essa instituição para a diferenciação da produção bibliográfica dos programas de pós-graduação (CAPES, 2007a). O Qualis das áreas é definido como o produto final desse processo de qualificação ou estratificação (separação por nível de qualidade), que é a lista de veículos de divulgação da produção bibliográfica dos programas de pós-graduação por área de acordo com essa estratificação.

De acordo com Baumgarten; Ferreira; Pereira (2010), a base Qualis foi implantada em 1998 e desde então vem passando por processos de reformulação acompanhando as mudanças nos processos de avaliação da pós-graduação, que acaba suscitando muitos questionamentos acerca de sua utilização, tais como o uso de índices quantitativos e comparação dos periódicos nacionais com periódicos internacionais.

O objetivo inicial do Qualis, conforme CAPES (2004a) se limitava à classificação dos veículos citados pelos programas de pós-graduação no sistema de coleta anual de dados, como de divulgação da produção dos seus docentes e alunos, tendo em vista a composição de indicadores da qualidade dessa produção. Já para Baumgarten; Ferreira; Pereira (2010), o objetivo do Qualis quando criado era o de qualificar os periódicos utilizados no âmbito dos programas de pós-graduação para diferenciar sua produção. Entretanto, a partir da sua divulgação e da interpretação dada por algumas áreas, o Qualis incorporou progressivamente outras duas finalidades, relevando ainda mais sua importância (CAPES, 2004a):

1) Estimular a publicação em veículos enquadrados nas categorias mais valorizadas no Qualis da área a que se veicula o programa e;

---

<sup>32</sup> Descritas no anexo I.

2) Indicar os veículos de maior relevância para a área, mesmo que não tenham sido citados na Coleta de Dados da CAPES, cumprindo assim, um papel estimulador na utilização de outros veículos valorizados pelas comissões de áreas.

O Qualis tem servido desde então, como uma ferramenta para auxiliar na concessão de financiamentos, para a inclusão de títulos em bibliotecas e indexadores, para orientar pesquisadores e leitores durante a escolha de títulos na submissão de seus trabalhos ou pesquisar material bibliográfico de relevância e para estimular editores a elevar o padrão de qualidade dos periódicos científicos (COSTA & YAMAMOTO, 2008). Segundo a CGB (2010) o Qualis é um indicador que incita a publicação em periódicos enquadrados nas categorias mais valorizadas pela área de conhecimento e indica para os programas de pós-graduação quais os periódicos de maior relevância em sua área. Dessa forma o Qualis se apresenta não somente como um indicador científico, mas também como uma política ativa capaz de influenciar os rumos das pesquisas científicas.

O documento da Diretoria de Avaliação da CAPES divulgado na Revista Brasileira de Pós-Graduação em 2004, explicita as principais características do Qualis (CAPES, 2004a), sendo que este:

- Atende a objetivos específicos e exclusivos do processo de avaliação da pós-graduação promovido pela CAPES;
- É elaborado por comissões de consultores coordenadas pelos respectivos representantes de áreas – conhecidas como ‘Comitê de Áreas’, respeitadas por diretrizes e orientações gerais estabelecidas pelo CTC – Conselho Técnico e Científico da CAPES;
- Reflete os critérios de cada área de avaliação, ou quando possível grande área, havendo assim um Qualis para cada área do conhecimento;
- Constitui-se em classificação temporária, passível de ser atualizada ou revista, como estabelecido por este documento (referindo-se ao documento da diretoria de avaliação da CAPES, 2004a).

É importante salientar que, conforme descrito em outro documento da CAPES (2009), a instituição deixa claro que “não se pretende com esta classificação [o Qualis], que é específica para o processo de avaliação de cada área, definir o que é qualidade de periódicos de

forma absoluta”. No entanto, toda a comunidade científica no Brasil tende a enxergar o Qualis como a classificação da qualidade dos periódicos científicos, o que pode ser constatado em conversa com qualquer pesquisador de qualquer área do conhecimento. Dando ênfase a esta última afirmação, Campos (2010) destaca que “para o senso comum, o Qualis é a lista dos periódicos e suas respectivas classificações”, ou seja, dessa forma é possível entender a importância que essa ‘medida’ passou a ter no âmbito acadêmico, já que a classificação dos periódicos passa a ser importante para os pesquisadores saberem quais são os melhores periódicos para publicarem suas pesquisas e para pesquisar assuntos relacionados às suas pesquisas.

O Prof. Dario Fiorentini<sup>33</sup> (2011), em entrevista concedida no âmbito desta pesquisa<sup>34</sup>, explicou que o Qualis procura ‘medir’ a qualidade dos periódicos científicos brasileiros, não em cima de texto por texto – que subentende-se já ter passado por avaliação dos pares dentro do processo de avaliação do próprio periódico – mas sim pela proposta editorial do periódico, se este cumpre com os aspectos de cunho científico e se publica trabalhos originais a fim de auxiliar no desenvolvimento da ciência. Fiorentini destacou que a CAPES entende como sendo um periódico científico de qualidade aquele que mantém sua periodicidade regular, publica artigos de natureza acadêmica e científica, que contribui para o avanço científico e que é capaz de se tornar referência na área em que está enquadrado. Para Mugnaini (2006), dessa forma, o Qualis passa a valorizar mais o veículo onde são publicados os trabalhos científicos do que o conteúdo da mensagem científica, propriamente dito. Contudo, publicar em um periódico valorizado na estratificação da CAPES tem se tornado sinônimo, mesmo que indiretamente, de qualidade do conteúdo de sua mensagem científica, já que um periódico valorizado segue à risca as normas de publicação e os demais critérios entendidos como sinônimo de qualidade perante a comunidade científica.

Quanto à importância do Qualis como um indicador no fomento às pesquisas científicas, o edital do CNPq (2010), por exemplo, (Edital MCT/ CNPq/MEC/CAPES Nº68/2010) elaborado para “apoiar e incentivar a editoração e publicação de periódicos científicos brasileiros” evidencia o valor que se dá ao Qualis nessas situações. Dentre as

---

<sup>33</sup> Dario Fiorentini trabalhou como Coordenador de Área na avaliação do Qualis-Periódico, referente ao triênio 2007-2009 na área de Educação.

<sup>34</sup> Entrevista concedida a Mônica Frigeri sobre o Qualis-Educação em 19/05/2011.

características obrigatórias citadas no edital, o periódico precisa estar indexado no SciELO e/ ou classificado no Qualis com estratificação mínima de B2 na área ou subárea do conhecimento em que esteja se candidatando. Outras obrigações como indexação, abrangência nacional ou internacional, diversidade institucional e geográfica tanto do corpo editorial quanto do conselho científico, avaliação por pares, publicação de artigos originais, periodicidade regular e mínima de dois números por ano, também são entendidas como itens obrigatórios no referido edital, mas que se encaixam nos critérios do próprio Qualis. A conotação do Qualis como um medidor de qualidade passa a ser um processo observável não somente na esfera acadêmico/científica, mas também em outras instâncias da ciência como em editais. Aqui está um bom exemplo de como o Qualis é tido como um indicador de qualidade e, consequentemente um indicador de C&T.

Em outras palavras, entende-se que a qualidade do periódico está diretamente relacionada com a qualidade da pesquisa veiculada nele, mas por outro lado percebe-se que o funcionamento interno do Qualis vai muito além da análise de conteúdo, conforme pode ser observado nos próximos tópicos deste capítulo. Cruz (2011) detalha que a qualidade dos periódicos científicos brasileiros é avaliada levando-se em consideração vários aspectos, principalmente sua inclusão em bases indexadoras importantes em cada área do conhecimento e o índice de impacto da respectiva base. As indexações em bases consideradas importantes e relevantes em cada uma das áreas proporcionam maior visibilidade ao periódico e, em sua maioria, se utilizam de critérios próprios para a inclusão destes periódicos no que tange a sua consistência metodológica, a atualidade de conhecimento novo e de relevância para ciência (CRUZ, 2011). Ou seja, quanto maior a qualidade de um periódico, maiores as chances de aumentar a sua visibilidade e, quanto mais visível um periódico, maiores são as chances de atrair bons trabalhos. Ou seja, o Qualis segue a suposição mertoniana de que um periódico científico de qualidade é aquele que contribui para o avanço científico.

## 2.1. Histórico e funcionamento do Qualis

[...] sem dúvida o Qualis veio ‘popularizar’ a avaliação formal, explícita e criteriosa de periódicos entre os pesquisadores. Se antes esta atividade, nesse nível, era de prática e interesse restritos a editores e especialistas, de repente se tornou preocupação dos integrantes dos comitês de área da CAPES e [...] de todos os integrantes de programas de pós-graduação do Brasil (TRZESNIAK, 2006, p:347).

O Qualis foi implantado em 1998 e desde então vem sendo utilizado pela CAPES como um importante instrumento na composição de indicadores fundamentais para a avaliação do nível de pós-graduação. Sua primeira publicação foi em 2001 e envolveu o triênio 1998-2000, a segunda publicação em 2004 englobou o triênio 2001-2003, a terceira publicação em 2007 se referiu ao triênio 2004-2006, a quarta publicação envolveu o triênio 2007-2009 (CAPES, 2011c) e a quinta e última classificação se refere aos anos 2010-2012<sup>35</sup>. Segundo Trzesniak (2006) a base Qualis foi criada em paralelo à criação do SciELO<sup>36</sup> (entre 1996 e 1997).

A primeira avaliação do Qualis serviu para listar os periódicos e eventos existentes no Brasil até aquele período. Foi o início dos esforços para se chegar à classificação conhecida atualmente. Campos (2010) destaca que essa primeira avaliação passou por muitas dificuldades, tendo em vista que se baseava fortemente no conhecimento dos consultores das diversas áreas e em suas capacidades de realizar a avaliação, já que neste primeiro momento não se tinha critérios de avaliação claramente definidos. De acordo com Fiorentini (2011), entre os anos 1998 e 2000, o Qualis estava em processo de iniciação e foi implementado, de fato, a partir de 2001.

A partir desta primeira avaliação, as duas seguintes deram continuidade ao pensamento de se considerar dois itens essenciais na avaliação: abrangência e qualidade (Campos, 2010) – que para a CAPES, neste momento estava relacionada à periodicidade do periódico, abrangência e relevância para a área. Sendo assim, um periódico era classificado de acordo com sua abrangência, podendo ser internacional (1), nacional (2) ou local (3); e sua qualidade, sendo A, B ou C; o que significa que um periódico poderia ser classificado como A1, A2, A3, B1, B2, B3, C1, C2, C3. Contudo, a CAPES destaca (e sempre destacou) que é de responsabilidade de cada área a decisão sobre a categoria dos veículos de divulgação, pois

---

<sup>35</sup> A estratificação referente ao triênio 2010-2012 foi publicada após a submissão da versão final desta dissertação para a defesa de mestrado. Por este motivo, a análise dos triênios do Qualis engloba somente as quatro primeiras estratificações.

<sup>36</sup> Descrito no capítulo 1.



existem áreas que classificam apenas periódicos e outras que classificam também os demais tipos de produção, como anais de eventos e jornais (CAPES, 2004a).

A estratificação do Qualis em 2010 que englobou o triênio 2007-2009 apresentou algumas mudanças nos critérios de avaliação e na própria classificação do Qualis. De acordo com Campos (2010), entre 2005 e 2007,

[...] a CAPES detectou problemas no sistema Qualis. Em algumas áreas, houve uma concentração excessiva de revistas na classe internacional A, considerada de maior prestígio. Periódicos nitidamente nacionais foram classificados como internacionais. Em consequência, o sistema perdia a capacidade de distinguir o ótimo do bom ou mesmo, o que é mais grave, o bom do ruim. Nesse contexto, voltar-se-ia à condição original de mera contagem de artigos publicados. Assim, a CAPES achou que o modelo vigente estava exaurido e necessitava de reformulações (CAMPOS, 2010, p:480).

A necessidade de mudança nos critérios de avaliação era sentida pela CAPES e pela comunidade científica no geral. Por isso, entre os dias 16 e 17 de abril de 2008, uma reunião do CTC-ES deliberou a reestruturação do Qualis para o próximo triênio. A nova classificação passou a englobar 08 estratos sendo A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5, considerando C com peso zero. Dessa forma, para não haver desacordos e desentendimentos, a CAPES recomendou para os comitês de área que tivessem maior rigor na classificação dos estratos mais elevados: A1 e A2 (CAMPOS, 2010; CAPES, 2009). Observou-se que na última estratificação do Qualis referente ao triênio 2010-2012, a CAPES procurou seguir os mesmos critérios de classificação do triênio anterior alterando somente alguns itens<sup>37</sup>, dando ênfase aos periódicos eletrônicos e à publicação de artigos de instituições estrangeiras.

Na área de Educação, por exemplo, Fiorentini (2011) ressaltou que a CAPES estipulou uma porcentagem para a classificação dos estratos mais elevados (A), sendo que 26% do total de periódicos científicos da área poderiam fazer parte dos estratos A1 e A2. De certa forma, essa porcentagem restringe e, acaba proporcionando maior credibilidade aos periódicos nos estratos mais altos, além de cumprir com a recomendação da CAPES de ser mais rigorosos na classificação dos periódicos. Essa restrição<sup>38</sup> da CAPES evidencia que o ‘topo da pirâmide’

---

<sup>37</sup> O estrato A1 do Qualis-Educação, referente ao triênio 2010-2012, possui três modificações essenciais em relação ao triênio anterior: i) a alta qualificação do corpo editorial e do corpo de pareceristas; ii) a publicação de ao menos três artigos de autores de instituições estrangeiras por ano e; iii) a manutenção de informações atualizadas na *home page* do periódico.

<sup>38</sup> Existem várias críticas sobre a porcentagem definida pela CAPES para a composição dos estratos do Qualis, como por exemplo, o texto de Rocha-e-Silva (2009).

dos periódicos científicos nunca será ocupado por todos, e que a base da pirâmide será cada vez mais povoada, em seus diversos patamares. No entanto, a porcentagem definida pela CAPES é assunto de grande polêmica tendo em vista que as áreas do conhecimento compreendem diversas subáreas e que, dessa forma, o número total de periódicos aumenta consideravelmente, impossibilitando a agregação dos periódicos mais relevantes de cada subárea.

A reestruturação do Qualis trouxe consigo alguns itens que devem ser atendidos na classificação do triênio 2007-2009, conforme explicado por Campos (2010), dentre eles cabe destacar que:

- 1) Cada área deve definir o que considera periódico científico;
- 2) Com o objetivo de enfatizar o caráter classificatório do Qualis, as áreas devem povoar significativamente pelo menos cinco dos oito estratos;
- 3) Recomenda-se que haja uma diferença expressiva entre os pesos atribuídos a todos os estratos;
- 4) Cada área deve apresentar em seus documentos de área, os critérios pelos quais define cada estrato, destacando aqui a necessidade de povoar os dois estratos superiores (A1 e A2) de maneira particularmente criteriosa.

Com relação ao último item, outro documento da Diretoria de Avaliação da CAPES (2010e) complementa que, com a restrição da quantidade de periódicos nos estratos mais elevados do Qualis, passa a ter um papel indutor claramente definido, não se limitando a analisar onde a área publica, mas indicando também onde se deve publicar – ou seja, o Qualis tem um papel de induzir ou direcionar as publicações. Um dos objetivos da CAPES é permitir que o Qualis ofereça um cenário mais amplo das publicações que considera relevante e, por este motivo, recomenda fortemente que cada área inclua em sua classificação, veículos não citados na Coleta de Dados da CAPES (CAPES, 2004a). A área de Educação, por exemplo, organizou em seu documento de área todas as informações sobre o Qualis da área com as explicações detalhadas de cada estrato e seus respectivos critérios (CAPES, 2010f).

Os periódicos avaliados pelo Qualis são indicados pelos programas de pós-graduação anualmente na Coleta de Dados da CAPES e, assim que chegam à instituição são reunidos em uma base de dados que é analisada por uma comissão de consultores, membros da própria

comunidade científica, de acordo com suas respectivas áreas. Os veículos de divulgação citados pelos programas de pós-graduação são enquadrados em categorias indicativas de qualidade do veículo utilizado e, por inferência do próprio trabalho divulgado (CAPES, 2010a).

Para fins do Qualis, existe diferença entre os processos de atualização e reclassificação dos periódicos científicos: a atualização do Qualis, de acordo com CAPES (2007a e 2010a) acontece quando há inclusão de novos veículos abrangendo i) novos veículos citados na Coleta de Dados e ainda não classificados; ii) veículos que não foram citados na Coleta de Dados mas que a área deseja incluir para compor um cenário mais amplo de publicações de seu campo e; iii) classificação nos estratos correspondentes de veículos já citados nas Coletas de Dados anteriores mas que ainda não foram classificados pelas comissões de áreas.

Já a reclassificação dos periódicos no Qualis ocorre quando há mudança na categoria em que o veículo foi enquadrado e, de acordo com a própria CAPES, deve ser efetuada no primeiro ano de cada triênio de avaliação permanecendo a mesma para os anos complementares ao período, exceto em casos considerados imprescindíveis pela área para a efetivação de correção ou ajuste na classificação por ela anteriormente realizada (CAPES, 2009 e 2010a). Em outras palavras, a reclassificação se refere à efetivação de alteração na classificação de veículos, implicando na mudança de categoria em que um veículo foi enquadrado. Existe também a Agenda de Alterações que serve para registrar as alterações solicitadas pelas áreas durante o triênio mantendo assim, uma constante correção do Qualis (CAPES, 2009 e 2010a).

Observando as informações constantes nos documentos sobre o Qualis retirados do site da CAPES nota-se que a instituição não faz uma definição específica e explícita do que se considera por um periódico de qualidade. No entanto analisando a descrição dos triênios observa-se que os critérios mais citados e tidos como mais importantes na classificação se referem aos itens de i) reconhecimento do periódico na respectiva área; ii) ampla circulação; iii) indexação em bases de dados importantes da área e iv) publicação de artigos de diferentes instituições (geográfica e institucionalmente).

## **2.2. DESCRIÇÃO DOS TRIÊNIOS DO QUALIS – ÁREA DE EDUCAÇÃO**

Tendo em vista a grande diversidade das áreas do conhecimento e também a diversidade dos critérios de cada área na avaliação dos periódicos científicos, se fez necessário a seleção de uma dessas áreas para o desenvolvimento da pesquisa empírica. A partir de um contato direto com editores de periódicos científicos que estiveram presentes no I Encontro Nacional de Usuários do SEER<sup>39</sup> definiu-se que a área a ser analisada nessa pesquisa seria a área de Educação<sup>40</sup>.

Essa escolha ocorreu por conta da receptividade dessa área à pesquisa aqui proposta, que se materializou na proximidade estabelecida entre nós e os editores da área. Essa proximidade foi fundamental para a realização dessa pesquisa por conta da sua natureza qualitativa, pois permitiu que a pesquisadora pudesse passar um tempo observando as práticas de edição de um periódico no decorrer da pesquisa etnográfica. A área se mostra, outrossim, como um caso interessante para a pesquisa, devido à sua abrangência e pela forma como vêm adotando práticas voltadas para a qualificação de seus periódicos.

A área de Educação concentra atualmente 119 programas de pós-graduação e mais de 3.000 pesquisadores em todo o Brasil. Além de englobar 33 subáreas, conta com um total de 1.375 periódicos. Ademais, a leitura de Horta & Moraes (2005), onde os autores explicam a avaliação dos programas de pós-graduação na área de Educação dentro da grande área de Ciências Humanas, incitou a curiosidade da autora em pensar como as estratificações do Qualis interferiram na classificação dos periódicos científicos desta área no decorrer dos triênios. Destacando ainda que, dentro da grande área de Ciências Humanas a área de Educação é a segunda com maior número de subáreas, perdendo apenas para a área de Psicologia, demonstrando assim sua relevância dentro das Humanidades. Ou seja, o estudo dessa área é bastante representativo na área de Humanidades; o que não exclui, ainda, possíveis paralelos com outras áreas de pesquisa, que podem se revelar a partir de futuros estudos com outros periódicos.

Traçando um pouco mais do perfil da área de Educação é possível destacar que, de acordo com a lista atualizada do Qualis em fevereiro/2010, 1.375 periódicos da área de Educação

---

<sup>39</sup> Realizado entre os dias 14 e 16 de julho/ 2010 na Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis.

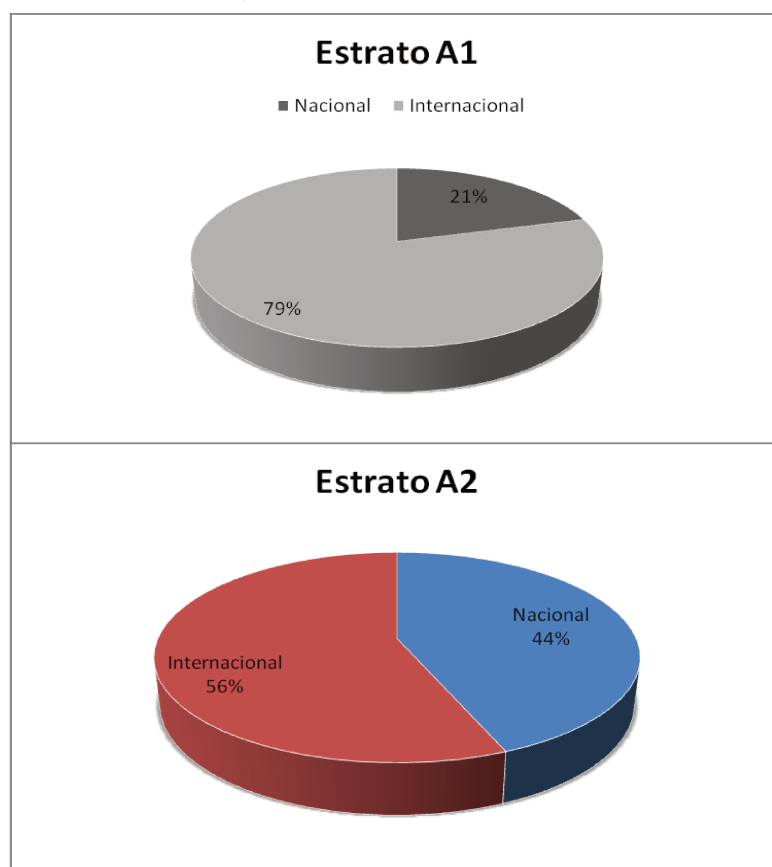
<sup>40</sup> Destacando que a área de Educação engloba, atualmente, 33 subáreas, conforme CAPES (2011a).

estão divididos nas classificações do Qualis com 58 periódicos no estrato A1, 89 no A2, 141 no B1, 136 no B2, 204 no B3, 239 no B4, 263 no B5 e 245 no estrato C. Se considerarmos os periódicos nos estratos A1 e A2 temos 147 periódicos – que equivalem a pouco mais de 10% do total de periódicos da área, não condizendo com os 26% explicitado pelo Prof. Dario Fiorentini (2011; CAMPOS, 2010; CAPES, 2009).

A área de Educação tem suas particularidades, assim como todas as outras áreas do conhecimento. De acordo com Ortega; Fávero; Garcia (1998), a área de Educação é uma área ampla e comporta uma variedade imensa de abordagens. O estudo desenvolvido por esses autores demonstra que existe uma tendência da área de Educação em produzir trabalhos científico-especializados, ao invés de trabalhos científico-generalistas, além de ter boa parte de sua produção científica publicada em livros, ao invés de periódicos.

De acordo com um levantamento dos periódicos científicos da área de Educação avaliados no triênio (2007-2009) e representados na figura 2.1, percebemos que a maior parte dos periódicos classificados como A1 e A2 é estrangeira, ultrapassando mais da metade da somatória de todas as nacionais nesses dois estratos. Além disso, observou-se que diversos periódicos são duplamente avaliados, tanto no seu formato eletrônico quanto impresso, tendo dois estratos para cada uma das formas de avaliação. Em algumas ocasiões o estrato da versão impressa é mais baixo que o da versão eletrônica, como é o caso da Revista Educação de Rio Claro, classificada como B3 (impresso) e B2 (eletrônico). Nesses casos o estrato da versão eletrônica é melhor que o estrato da versão impressa, o que pode ser explicado pelo fato de que a versão eletrônica é mais barata e com isso os editores conseguem manter a periodicidade com maior facilidade e também que a atualização e padronização das versões eletrônicas tendem a ser mais acessíveis que nas versões impressas.

**FIGURA 2.1 – DISTRIBUIÇÃO NACIONAL/ ESTRANGEIRA – ESTRATOS A1 E A2**



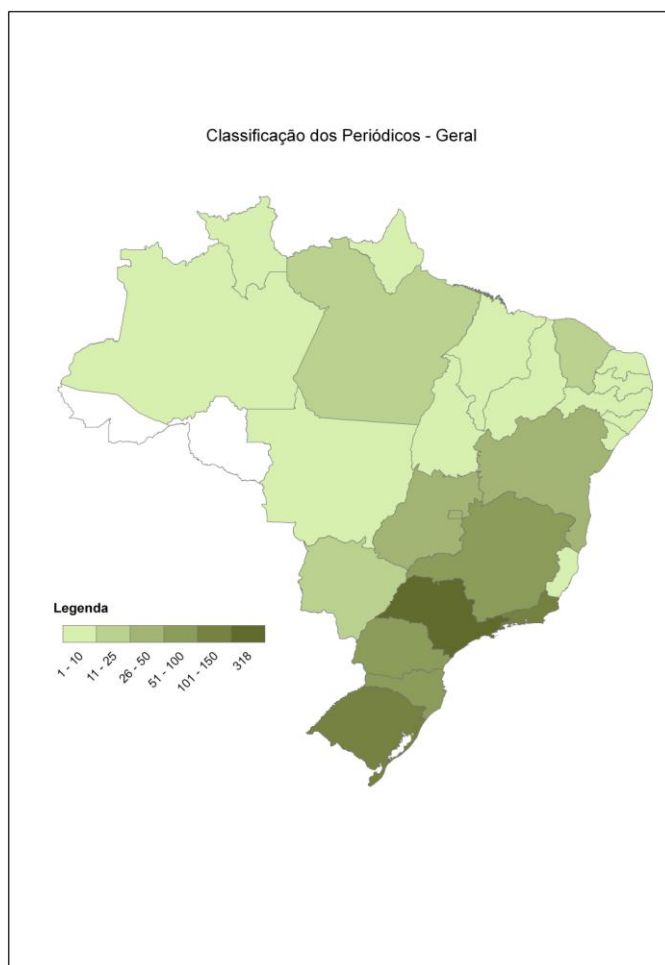
**Fonte:** Elaboração própria (2011) com base em CAPES (2010f).

Com relação aos periódicos estrangeiros, a Sra. Silvia Akemi Fujikura (2011) analista em C&T da Diretoria de Avaliação da CAPES<sup>41</sup>, explicou que a classificação de periódicos por meio do Qualis visa subsidiar a avaliação dos programas de pós-graduação e, dessa forma, são incluídos na avaliação os periódicos nos quais os programas tenham publicado artigos ao longo de determinado período. Segundo Fujikura, desde 2007 os periódicos passaram a ser classificados exclusivamente quanto à sua qualidade para a difusão do conhecimento da produção da área. Pelo que se pode observar não significa que os periódicos estrangeiros tenham mais qualidade que os nacionais, mas demonstra uma internacionalização no tocante à integração dos pesquisadores nacionais com pesquisadores de fora do país e, quanto maior a integração, maior a nota de classificação.

<sup>41</sup> Entrevista realizada no dia 22/12/2011, via correio eletrônico.

Em âmbito nacional, pode-se observar na figura 2.2 a distribuição dos periódicos científicos da área de Educação no país, conforme dados levantados na avaliação do Qualis referente ao triênio 2007-2009. Os estados com cores mais escuras são os que concentram a maior quantidade de periódicos da área, gradativamente.

**FIGURA 2.2 – DISTRIBUIÇÃO DOS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS (EDUCAÇÃO) NO BRASIL**



**Fonte:** Elaboração própria (2011) com base no Relatório de Área – Educação – base 2008 (2011c)

Os mapas descritos no anexo II deste trabalho foram construídos a fim de ilustrar o levantamento realizado sobre a avaliação do Qualis (no triênio 2007-2009) demonstrando quais estados brasileiros possuem maior quantidade de periódicos em cada um dos 8 estratos do Qualis Educação. Conforme o estudo realizado, foi possível observar que a partir do estrato B1 os periódicos nacionais começam a ficar mais evidentes, contudo nota-se uma grande concentração desses periódicos na Região Sudeste (especialmente em São Paulo) e na Região Sul

(especialmente no Rio Grande do Sul), observado nos mapas. Essa observação estende-se até o estrato B4, quando o Nordeste começa a surgir com mais força.

Já o anexo III apresenta a distribuição destes mesmos periódicos no âmbito internacional: dos 1.375 periódicos, 24% são internacionais. Este anexo compara a porcentagem, por meio de gráficos de pizza, da distribuição dos periódicos científicos da área de Educação como nacionais e internacionais dos estratos B1, B2, B3, B4, B5 e C.

Os estratos B5 e C são os mais diversificados na questão geográfica, porém, mesmo com uma classificação considerada baixa, alguns desses periódicos estão indexados no SciELO – considerado sinônimo de qualidade para a área de Educação. Isso demonstra que alguns periódicos classificados nesses estratos não têm como área de origem a Educação, mas são classificados como tal por que são informados na Coleta de Dados da CAPES como periódicos onde pesquisadores desta área publicam (exemplo: Revista PUBLICATIO UEPG – Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes).

A partir da coleta de dados sobre as estratificações do Qualis na área de Educação no site da CAPES e da ANPED foi possível compreender melhor o histórico do Qualis desta área, observando quais as principais modificações realizadas no decorrer dos triênios e suas implicações, levando-se em consideração também as discussões deste tema dentro da comunidade científica. Destaca-se ainda que, os documentos coletados nesta etapa da pesquisa não foram, de todo o modo, suficientes para esclarecer algumas dúvidas que surgiram em meio a análise. Desse modo, fez-se necessário e, de extrema importância, a realização de entrevistas com algumas pessoas-chave acerca do Qualis – Educação, como por exemplo, a entrevista realizada no dia 19/05/2011 com o Prof. Dr. Dario Fiorentini e com a Sra. Silvia Akemi Fujikura (2011).

Fiorentini (2011) salientou que na área de Educação, um diferencial que é levado em consideração na avaliação do Qualis é o SciELO. Se o periódico está na base do SciELO já se subentende um certo grau de qualidade, tendo em vista as exigências desta base para a inclusão de novos periódicos em seu acervo. O SciELO é visto como uma base de dados que contribui para manter e controlar a qualidade dos periódicos científicos. Outra informação para esclarecer quaisquer dúvidas que possam eventualmente surgir é que a CAPES avalia igualmente os periódicos impressos e os eletrônicos. Contudo, há certa tendência em valorizar o periódico que



esteja disponível eletronicamente tendo em vista seu custo mais baixo – comparado ao custo das versões impressas –, sua periodicidade mais regular e sua agilidade na troca de informações e organização dos artigos, incluindo os que utilizam o SEER de acordo com Fiorentini (2011). Essa conclusão foi observada durante todo o estudo por meio de conversas com editores de periódicos científicos tendo em vista que os periódicos estudados se apresentam de forma eletrônica em todos os casos.

Haja vista todas as informações destacadas até o momento fez-se necessário a compreensão do histórico do Qualis-Educação a fim de compreender como a atual avaliação foi elaborada e proporcionar a abertura do cenário do Qualis para o desenvolvimento do estudo etnográfico e das entrevistas descritas no capítulo 3. Os itens a seguir englobam a descrição desses triênios e demonstram quais critérios foram se tornando imprescindíveis na classificação dos periódicos desta área.

### **2.2.1. TRIÊNIO 1998-2000**

Com relação ao triênio 1998-2000 não foram encontradas informações específicas sobre a avaliação dos periódicos científicos (o Qualis) no site da CAPES e da ANPEd, mas foram encontrados documentos relacionados à avaliação dos programas de pós-graduação<sup>42</sup>. A partir de uma análise nos documentos encontrados observou-se que dentre os critérios de avaliação desses programas de pós-graduação, o item mais importante se refere à produção intelectual dos docentes e discentes.

Campos (2010) afirma que o triênio de 1998-2000 foi importante para se fazer uma primeira coleta e um primeiro levantamento sobre os periódicos científicos existentes na área de Educação naquela ocasião. Nota-se que a partir deste momento a CAPES passou a se preocupar mais com a organização dos periódicos científicos abrindo um caminho para a avaliação que conhecemos atualmente.

Analisando mais a fundo os critérios de avaliação dos programas de pós-graduação neste triênio, observamos que a produção intelectual é considerada como um critério importante,

---

<sup>42</sup> Programas estes que totalizavam 56 naquele momento.

pois é vista como parte dos resultados advindos dos esforços despendidos às atividades de pesquisa (CAPES, 2001). Dentre os critérios de avaliação dos programas de pós-graduação, listam-se a proposta do programa, a formação do corpo docente, as atividades de pesquisa desenvolvidas no escopo do programa, a atividade de formação do curso, a formação do corpo discente, as teses e dissertações desenvolvidas e a produção intelectual do programa.

Os critérios de avaliação da produção intelectual dos programas de pós-graduação envolvem 5 itens, de acordo com CAPES (2001):

- 1) Adequação dos tipos de produção à proposta do programa e vínculo com as áreas de concentração, linhas e projetos de pesquisa, teses e dissertações;
- 2) Qualidade dos veículos ou meios de comunicação;
- 3) Distribuição da autoria entre os docentes;
- 4) Autoria e coautoria de discentes;
- 5) Quantidade da produção técnica de docentes.

Esses itens explicitam que, a publicação científica tanto dos docentes quanto dos discentes está sendo vista, neste primeiro momento, como um critério importante e como um dos resultados dos programas de pós-graduação no Brasil. Essa percepção será, posteriormente, reforçada a partir do momento em que a comunidade científica passa a enxergar o Qualis como um importante indicador científico. No decorrer dos demais triênios é possível perceber claramente que a produção intelectual passa a ter cada vez mais importância e destaque na avaliação dos programas de pós-graduação, conforme demonstrado nos itens a seguir.

### **2.2.2. TRIÊNIO 2001-2003**

A importância da produção intelectual dos docentes e discentes está descrita logo no início do documento de área de avaliação dos programas de pós-graduação (área Educação) do triênio 2001-2003, onde se tem a afirmação da CAPES de que

essa avaliação levou em consideração prioritariamente os aspectos qualitativos do material avaliado, com ênfase na produção intelectual docente e discente, e na consistência e coerência da articulação entre atividades de pesquisa e formação [...] (CAPES, 2004b).

Neste documento consta também que, em maio de 2004, membros da comunidade científica ligados à área de Educação se reuniram e discutiram os critérios de avaliação do Qualis para periódicos científicos. Dessa forma e, conforme descrito no documento, o Qualis-Educação foi elaborado em maio de 2004 nesta reunião. O total de programas de pós-graduação avaliados neste triênio passou de 56 para 68.

Outra informação destacada neste documento é que o nível de publicações qualificadas se manteve elevado, indicando a intensidade da produção e divulgação do conhecimento das pesquisas desenvolvidas pelos programas de pós-graduação em meios impressos e digitais. Ademais, com relação às publicações científicas, foi observada a necessidade do aprimoramento da qualidade da produção nos programas de excelência, com níveis mais altos, pois de acordo com a própria CAPES: “a produção intelectual qualificada tende a ser o grande diferenciador entre os programas nas próximas avaliações” (CAPES, 2004b). Cabe destacar a visão que a CAPES tem sobre os aspectos quantitativos desta avaliação, onde explicita que os aspectos qualitativos são sempre levados em consideração, já que os aspectos quantitativos por si só não dizem nada (CAPES, 2004b).

Com relação ao Qualis para periódicos (único existente até o momento), o documento afirma que: “o Qualis é o processo de classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da produção intelectual de seus docentes e alunos”. Este processo de avaliação dos periódicos científicos foi concebido pela CAPES para atender às necessidades específicas do sistema de avaliação dos programas de pós-graduação e se baseava nas informações fornecidas pelos próprios programas mediante a Coleta de Dados anual (CAPES, 2004b). Fiorentini (2011) afirma que “é uma necessidade dos programas de pós-graduação como um todo avaliarem sua produção intelectual” e, “o Qualis surge então como um sistema de avaliação e de classificação dos periódicos, atendendo esta necessidade”.

O triênio 2001-2003 categorizou os periódicos científicos em A, B e C (indicadores de qualidade) e pelo âmbito de sua circulação (internacional, nacional e local). Sendo assim as possíveis classificações para os periódicos era A1, A2, A3, B1, B2, B3, C1, C2 e C3. Os critérios para cada classificação, conforme descrito na tabela 2.1, foram organizados em grupos de acordo com o tipo de critério (ao que cada um se refere): indexação; diversidade institucional e

geográfica da autoria dos artigos, do corpo editorial e do corpo de pareceristas; circulação dos periódicos e atendimento às normas e exigências de padronização.

Para a grande área de Humanidades, onde a área de Educação se enquadra, ficou definido que os periódicos de nível A são aqueles que veiculam “pesquisa original, contribuição teórica original, inovação tecnológica ou proposição metodológica original, publicado em periódico brasileiro ou estrangeiro”. E, a partir desta definição, foram definidos os demais estratos (CAPES, 2004b).

A avaliação do triênio 2001-2003 fez um levantamento de 1.500 periódicos indicados, mas alguns foram excluídos devido a problemas como títulos repetidos, títulos que não se referem a periódicos científicos e também foi realizada a correção dos ISSN de títulos que estavam incorretos. Do total de periódicos submetidos à avaliação, 607 foram classificados pela avaliação do Qualis, divididos conforme demonstrado na tabela a seguir, sendo pouco mais de 26% avaliados como periódicos internacionais.

Pode-se afirmar que essa avaliação foi, na verdade, o início do Qualis nos periódicos científicos da área de Educação, sendo que foi realizado um grande esforço para organizar, da melhor forma possível, todos os periódicos existentes até o momento, através de levantamento no Catálogo de Publicações Seriadas do IBICT, o Portal da CAPES, o SciELO, as bibliotecas disponíveis na internet (especialmente USP e UNICAMP) e outras bases indexadoras (CAPES, 2004b).

**TABELA 2.1 – CRITÉRIOS DO QUALIS – EDUCAÇÃO (TRIÊNIO 2001-2003)**

<b>Crítérios/ Estratos</b>	<b>Internacional A</b>	<b>Internacional B</b>	<b>Internacional C</b>	<b>Nacional A</b>	<b>Nacional B</b>	<b>Nacional C</b>	<b>Local A</b>	<b>Local B</b>	<b>Local C</b>
<i>Quantidade de periódicos em cada estrato</i>	46	53	61	79	84	146	26	41	71
Indexação Internacional	X	X	X						
Indexação Nacional				X	X				
Diversidade institucional e geográfica internacional da autoria	X	X	X						
Diversidade institucional e geográfica nacional da autoria				X	X				
Diversidade institucional e geográfica internacional do corpo editorial	X	X							
Diversidade institucional e geográfica internacional do corpo editorial restrita			X						
Diversidade institucional e geográfica nacional do corpo editorial				X	X				
Diversidade institucional e geográfica internacional do corpo de pareceristas	X								
Diversidade institucional e geográfica nacional do corpo de pareceristas				X					
Circulação internacional com assinaturas e permutas	X	X							
Circulação restrita internacional com assinaturas e permutas			X						
Circulação Nacional				X	X	X			
Circulação restrita							X	X	X
Assinaturas e permutas				X	X	X			
Atendimento às exigências de norma e padronização	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Porcentagem dos estratos</b>	<b>8%</b>	<b>9%</b>	<b>10%</b>	<b>13%</b>	<b>14%</b>	<b>24%</b>	<b>4%</b>	<b>7%</b>	<b>12%</b>

**Fonte:** Elaboração própria a partir do Documento de Áreas – Educação (CAPES, 2004b).

**Obs.1:** Os critérios foram separados por cores de acordo com os seus tipos e semelhanças para facilitar o entendimento e auxiliar na comparação dos estratos. **Obs.2:** A separação dos critérios por cores representam respectivamente os itens referentes a indexação; a diversidade autoral dos artigos; a diversidade editorial e do corpo de pareceristas; ao tipo de circulação do periódico e às exigências e normas de padronização.

### **2.2.3. TRIÊNIO 2004-2006**

O Qualis se consolidou e passou a ser parte dos instrumentos de avaliação dos programas de pós-graduação a partir do triênio 2004-2006, quando os programas de pós-graduação em Educação avaliados saltaram de 68 para 78 no total (CAPES, 2007b).

De acordo com CAPES (2007b), essa avaliação teve duas finalidades principais: i) classificar os programas da área de acordo com a escala da CAPES e, ii) orientar os programas em relação ao seu desempenho, tentando fornecer subsídios para a adoção de políticas e ações em prol de sua melhoria. Para tanto, a avaliação deveria ser realizada de forma a aumentar e garantir a sua objetividade, imparcialidade e transparência. Dessa forma, observa-se a importância da estratificação dos programas, bem como do Qualis no meio científico como indicadores de produção científica.

No Relatório de Avaliação do triênio 2004-2006 CAPES (2007b), a instituição esclarece que o Qualis Educação em 2007 ampliou e aperfeiçoou seus critérios a fim de dar maior abrangência e respaldo a esta importante avaliação, conforme pode ser observado na tabela 2.2 a seguir. A comissão de avaliação para o Qualis da área de Educação foi composta por seis professores, um representante e um representante-adjunto da área que trabalharam via rede eletrônica e se reuniram em 08/06/2007 na sede da CAPES para finalizar a avaliação e discutir possíveis problemas na classificação. De um total de 1.881 periódicos analisados, somente 1.308 títulos foram classificados, sendo 334 internacionais, 500 nacionais e 474 locais.

**TABELA 2.2 – CRITÉRIOS DO QUALIS – EDUCAÇÃO (TRIÊNIO 2004-2006)**

<b>Critérios/ Estratos</b>	<b>Internacional A</b>	<b>Internacional B</b>	<b>Internacional C</b>	<b>Nacional A</b>	<b>Nacional B</b>	<b>Nacional C</b>	<b>Local A</b>	<b>Local B</b>	<b>Local C</b>
<i>Quantidade de periódicos em cada estrato</i>	109	84	141	113	149	238	113	128	233
Indexação Internacional	X	X	X						
Indexação Nacional				X	X		X	X	
Diversidade institucional e geográfica internacional da autoria	X	X	X						
Diversidade institucional e geográfica nacional da autoria				X	X				
Diversidade institucional da autoria							X	X	
Diversidade institucional e geográfica internacional do corpo editorial	X	X							
Diversidade institucional e geográfica internacional do corpo editorial restrita			X						
Diversidade institucional e geográfica nacional do corpo editorial				X	X				
Diversidade institucional do corpo editorial							X	X	
Diversidade institucional e geográfica internacional do corpo de pareceristas	X								
Diversidade institucional e geográfica nacional do corpo de pareceristas				X					
Diversidade institucional do corpo de pareceristas							X		
Circulação internacional com assinaturas e permutas	X	X							
Circulação restrita internacional com assinaturas e permutas			X						
Circulação nacional				X	X	X			
Circulação restrita							X	X	X
Assinaturas e permutas				X	X	X	X	X	X
Atendimento às exigências de norma e padronização	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Porcentagem dos estratos</b>	<b>8%</b>	<b>6%</b>	<b>11%</b>	<b>9%</b>	<b>11%</b>	<b>18%</b>	<b>9%</b>	<b>10%</b>	<b>18%</b>

**Fonte:** Elaboração própria a partir do Documento de Áreas – Educação (CAPES, 2007b).

**Obs.1:** Os critérios foram separados por cores de acordo com os seus tipos e semelhanças para facilitar o entendimento e auxiliar na comparação dos estratos. **Obs.2:** A separação dos critérios por cores representam respectivamente os itens referentes a indexação; a diversidade autoral dos artigos; a diversidade editorial e do corpo de pareceristas; ao tipo de circulação do periódico e às exigências e normas de padronização.

Assim como afirma o documento, o Qualis-Periódico foi formalmente registrado utilizando o aplicativo do Qualis-CAPES, o que não possibilitou neste momento, a inclusão da classificação de livros e eventos. De acordo com o próprio documento (CAPES, 2007b), os mecanismos de controle de qualidade utilizados nesta avaliação foram:

- Reunião prévia para conceituar e sistematizar o trabalho a ser desenvolvido e contatos via *internet* (constantes) para esclarecer dúvidas e assegurar a implementação de decisões coletivamente acordadas;

- Utilização da ficha de avaliação com indicadores, critérios e fontes fornecendo orientação aos avaliadores;

- Avaliação dos indicadores qualitativos realizada por dois avaliadores;

- Cálculo dos indicadores quantitativos realizado duplamente;

- Centralização do cálculo dos indicadores de produção bibliográfica seguida de diversas revisões e testes;

- Planilha do Excel com o peso dos indicadores, itens e quesitos;

- Utilização de um parecer padrão, assegurando maior grau de clareza e uniformidade possível;

- Revisão cuidadosa dos pareceres para corrigir erros de cálculo e conceituação de redação;

- Exigência rigorosa de que nenhum membro participasse da avaliação do seu próprio programa, pois “todos os membros do Comitê de Área – Educação avaliaram programas em estados distantes dos seus estados de residência”.

Um relatório anexo ao documento de área descreve o Qualis como “uma base de dados que ficará disponível constantemente no sítio da CAPES e que constitui uma importante fonte de informação para as diferentes áreas do conhecimento” (CAPES, 2007b). A partir de uma análise dos critérios do Qualis referente ao triênio 2004-2006, observa-se que estes são praticamente os mesmos quando se comparados aos critérios do triênio 2001-2003, porém com algumas diferenciações. Nota-se a preocupação em considerar critérios para os periódicos classificados como ‘locais’, sendo que antes a única preocupação com esses periódicos era para que eles tivessem circulação (mesmo que restrita) e atendessem às exigências de normas padronização.



De acordo com os procedimentos descritos no documento de área do triênio 2004-2006, para os periódicos classificados anteriormente, o conceito já atribuído foi mantido em praticamente todos os casos, exceto para aqueles casos em que a avaliação anterior foi considerada equivocada, ou seja, que foi considerada errada. Já para os periódicos de outras áreas manteve-se o critério de adotar a classificação da área a qual o periódico estava mais diretamente ligado (área de origem). Nos casos em que a área de origem não era muito clara, adotou-se a classificação da área mais próxima à Educação. Os periódicos novos, que ainda não tinham sido classificados, foram investigados pela *internet*. Destacando que todos os periódicos científicos foram avaliados por dois avaliadores que trabalharam de forma independente.

Destacam-se aqui como mudanças mais importantes deste triênio com relação ao triênio anterior a diversidade institucional e geográfica da autoria, do corpo de avaliadores e do corpo editorial. Demonstrando a importância da participação de diversas fontes com pontos de vista diferentes na construção do conhecimento científico.

#### **2.2.4. TRIÊNIO 2007-2009**

O Relatório da Comissão de Avaliação de Periódicos da área de Educação 2006-2007 elaborado e disponível no site da ANPEd, afirma que

os processos de avaliação das publicações, sobretudo aquelas consideradas formais, são justificadas pela necessidade de informações com certo grau de confiabilidade, pela garantia de preservação do rigor metodológico na produção do conhecimento científico e pela divulgação de resultados que possam ser avaliados pelos pares (ANPEd, 2007, p:1).

A CAPES declara ainda que a avaliação da produção científica é – e tem sido – justificada pela necessidade de conhecer e regular os diferentes domínios do conhecimento, tendo em vista que propicia a circulação, atualização e renovação dos resultados obtidos nas pesquisas. E completa-se pelo fato de que a avaliação da produção científica serve como parâmetro nos processos de financiamento e gestão de recursos públicos dirigidos à pesquisa e à pós-graduação, levando-se em conta que a pós-graduação é mantida, em grande parte, por financiamentos públicos – que utilizam os resultados destas avaliações para autorizar e financiar cursos, programas, pesquisas e eventos (ANPEd, 2007).

Conforme esclarece o relatório, entende-se que a avaliação tem então um papel e uma dimensão construtiva, pois cada instituição pode, a partir da avaliação, estabelecer metas e objetivos com vistas a sanar os problemas identificados e sugerir novos critérios que julgar interessantes e necessários. Em 2008, Dupont e Dias publicaram um texto na Revista Química Nova explicando que a próxima avaliação (referente ao triênio 2007-2009) do Qualis tinha que encontrar uma linguagem comum entre as diferentes áreas, capaz de permitir que uma pessoa de determinada área entenda os critérios e a avaliação de qualquer outra área. De acordo com notícia publicada no Jornal da Ciência (2009), a coordenadora de Gestão da Informação Sra. Valdinei Costa Souza, afirma que existiam problemas com a interpretação da antiga escala do Qualis, principalmente no tocante à circulação dos periódicos e que essa nova classificação (do triênio 2007-2009) tem os critérios mais definidos e que exigem padrões de qualidade crescentes.

De acordo com o relatório ANPEd (2007), a classificação teve duas dimensões:

- 1) A primeira relativa ao preenchimento de critérios de ordem técnica como a normalização e garantia de determinadas condições de edição e circulação;
- 2) E a segunda relativa ao nível de inserção qualificada na área, sendo valorizada a política editorial, que apresenta foco claramente direcionado para questões educacionais, evidenciado pela tematização das questões contemporâneas que trazem contribuições inovadoras à pesquisa educacional por meio de artigos de interesse amplo, que se constitui em material de relevância na área. Outros aspectos como a diversificação e qualificação dos autores, editores, pareceristas e conselheiros também foram considerados (ANPEd, 2007).

O documento de área do triênio 2007-2009, que classificou 1.375 periódicos neste período, explicita que a produção em periódicos científicos nacionais ampliou-se nos últimos dez anos em mais de três vezes. Vale destacar que em relação ao triênio 2004-2006, o número de programas de pós-graduação passou de 78 para 93 no triênio 2007-2009. De acordo com o documento, o aumento da produção científica em periódicos especializados é positivo quando se considera que tais periódicos estão aprimorando sua gestão editorial, garantindo maior circulação e incrementando suas indexações a fim de alcançar boa classificação no Qualis (CAPES, 2010f).

Os critérios de avaliação do triênio 2007-2009 foram reformulados em decorrência das sugestões e críticas feitas pela comunidade científica com relação às classificações anteriores,

descritas no item a seguir. A tabela 2.3 menciona todos os critérios para cada estrato do Qualis, que passaram a ser A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C sendo A1 a classificação de maior peso e C com peso zero. Analisando os critérios é possível notar que, além da mudança dos estratos e do aumento significativo dos critérios de classificação, há uma forte preocupação dos representantes de área em explicar melhor cada critério para deixar claro o que cada um deles significa ou a que se refere.

Neste sentido, a indexação em bases de dados internacionais passa a ter mais valor sendo aplicada em todos os estratos. A diversidade da autoria dos artigos em especial à autoria internacional tem sido vista como item importante na avaliação, assim como a quantidade de artigos publicados e a periodicidade que passam a ser respectivamente de no mínimo 2 números e 12 artigos por ano. Este último estrato do Qualis-Educação demonstra que a ciência brasileira vem abrindo espaço no contexto internacional tanto com a cooperação de autoria nos artigos quanto na disponibilidade dos periódicos em bases de dados internacionais. A CAPES, por sua vez, consegue a partir dessas informações medir o grau de internacionalização da ciência brasileira.

Dessa forma, as exigências (critérios) descritas no último triênio (2007-2009) indicam uma tendência à ‘internacionalização’ dos periódicos científicos nacionais, salientando-a como uma das necessidades e, em alguns casos, obrigatoriedades desses periódicos. Isso leva a se pensar que um dos objetivos do Qualis é tornar a ciência desenvolvida e publicada no Brasil conhecida e reconhecida mundialmente, a fim de instigar cientistas estrangeiros a publicarem em periódicos brasileiros. A produção científica brasileira tem crescido exponencialmente nos últimos tempos, como demonstra a reportagem de Antônio Gois (2009) na Folha de São Paulo<sup>43</sup>. Uma das explicações para esse fenômeno pode ser pelo fato de que a ciência produzida no Brasil está sendo divulgada no exterior com mais intensidade.

---

<sup>43</sup> Ver <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u561181.shtml>>.

**TABELA 2.3 – CRITÉRIOS DO QUALIS – EDUCAÇÃO (TRIÊNIO 2007-2009)**

<b>Crítérios/ Estratos</b>	<b>A1</b>	<b>A2</b>	<b>B1</b>	<b>B2</b>	<b>B3</b>	<b>B4</b>	<b>B5</b>
<i>Quantidade de periódicos em cada estrato</i>	52	78	119	123	169	204	325
Publicação amplamente reconhecida pela área, seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente à comunidade acadêmico-científica atendendo a normas editoriais da ABNT ou equivalente (no exterior)	X	X					
Publicação reconhecida pela área, seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente à comunidade acadêmico-científica, atendendo a normas editoriais da ABNT ou equivalente (no exterior)			X	X			
Publicação seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente à comunidade acadêmico-científica, atendendo a normas editoriais da ABNT ou equivalente (no exterior)					X		
Publicação seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente à comunidade acadêmico-científica, na qual devem constar ISSN, editor responsável, conselho editorial, linha editorial, normas para submissão de artigos, afiliação institucional dos autores, resumo(s) e descritores						X	X
Ter ampla circulação por meio de assinaturas/permutas para a versão impressa, quando for o caso, e <i>on-line</i>	X						
Ter ampla circulação por meio de assinaturas/permutas, no caso de periódicos apenas impressos, e estar, preferencialmente, disponível <i>on-line</i>		X					
Ter circulação nacional por meio de assinaturas/ permutas, no caso de periódicos apenas impressos, sendo recomendado que esteja disponível <i>on-line</i>			X	X	X		
Ter circulação, no mínimo regional						X	
Periodicidade mínima de 03 números anuais e regularidade, com publicação de todos os números previstos no prazo	X						
Periodicidade mínima de 02 números anuais e regularidade, com publicação de todos os números previstos no prazo		X					
Periodicidade mínima de 02 números anuais e regularidade na edição dos números			X	X	X	X	X
Possuir conselho editorial e corpo de pareceristas formado por pesquisadores nacional e internacionais de diferentes instituições	X	X	X				
Possuir conselho editorial e corpo de pareceristas formado por pesquisadores nacionais de diferentes instituições				X	X		
Possuir corpo de pareceristas formado por pesquisadores de diferentes instituições						X	
Possuir corpo de pareceristas formado por pesquisadores de mais de uma instituição							X

Publicar, no mínimo, 18 artigos por ano, garantindo ampla diversidade institucional dos autores: pelo menos 75% de artigos devem estar vinculados a no mínimo 05 instituições diferentes daquela que edita o periódico	X	X					
Publicar, no mínimo 14 artigos por ano, garantindo ampla diversidade institucional dos autores: pelo menos 60% de artigos devem estar vinculados a, no mínimo, 04 instituições diferentes daquela que edita o periódico			X				
Publicar, no mínimo, 12 artigos por ano, garantindo diversidade institucional dos autores: pelo menos 50% de artigos devem estar vinculados a, no mínimo, 03 instituições diferentes daquela que edita o periódico				X			
Publicar, no mínimo, 12 artigos por ano, garantindo diversidade institucional dos autores: pelo menos 40% de artigos devem estar vinculados a, no mínimo, 03 instituições diferentes daquela que edita o periódico					X		
Publicar, no mínimo, 12 artigos por ano, garantindo que pelo menos 50% deles seja de autores diferentes da instituição que publica o periódico						X	
Publicar, no mínimo, 12 artigos por ano							X
Garantir presença significativa de artigos de pesquisadores filiados a instituições estrangeiras reconhecidas (acima de dois artigos por ano)	X						
Publicar, pelo menos, dois artigos por ano de autores filiados a instituições estrangeiras reconhecidas		X					
Publicar, pelo menos, um artigo ao ano de autores filiados a instituições estrangeiras reconhecidas			X				
Estar indexado em, pelo menos, 06 bases de dados, sendo, pelo menos 03 internacionais	X						
Estar indexado em, pelo menos, 05 bases de dados, sendo, pelo menos 02 internacionais		X					
Estar indexado em, pelo menos, 04 bases de dados nacional ou internacional			X				
Estar indexado em, pelo menos, 03 bases de dados nacional ou internacional				X			
Estar indexado em, pelo menos, 02 bases de dados nacional ou internacional					X		
Estar indexado em, pelo menos, 01 base de dados nacional ou internacional						X	
<b>Porcentagem dos estratos</b>	<b>4,86%</b>	<b>7,29%</b>	<b>11,12%</b>	<b>11,50%</b>	<b>15,79%</b>	<b>19,07%</b>	<b>30,37%</b>

**Fonte:** Elaboração própria a partir do Documento de Áreas – Educação (CAPES, 2010f).

**Obs.1:** Os critérios foram separados por cores de acordo com os seus tipos e semelhanças para facilitar o entendimento e auxiliar na comparação dos estratos. **Obs.2:** A separação dos critérios por cores representam respectivamente os itens referentes a indexação; a diversidade autoral dos artigos; a diversidade editorial e do corpo de pareceristas; ao tipo de circulação do periódico e às exigências e normas de padronização.

### 2.3. CRÍTICAS E DISCUSSÕES EM TORNO DO QUALIS

Atualmente, é incomum um pesquisador, ao encaminhar um artigo, não levar em conta a classificação Qualis do periódico. É cada vez mais comum ele se interessar acerca de como a avaliação Qualis é feita e em que critérios ela se baseia (TRZESNIAK, 2006, p:347).

Assim como os demais indicadores científicos, o Qualis é bastante discutido (e polemizado) pela comunidade científica, tendo em vista a importância que a sua avaliação passou a ter neste âmbito. De acordo com Silva (2009a), “quanto melhor situado na hierarquia do Qualis, maior o poder de atração e maiores as chances de influenciar na captação de financiamentos”, já que os responsáveis pela alocação de recursos e recompensas se utilizam de indicadores de desempenho, como o Qualis, para orientá-los nesta tarefa (LAWRENCE, 2003).

As críticas existentes em torno do Qualis se voltam, principalmente, ao questionamento da capacidade do Qualis em avaliar efetivamente a qualidade do que é publicado no campo científico (SILVA, 2009a). A grande crítica é se essa medida tem a capacidade de avaliar o que é bom e o que é ruim nas publicações científicas do país além de destacar também que os critérios avaliativos do Qualis são critérios puramente quantitativos e não têm nenhuma exigência qualitativa. Avaliar essas críticas se torna cada vez mais importante uma vez que, como mostrado acima, o Qualis adquire a função de medidor mais difundido de qualidade, impactando não somente publicações, mas financiamento, projetos de pesquisa e o reconhecimento científico.

Silva (2009a) contesta o Qualis afirmando que o que qualifica um periódico científico é “o trabalho do seu corpo editorial, do conselho de consultores, os autores que submetem seus textos à apreciação e, especialmente, seus leitores”. O autor questiona também se todos os periódicos científicos que existem atualmente no Brasil têm as mesmas condições de trabalho para atender aos critérios exigidos pela CAPES para ganharem o tão desejado e disputado “selo de qualidade”, conforme suas próprias palavras (SILVA, 2009a). Em outro texto, Silva (2005) afirma que “os níveis de chegada e de partida não são os mesmos para todos”. Isso demonstra que os pesquisadores e os periódicos são avaliados como se possuíssem as mesmas condições de trabalho onde atuam ou onde são desenvolvidos, o que não condiz com a realidade, assim como garante CARPINTEIRO (2008). Ou seja, os periódicos cujas publicações são avaliadas como inferiores encontrarão dificuldades consideráveis para modificar a sua situação (CRUZ, 2011).

Segundo Silva (2009a), as pesquisas e as produções intelectuais não se desenvolvem em condições de igualdade, pois quem está mais bem situado tem maior influência e poder, além das melhores condições, uma situação descrita sociologicamente como o "Efeito Mateus"<sup>44</sup> (MERTON, 1968). Ademais, o autor destaca a objetividade dos critérios desta avaliação:

pressupõe-se que os critérios são objetivos, isto é, que a informalidade, as relações pessoais, os interesses individuais e de grupos, afora as idiossincrasias dos editores ou corpo editoriais e dos consultores não têm qualquer influência. Será?! (SILVA, 2009a, p:119).

O argumento deste autor está pautado nos interesses que estão inseridos no campo científico. Para ele, as comissões avaliadoras do Qualis são compostas por ninguém menos que os próprios membros da comunidade científica, demonstrando que os imperativos institucionais do *ethos* científico descritos por Merton (1977), tais como universalismo, ceticismo organizado, comunismo e desinteresse são completamente passíveis de contestação. O autor afirma ainda que “a comunidade científica é expressão da disputa de interesses do campo científico”.

Outra crítica da comunidade científica sobre o Qualis é sobre a restrição de classificação nos estratos mais elevados da avaliação. Este assunto se tornou tema de discussão entre os membros da comunidade científica, incluindo o presidente da CAPES em 2009, Prof. Dr. Jorge Guimarães, que não concorda com a limitação dos números de periódicos que podem ser classificados num mesmo estrato (SILVA, 2009b). Para este autor o Qualis não é uma decisão de mérito, mas sim política, pois antes de ser promulgado deveria ser discutido pela comunidade, o que segundo ele, não acontece.

Em 2008, Costa & Yamamoto publicaram uma pesquisa sobre o Qualis da área de Psicologia, onde entrevistaram diversos atores envolvidos na avaliação, incluindo editores, membros do comitê na CAPES e bibliotecários. Em resumo, os autores descrevem que muitas tentativas têm sido feitas na direção do estabelecimento de critérios e metodologias que satisfaçam a todos os envolvidos. Contudo não se pode esquecer que se trata de um processo de avaliação e como todo o processo de avaliação implica em escolha e estabelecimento de alguns critérios em detrimento de outros, causando as desavenças e discussões sobre o assunto (COSTA & YAMAMOTO, 2008). Yamamoto (2001) esclarece que “avaliar significa estabelecer

---

<sup>44</sup> O Efeito Mateus faz uma analogia a uma passagem da Bíblia (Mateus 25:29) que diz “Porque a todo o que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até aquilo que tem ser-lhe-á tirado” (MERTON, 1968).

parâmetros de excelência, tarefa de difícil execução quando o que está em jogo, em última análise, é a produção do conhecimento”. No processo de construção do conhecimento científico todo ponto de vista é válido, tanto para confirmar quanto para negar determinada informação. Sendo assim, estabelecer critérios de avaliação não se torna uma tarefa de fácil realização.

A principal queixa relatada na pesquisa destes autores se refere à ausência da apreciação qualitativa dos periódicos e do conteúdo dos artigos (COSTA & YAMAMOTO, 2008). Ou seja, o ponto de discussão é sempre em cima do uso de indicadores meramente quantitativos, limitando-se a pontuar itens formais, técnicos, que podem ser facilmente adequados, quando se poderia observar outros itens do aspecto qualitativo. Em contrapartida, os pontos positivos do Qualis, de acordo com a pesquisa de Costa & Yamamoto (2008), é que essa avaliação acabou promovendo maior visibilidade aos periódicos científicos nacionais e, consequentemente obriga os editores a realizarem um constante aperfeiçoamento dos periódicos que editam.

Baumgarten; Ferreira; Pereira (2010) destacam as críticas históricas em torno do Qualis e afirmam que essas ainda são válidas atualmente, tais como a visão de que os critérios são pouco claros, subjetivos e com variação muito frequente. Destacam também as críticas sobre a importância exagerada que vem sendo atribuída à publicação em periódicos internacionais e a necessidade de se considerar as condições específicas de cada área do conhecimento na avaliação do Qualis.

Segundo pôde ser observado em conversa com editores de diversas áreas, como aconteceu no XIX Curso de Editoração Científica e no III Seminário para Editores Plenos, ambos os eventos promovidos pela ABEC<sup>45</sup>, a visão dos editores sobre os critérios do Qualis é basicamente a mesma: os critérios não são completamente transparentes e não são dialogados com a comunidade científica.

Yamamoto (2001), no entanto, questiona se os periódicos melhor qualificados no Qualis realmente atingem os padrões de excelência estabelecidos. O autor cita como um desafio do Qualis se tornar uma avaliação mais direta do material publicado, mas ao mesmo tempo sem desautorizar o sistema de arbitragem dos periódicos, realizado antes da publicação do mesmo.

---

<sup>45</sup> Realizados em Campinas – SP entre os dias 16-18/06/2011.



### ***Sobre o Fator de Impacto***<sup>46</sup>

Conforme afirma Torres (2011) “o novo sistema Qualis está essencialmente baseado em fatores de impacto de periódicos”, contudo a autora garante que “se quisermos fazer uma ciência vinculada ao desenvolvimento do país, esse Qualis não serve”, pois “até quando vamos ser pautados apenas a partir do exterior”?

Dessa forma, as discussões em torno do Qualis se baseiam também na utilização do FI que, de acordo com a *Thomson Reuters*<sup>47</sup> é um modo de avaliar ou comparar o desempenho de um periódico com relação a outros do mesmo campo medindo a frequência em que os artigos publicados de um periódico são citados num determinado período (MARQUES, 2009).

O uso do FI, no entanto, é bastante contestado, tendo em vista que esse indicador passou a ser utilizado na avaliação do Qualis independente do âmbito de circulação dos periódicos (em algumas áreas). Ou seja, como um periódico de âmbito local pode competir com um periódico de âmbito internacional? (MARQUES, 2009). O autor explica que o FI ajuda a promover diferenciações artificiais entre as subáreas do conhecimento e promove desvios de interpretação, já que, por exemplo, na química a visibilidade das inovações metodológicas analíticas é maior do que na química orgânica. Por este motivo, não se deve utilizar um mesmo indicador para ambas as subáreas<sup>48</sup>.

Por outro lado, a crítica em torno do FI não se baseia somente em quais tipos de publicações são mais citadas: trabalhos de revisão, ideias fundadoras, artigos originais etc. Críticas sobre o FI se baseiam também em como as citações são realizadas. Vanz & Caregnato (2003) explicam que o ato de citar possui implicações psicológicas, sociológicas políticas e históricas, além de conter influências de outras naturezas. Velho (2000) explicita que i) há uma certa tendência dos cientistas em se auto-citarem e citarem seus amigos; ii) há uma barreira linguística que por muitas vezes separa os cientistas de determinadas publicações indexadas no

---

<sup>46</sup> O FI foi criado por Eugene Garfield, fundador do *Institute for Scientific Information* (ISI), hoje parte da Thomson Reuters Corporation. Desde 1972, os FI são calculados anualmente para os periódicos indexados ao ISI e depois publicados no *Journal of Citation Reports* (JCR), também da Thomson Reuters ([http://www.acm.org.br/revista/scripts/editorial.php?CD\\_EDICAO=45](http://www.acm.org.br/revista/scripts/editorial.php?CD_EDICAO=45)).

<sup>47</sup> A *Thomson Reuters* é a empresa responsável pela divulgação do JCR – *Journal Citation Report*, atualizado anualmente (<http://thomsonreuters.com/>).

<sup>48</sup> MARQUES, Fabrício. A escala da discórdia. In: Revista FAPESP, edição 160, 2009.

SCI, de onde são colhidas as citações; iii) os trabalhos de pesquisa fundamental são muito mais citados que os experimentais, o que não significa que são mais importantes; iv) algumas áreas costumam citar mais que outras, como exemplo a física e a matemática; v) alguns trabalhos são citados sem terem sido lidos e analisados cuidadosamente; vi) muitas vezes as citações são colocadas depois que o trabalho está pronto, como parte dos “rituais” acadêmicos.

Garfield (1979) explica que o fato de se ter citações negativas, autocitações e citações a trabalhos de metodologia é algo que se faz questionar o FI. Para Vanz & Caregnato (2003), as citações não são medidas de qualidade de trabalhos, mas são medidas de qualidade definidas socialmente pela comunidade científica. De acordo com Righetti (2011), quando se quer ver o quanto uma pesquisa é relevante, o principal número a ser analisado é a quantidade de vezes que o estudo foi citado por outros cientistas no mundo. O que coloca o FI como um indicador eficiente para demonstrar a repercussão de determinado trabalho, porém não demonstra o impacto social do mesmo. Spinak (2011) em entrevista para a Agência FAPESP, explicou que os métodos numéricos não medem a qualidade, mas explicou também que o FI serve para medir as publicações mais citadas, não necessariamente as melhores, embora supõe-se que as melhores estejam no todo.

Conforme explica Escobar (2009) em matéria publicada no Jornal O Estadão, o Qualis referente ao triênio 2007-2009 coloca os periódicos científicos brasileiros em risco de extinção porque os compara com periódicos estrangeiros. O que de certa forma, explica a preferência dos pesquisadores brasileiros em publicar os resultados de suas pesquisas nesses periódicos, não somente pelo mérito de publicar um trabalho fora do seu país de origem, mas também pelo fato de ter publicações em periódicos mais reconhecidos dentro da sua área de atuação.

Contudo, nem todas as áreas do conhecimento utilizam o FI como um critério integrante na avaliação do Qualis e, por este motivo, a discussão baseada nas críticas de utilização do FI é aplicável somente a algumas áreas, como as exatas, por exemplo (BAUMGARTEN; FERREIRA; PEREIRA, 2010). No caso da área de Educação o FI não influencia na avaliação do Qualis e, por este motivo, a principal crítica da comunidade científica desta área está relacionada a outros fatores, como a utilização de critérios quantitativos ao invés de critérios qualitativos.

### ***O seu periódico tem Qualis?***

Ao invés de os objetivos e a validade política dos periódicos científicos serem questionadas no momento de avaliar o veículo para publicar o seu trabalho, os pesquisadores (sendo que estes são também autores, avaliadores, editores destes mesmos periódicos) preferem perguntar se o periódico tem Qualis e qual a sua classificação (SILVA, 2009a).

Costa & Yamamoto (2008) destacam que “se antes não havia parâmetros de qualidade para que os editores buscassem alcançá-los, hoje o nível das publicações se tornou elevado, o que demanda o estabelecimento de novos critérios e padrões de exigência”. Não existem somente críticas em torno do Qualis, os pesquisadores também destacam seus benefícios e enxergam que a realidade brasileira necessita de um parâmetro de qualidade do que é publicado no âmbito científico de acordo com as especificidades e particularidades do país.

Baumgarten; Ferreira; Pereira (2010) destacam a percepção dos editores científicos sobre o Qualis em sua pesquisa. Para eles o Qualis motiva o esforço para a melhoria e aprimoramento da qualidade dos periódicos; estabelece índices comparativos entre os periódicos; serve como base de registro de publicações e; dá visibilidade aos considerados de boa qualidade. Além disso, as autoras destacam que o Qualis é visto como um instrumento que permite a valorização do esforço dos pesquisadores; estimula a procura por melhores veículos de divulgação; melhora a avaliação do periódico e do programa de pós-graduação ao qual este se vincula (BAUMGARTEN; FERREIRA; PEREIRA, 2010). Em resumo, o Qualis é tido como um indicador que estimula a busca pela qualidade nos periódicos científicos.

### ***Propostas ao Qualis***

Dentre algumas sugestões de mudanças nos critérios do Qualis descritas no Editorial da Revista Nucleus (vol.7, n.1) assinado por Andriolo *et al* (2010), estão questões relacionadas às particularidades de cada área do conhecimento e a análise voltada para o conteúdo ao invés de uma análise mais técnica. As propostas descritas neste Editorial foram desenvolvidas por meio de encontros com diversos editores, coordenadores de programas de pós-graduação e pesquisadores, onde se destacam:

- A análise qualitativa dos periódicos no lugar de se avaliar o FI (em algumas áreas);
- Levar em consideração e respeitar as particularidades de cada área;
- Necessidade de maior apoio e incentivo aos periódicos científicos, principalmente com relação a financiamento financeiro;
- Atualização contínua do Qualis sem precisar esperar pelo prazo trienal e;
- Participação de representantes das áreas, que não fazem parte dos comitês de avaliação da CAPES, no processo decisório do Qualis.

Já na pesquisa realizada por Baumgarten; Ferreira; Pereira (2010) as reformulações que os editores sugerem ao Qualis é que se observe fatores como regularidade e abrangência da publicação, que se valorize periódicos com temáticas específicas; que se atenda especificidades de publicações interdisciplinares, que se melhore as definições de notas de corte e que se estabeleça uma instância reguladora do processo de avaliação. Por último os editores sugerem que a CAPES repense os critérios a fim de ampliar o debate sobre avaliação de periódicos.

Silva (2010) escreveu uma proposta para o próximo Qualis, na qual intitulou de “três erres”. Sendo o primeiro R referente a palavra REMOVE, com o intuito de remover periódicos de revisão do sistema Qualis, pois de acordo com ele os artigos de revisão são normalmente mais citados que os artigos de pesquisa original. O segundo R corresponde a RECONHECER outras métricas de avaliação, como as de outras bases indexadoras como SciELO onde boa parte dos periódicos científicos brasileiros estão indexados. O terceiro e último R é o de REAVALIAR os periódicos brasileiros com um ou dois pontos acima de sua posição atual, como necessidade de proteger o produto nacional.

Por último, antes de finalizar as propostas para o Qualis, cabe destacar aqui o trabalho de Lovisolo (2007) que sugere a medição do impacto social dos programas de pós-graduação como um resultado desses programas e do investimento destinado à ciência. O autor explica que a área de Educação Física, por exemplo, é uma área onde a maior parte da contribuição e dos resultados das pesquisas desenvolvidas estão na sociedade e não somente em periódicos científicos. Isso se aplica também a outras áreas, como exemplo Enfermagem e Medicina.

Em entrevista com a Sra. Silvia (2011), da CAPES, foi esclarecido que as decisões que afetam a avaliação dos programas de pós-graduação são amplamente discutidas no âmbito do CTC-ES em conjunto com as coordenações de Área de Avaliação. Outra informação passada durante a entrevista é que os comitês de avaliação das áreas são compostos por professores/pesquisadores da comunidade científica, garantindo assim a participação ativa de toda a comunidade acadêmica no processo de julgamento não só do Qualis-Periódico como no processo de avaliação geral. De acordo com ela, “é o fato da avaliação ter sido tradicionalmente realizada por pares que lhe dá respaldo junto à comunidade científica”. Observa-se no decorrer das estratificações do Qualis que os critérios qualitativos, embora não implantados na classificação, passaram a ser considerados indiretamente quando se leva em consideração a avaliação pelos pares, pois assim entende-se que o conteúdo das publicações já tenha passado por avaliação.

## **2.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO**

É possível concluir, a partir do levantamento de informações sobre o Qualis – conforme descrito neste capítulo – que este sistema de classificação dos periódicos científicos é tido, pela comunidade científica, como um importante indicador de qualidade e que sua trajetória vem demonstrando que essa importância tem aumentando no decorrer do tempo.

As discussões em torno do Qualis aguçam ainda mais a questão sobre o que é um periódico de qualidade e o que é considerado qualidade no contexto científico. Por um lado, a constatação de que a diversidade geográfica e institucional de autores, pareceristas e do conselho editorial dos periódicos científicos nacionais é vista como uma tendência à internacionalização destes. Por outro lado demonstra que a endogenia (autoral, por exemplo) de pesquisas científicas publicadas num mesmo periódico não trazem todas as contribuições para o crescimento e para a construção de determinado conhecimento que a exogenia é capaz de proporcionar.

Percebe-se que no decorrer dos triênios do Qualis, houve uma preocupação em explicar com mais detalhes cada um dos critérios, pois as cobranças e os questionamentos da comunidade científica aumentaram em paralelo à importância da avaliação. Outro questionamento da comunidade científica em torno do Qualis é sobre a formação dos comitês

científicos das áreas do conhecimento na CAPES. Marques (2009) explica que os coordenadores desses comitês têm liberdade para sugerir com quem vão trabalhar, respeitando os critérios de competência na área, tendo em vista que os nomes sugeridos devem ser aprovados pela diretoria de avaliação da CAPES. Isso significa que a formação dos comitês pode favorecer determinado grupo, ou determinada linha de pensamento dentro das áreas.

Outro questionamento que surgiu durante a pesquisa é se as exigências do Qualis podem atrapalhar o desenvolvimento do trabalho da equipe editorial dos periódicos científicos, uma vez que para atender a todos os critérios deste indicador a equipe se desdobra em realizar as tarefas rotineiras e seguir todas as exigências impostas pela CAPES. Ou será que estas exigências, de fato, se traduzem em sinônimo de qualidade e acabam auxiliando os periódicos científicos a melhorarem suas atividades?

Neste capítulo foi possível observar também que no decorrer dos triênios publicados no Qualis, alguns critérios se tornaram mais importantes que outros e por isso tiveram maior notoriedade, como por exemplo, a diversidade de autoria, do corpo de avaliadores e do corpo editorial. Especialmente na última avaliação notou-se maior atenção a itens como i) a indexação internacional; ii) a diversidade da autoria dos artigos; iii) a quantidade de artigos publicados anualmente – sendo que a recomendação é de que sejam publicados no mínimo 12 artigos por ano; iv) a periodicidade mínima – semestral e, v) a participação de autores estrangeiros na autoria dos artigos.

Ademais e apesar de os documentos da ANPED e da CAPES não discutirem a definição do que é qualidade para os periódicos científicos, nota-se que de acordo com a descrição dos critérios, periódicos científicos de qualidade são aqueles que mantêm periodicidade regular, contam com a participação de pesquisadores de diversos centros e países diferentes, estão indexados em bases de dados importantes como o SciELO e, disponibilizam seu conteúdo de forma gratuita (por meio do acesso aberto).

O capítulo 3 deste trabalho demonstra, por meio de uma análise empírica, a preocupação das equipes editoriais com a avaliação do Qualis. Essa preocupação, no entanto, pode trazer consigo um problema bastante presente: os periódicos se preocupam tanto com sua classificação no Qualis que se esquecem da sua real missão, a de disseminar o conhecimento

científico. Conforme poderá ser observado neste próximo capítulo, as exigências de qualidade propostas no Qualis traduzem-se em padronização dos periódicos científicos nacionais da área e auxiliam as equipes editoriais a entenderem quais itens de suas rotinas precisam ser adaptados a fim de um melhor funcionamento desta rotina. Neste sentido, observa-se que o Qualis ajuda a desenvolver um sentido de qualidade para os periódicos científicos brasileiros, sendo que este sentido é baseado principalmente na periodicidade e na publicação de trabalhos capazes de auxiliar o desenvolvimento de conhecimentos científicos – com discussões, trocas de opiniões e pontos de vista sobre um determinado assunto.





### 3. ANÁLISE DOS ASPECTOS DO QUALIS NOS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO

---

Conforme demonstrado no primeiro capítulo desta dissertação, a função dos periódicos científicos não é somente divulgar os resultados de pesquisas científicas, mas também i) comunicar os resultados da pesquisa original para a comunidade científica e demais interessados; ii) preservar o conhecimento registrado – servindo como arquivo das ideias, reflexões dos cientistas e resultados de suas pesquisas; iii) estabelecer a propriedade intelectual – registrando a autoria das descobertas científicas e, iv) manter o padrão da qualidade na ciência – conferindo aos trabalhos publicados a confiabilidade e credibilidade da comunidade científica (MUELLER, 2000b).

A função do periódico científico em manter um padrão de qualidade diante dos demais periódicos é o tema principal deste trabalho, que toma como base o ponto de vista da rotina editorial dos próprios periódicos e da CAPES<sup>49</sup>. Dessa forma, o foco da dissertação é entender de que maneira o Qualis se faz presente nas práticas editoriais dos periódicos científicos. Para tanto, foi escolhida a área de Educação<sup>50</sup> na qual um periódico desenvolvido no âmbito de uma universidade estadual de São Paulo foi selecionado para o desenvolvimento do estudo etnográfico. Em seguida foi realizado um levantamento dos periódicos científicos dessa mesma área com perfil semelhante ao periódico do estudo etnográfico e, assim, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com quatro outros periódicos a fim de se conseguir uma visão mais ampla do estudo.

Na etnografia foi possível observar detalhes da rotina editorial, entendendo o seu funcionamento interno e abrangendo (bem como tomando como ponto principal de observação) a preocupação da equipe, que trabalha ativamente no periódico, com sua qualidade perante a comunidade científica.

A segunda etapa da pesquisa empírica, formada pelas entrevistas com membros das equipes de periódicos científicos, abordou questões que foram formuladas com base na

---

<sup>49</sup> Conforme descrito no capítulo 2.

<sup>50</sup> A justificativa da escolha da área está descrita no item 2.2 do capítulo 2.

interpretação dos dados coletados durante o estudo etnográfico da primeira etapa. Ressaltando e complementando que, as análises aqui realizadas tomaram como pressuposto a ideia de que os periódicos científicos se preocupam com a qualidade que detêm dentro da comunidade científica por diversos motivos, destacando o auxílio e fomento a pesquisas e o reconhecimento científico junto a seus pares.

De antemão, o que se pode destacar como resultados da pesquisa etnográfica e das entrevistas é que a qualidade é uma preocupação constante das equipes que trabalham nos periódicos científicos, tanto pelo mérito adquirido dentro de sua respectiva área quanto pelo financiamento às pesquisas da instituição onde o periódico é desenvolvido. A ideia de qualidade que surge neste âmbito é de que os periódicos científicos com ‘boa’ qualidade são aqueles que prezam pela publicação de trabalhos originais, inéditos e de relevância científica dentro de sua área. Ademais, a qualidade dos periódicos pode ser observada dentro de diversas perspectivas, sob o ponto de vista dos editores, dos autores e das agências de fomento.

Para os editores, um periódico de qualidade é aquele que cumpre com sua periodicidade, que tem suas diretrizes de publicação bem esclarecidas, possui diversas fontes de indexação para aumentar sua visibilidade e também aquele que é lembrado por boa parte da comunidade científica quando referenciado em demais publicações, ou seja, a quantidade de citações que este periódico recebe também é ‘sinônimo’ de qualidade. Os autores, além de compartilharem do ponto de vista dos editores, consideram também como fator de qualidade o periódico que publica trabalhos de autores conceituados dentro de sua área.

As agências de fomento levam em consideração a quantidade de citações do periódico num determinado período e, no caso brasileiro, consideram para fins diversos – mas principalmente para o financiamento a pesquisas e aos programas de pós-graduação – a classificação do periódico no Qualis da CAPES. Contudo, além do financiamento necessário para a realização de pesquisas científicas, a qualidade dos periódicos, bem como suas respectivas classificações, é tida como algo importante para se conseguir credibilidade científica.

Um periódico classificado nos primeiros estratos do Qualis, que publica trabalhos de autores conceituados e pesquisas de relevância acadêmica, aumenta cada vez mais a sua credibilidade para com os membros da comunidade científica. Essa credibilidade traz consigo o

reconhecimento dos pares, que passam a ver o periódico como um dos melhores da área. Ou seja, é um ciclo vicioso onde boa classificação traz credibilidade, visibilidade e financiamento que por sua vez, traz boa classificação novamente.

### **3.1. ORGANIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS**

A importância do Qualis no contexto científico brasileiro, tanto para a comunidade científica quanto para os órgãos que fomentam a pesquisa científica no país, é a visão norteadora para o desenvolvimento deste trabalho. Dessa forma, para compreender essa preocupação e as interferências do Qualis na rotina editorial dos periódicos científicos brasileiros, é necessário organizar as ideias iniciais – e complementares – bem como os dados coletados na pesquisa empírica.

Para isso, foi escolhido o Relatório ANPED (2007) que divide os critérios da última estratificação do Qualis (referente ao triênio 2007-2009) em duas dimensões distintas para auxiliar na sistematização e no entendimento dos dados coletados. As duas dimensões dos critérios do Qualis citadas no relatório ANPED (2007) são diferentes, mas se complementam durante todo o processo de avaliação: sendo a primeira relacionada aos critérios de ordem técnica – como normalização, edição, circulação, e a segunda referente a critérios classificados como sendo de ordem qualitativa – como, por exemplo, se o periódico contribui com a divulgação de trabalhos originais e de relevância na área.

Organizando os critérios do estrato mais elevado do Qualis da área de Educação do triênio 2007-2009, o A1, de acordo com as dimensões de ordem técnica e de ordem qualitativa, nos deparamos com a seguinte divisão:

#### **Crítérios de ordem técnica**

- Publicação seriada, arbitrada e atendendo às normas editoriais da ABNT ou equivalente (no exterior);
- Ampla circulação por meio de assinaturas/ permutas para a versão impressa quando for o caso e, online;

- Periodicidade mínima de três números anuais de regularidade, com publicação de todos os números no prazo.

#### **Critérios de ordem qualitativa**

- Publicação amplamente reconhecida pela área;
- Garantir presença significativa de artigos de pesquisadores filiados à instituições estrangeiras reconhecidas (acima de dois artigos por ano);
- Publicar no mínimo dezoito artigos por ano, garantindo ampla diversidade institucional dos autores: 75% de artigos devem estar vinculados a, no mínimo, cinco instituições diferentes daquela que edita o periódico;
- Estar indexado em pelo menos seis bases de dados sendo pelo menos três internacionais;
- Conselho editorial e corpo de pareceristas formados por pesquisadores nacionais e internacionais de diferentes instituições.

A divisão aqui realizada serve como base para a análise do estudo etnográfico e também das entrevistas realizadas no decorrer da pesquisa, que foram organizadas de forma a se posicionar sobre estas duas dimensões. O que pode ser observado nesta divisão é que os critérios de ordem técnica, denominados desta forma no Relatório ANPEd (2007), são basicamente critérios de ordem quantitativa, alvos de muitas críticas na avaliação dos periódicos conforme demonstrado o item 2.3.

### **3.2. DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO ETNOGRÁFICO**

[...] dada a interconexão entre os diferentes aspectos culturais que incidem numa instituição, apenas o levantamento exaustivo [de informações] pode assegurar elementos suficientes para estabelecer todas as conexões relevantes ou para seguir as ramificações de um fenômeno em todas as suas manifestações essenciais (DURHAM, 1986, p:13).

Este item do capítulo 3 descreve, inicialmente, o método de pesquisa utilizado – a etnografia (ou como citado em alguns momentos, o estudo etnográfico), a fim de demonstrar e esclarecer de que forma este método se demonstrou eficaz no desenvolvimento deste estudo. Em seguida, apresenta a descrição do estudo etnográfico propriamente dito com todos os seus detalhes e análises.

### 3.2.1. O MÉTODO ETNOGRÁFICO

[...] se você quer compreender o que é a ciência, você deve olhar, em primeiro lugar, não para suas teorias ou as suas descobertas, e certamente não para o que os seus apologistas dizem sobre ela; você deve ver o que os praticantes da ciência fazem (GEERTZ, 1978, p:15).

Conforme explicado por Mattos (2001) a palavra etnografia tem origem na língua grega, onde *graf(o)* significa escrever sobre e *etn(o)* uma sociedade particular. Para Malinowski (1976), as metas da etnografia são: captar o ponto de vista do outro, captar sua relação com a vida e apreender a sua visão do seu mundo.

Este breve resumo de Malinowski explicita bem o que o estudo etnográfico desenvolvido nesta pesquisa buscou compreender: qual é o ponto de vista dos agentes atuantes<sup>51</sup> do periódico selecionado sobre a sua própria rotina editorial. Entretanto, tendo como base o entendimento sobre o Qualis e seus critérios, seria praticamente impossível não observar e ‘detectar’ as atividades desenvolvidas que são (ou estão), de uma forma ou de outra, relacionadas à qualidade do periódico científico, que também se encontram descritas neste estudo.

A etnografia, de acordo com Malinowski (1976) é denominada como o “processo de reconstrução da realidade”, no qual o autor é ao mesmo tempo seu cronista e historiador. O etnógrafo deve observar tudo o que se passa ao seu redor implícita e explicitamente e, deve ter como base que “o comportamento do outro não é nem incoerente nem irracional, mas explica-se por uma lógica própria que precisa ser descoberta pelo investigador” (DURHAM, 1986). Para Peirano (1992) a etnografia – pesquisa de campo – é vista hoje como uma “imersão no universo social e cosmológico do outro”, tendo em vista que o outro também tem seu ponto de vista e que este não deve nunca ser ignorado. Mattos (2001) complementa a afirmação anterior ressaltando que “a etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo”.

Laplantine (2003) destaca que Malinowski conseguiu fazer os seus leitores verem e ouvirem aquilo que ele mesmo tinha visto, ouvido, sentido. O estudo etnográfico desenvolvido nesta pesquisa procura demonstrar a partir da descrição detalhada da rotina editorial do periódico,

---

<sup>51</sup> Para este estudo, entende-se agente atuante na equipe editorial de um periódico científico aquele que trabalha ativamente em sua rotina, tais como pessoal de secretaria e editoração.

todas as atividades realizadas durante a publicação de um fascículo, a fim de fazer com que o leitor tenha a mesma sensação obtida durante o estudo etnográfico.

Pelo fato deste estudo estar relacionado à etnografia da ciência, torna-se imprescindível citar Bruno Latour, conhecido por seu trabalho nesta área. Latour, filósofo e antropólogo francês, trabalhou em seu livro *A Vida de Laboratório*<sup>52</sup> (1997) – escrito em parceria com Steve Woolgar, sociólogo inglês – a etnografia da ciência. Suas observações etnográficas foram realizadas no Laboratório de Neuroendocrinologia do Instituto Salk, na Califórnia. Kropf & Ferreira (1997) afirmam que Latour é visto como o “sociólogo da ciência que foi ao campo empreender um estudo empírico detalhado das atividades cotidianas dos cientistas em seu *habitat* natural”: o laboratório. Os estudos de Latour são muito importantes para a área de sociologia da ciência, pois demonstram com base numa análise empírica – pesquisa de campo – como acontecem as relações e conexões entre os agentes no campo científico.

O estudo etnográfico ajuda a especificar o caráter da atividade científica, tendo por base a observação da ciência “como ela acontece”, o que proporciona uma visão da atividade científica como uma prática social (Kropf & Ferreira, 1997), dada a interação entre os atores no âmbito do laboratório. Para tanto, o etnógrafo precisa “disciplinar o olhar e manter a distância” (Latour & Woolgar, 1997), a fim de conseguir observar todas as situações que ocorrem num laboratório e conseguir enxergar as conexões que os próprios cientistas não enxergam pelo fato de estarem bastante habituados a tais situações.

Entendendo que o objeto central do estudo da ciência praticada no laboratório é a investigação das operações praticadas, a etnografia passa a ter um papel importante no sentido em que ajuda a entender como se dá a construção de um fato científico. Um fato científico é reconhecido como tal quando perde todos seus atributos temporais e integra-se no conjunto de conhecimentos edificados por outros fatos<sup>53</sup> (KROPF & FERREIRA, 1997; LATOUR & WOOLGAR, 1997).

Geertz (1978) destaca que praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, mapear campos e assim por diante, mas que não são essas

---

<sup>52</sup> Referenciado por Kropf e Ferreira (1997) como um clássico dos Estudos Sociais da Ciência.

<sup>53</sup> Thomas S. Kuhn trata deste assunto como “paradigma científico” em seu livro “A estrutura das revoluções científicas” (1962).

atividades que definem o que é, de fato, um estudo etnográfico, e sim o tipo de esforço intelectual que ele representa. Como complemento, o autor descreve que a etnografia é uma descrição “extraordinariamente densa” das atividades onde estão sendo realizadas as observações. Esta afirmação é verdadeira tendo em vista a quantidade de informações que se obtém durante as observações de um estudo etnográfico. O importante após a obtenção dessa intensa gama de informações é separar os dados de acordo com o que se pretende analisar.

Hess (2001) ressalta que bons etnógrafos são aqueles que conseguem compreender o conteúdo e a linguagem do campo e também analisar este conteúdo no sentido de englobar as relações sociais, estruturas de poder, significados culturais e a história do campo. Para uma ‘boa’ etnografia, entender o que acontece no campo estudado e em seu exterior é de extrema importância, possibilitando assim a construção de significados, além de dar sentido ao objeto estudado. No caso desta pesquisa, entender o Qualis e seu funcionamento é importante, mas entender e coletar informações sobre o que os editores científicos pensam a respeito e como eles agem com relação a esta avaliação, tem igual importância. “O etnógrafo tem uma obrigação de se tornar parte da conversa sobre a relação entre o campo de pesquisa e o público em geral” (HESS, 2001).

Contudo, há um forte questionamento sobre a utilização do método etnográfico enquanto método de estudo para se compreender determinada situação, determinado grupo de pessoas, etc.: qual o alcance teórico da pesquisa etnográfica? (KROPF & FERREIRA, 1997). De acordo com essas autoras, existem duas concepções da abordagem etnográfica: enquanto a primeira, denominada reflexiva, proporciona a compreensão dos aspectos de nossa própria cultura; a outra, denominada instrumental tem o papel de revelar, ao mesmo tempo em que sua limitação está no aspecto de tentar demonstrar através do micro para além dos limites internos do ambiente pesquisado. Para esclarecer este questionamento, Woolgar (Kropf & Ferreira, 1997) sugere que “se vá além de uma concepção instrumental e que se adote uma concepção reflexiva da etnografia”. Ou seja, é necessário ir além do que somente acompanhar os dados que a etnografia nos traz, a fim de conseguir entender o que os dados coletados vêm nos mostrar.

Geertz (1978) ressalta que “os antropólogos não estudam *as* aldeias (tribos, cidades, etc.), eles estudam *nas* aldeias. O estudo etnográfico desenvolvido nesta dissertação não estudou *a* rotina de um periódico científico, mas sim *no* cerne da rotina de um periódico científico – onde

a busca pela qualidade ocorre. O trabalho aqui descrito tem o seguinte propósito: além de focar no Qualis e no seu funcionamento, tem o objetivo de examinar de que forma as interações no processo editorial de um periódico científico, com relação ao Qualis, podem contribuir para uma análise sobre sua construção. A autora deste trabalho entende que, uma ‘boa’ etnografia deve servir para este tipo de debate a fim de elucidar novos paradigmas de investigação.

### 3.2.2. DESCRIÇÃO DO ESTUDO ETNOGRÁFICO

O antropólogo que pela primeira vez penetra em seu campo de pesquisa, o laboratório, está convencido de que poderá dar sentido àquilo que observa e registra, bastando para isso aplicar um princípio sobre o qual se baseia. Esse observador ideal arrisca-se a ficar firmemente abalado em sua fé e na possibilidade de sistematizar e dar ordem às suas observações, porque será desarmado pelos usos e costumes da tribo em questão, entre a qual, ao que tudo indica, reina a confusão, senão o mais total absurdo. Como atingir o objetivo que ele fixara inicialmente? Ele, que prometera a si mesmo classificar e relatar as observações de maneira sistemática, enquanto em sua cabeça enredam-se as seguintes questões: que diabo esta gente está fazendo? De que estão falando? [...] (LATOIR & WOOLGAR, 1997, p:35).

Antes de iniciar a descrição do estudo etnográfico desenvolvido nesta pesquisa, cabe destacar que a etnografia se demonstrou um método bastante eficaz na compreensão do significado de ‘rotina editorial’ para o periódico científico estudado e elucidou vários pontos sobre a preocupação da equipe editorial com a qualidade do referido periódico, conforme será demonstrado a seguir.

Assim como Bourdieu (2004), que tomou como base sua análise sobre a lógica própria do INRA – *Institut National de La Recherche Agronomique*<sup>54</sup>, com o objetivo de desencadear um processo de autoanálise coletiva, neste estudo etnográfico (e pode-se dizer que também nas entrevistas) se tem como base a lógica própria do periódico científico selecionado com o objetivo de promover uma autoanálise coletiva para os demais periódicos. Em outras palavras, a intenção não é generalizar e afirmar que o Qualis é visto da mesma forma por todos os periódicos e suas equipes, mas sim proporcionar um entendimento micro da visão do Qualis na rotina editorial de alguns periódicos (da área de Educação) a fim de auxiliar numa análise macro da preocupação com a qualidade dos periódicos nas diversas áreas. O que em outras palavras

---

<sup>54</sup> BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.



pode ser descrito também que o objetivo não é dizer o que está certo e o que está errado, mas sim entender o trabalho da rotina editorial e como a temática da qualidade surge neste contexto, a partir da percepção do que se entende por qualidade nesses periódicos, quais as disputas em torno dessa classificação (Qualis) e o que se pode entender a respeito da problemática da qualidade na ciência brasileira atual.

Faz-se necessário, portanto descrever o campo estudado, ou seja, as características do periódico científico selecionado para o desenvolvimento deste estudo, assim como feito por Latour & Woolgar (1997) com a descrição de como o campo estudado por eles se autodenomina<sup>55</sup>. A autodenominação do campo é importante, porque por meio das observações durante o estudo etnográfico, é possível verificar em quais aspectos as informações condizem com a realidade observada.

O periódico científico selecionado para o desenvolvimento desta pesquisa encontra-se localizado em uma universidade estadual de São Paulo. O periódico é uma publicação científica eletrônica criada em 1999, editada com periodicidade semestral. Seu Qualis atual é A2 na área de Educação, mas também é enquadrada em outras áreas com estratificações diferentes<sup>56</sup>. Fazendo uma análise a fim de contextualizar melhor o periódico selecionado para a pesquisa observa-se que o periódico é relativamente jovem frente aos demais com classificações A1 e A2, sendo que a maioria foi criada nas décadas de 1970 e 1980. Outra informação importante é que durante o período de observações do estudo etnográfico, o periódico utilizava parcialmente o SEER desde junho/2004. Posteriormente ao estudo etnográfico, como se manteve um relacionamento com a equipe editorial, soube-se que o SEER passou a ser utilizado durante todo o processo editorial e que sua utilização tem trazido muitos benefícios ao trabalho rotineiro.

O periódico se dedica à publicação de artigos da comunidade científica nacional e internacional que investigam questões de interesse do campo educacional e áreas afins. De acordo com as informações disponíveis no site do periódico, podem ser publicados artigos, relatos de experiência, comunicações, pesquisas e ensaios. O periódico é dirigido a

---

<sup>55</sup> “Este situar-se ‘em um campo’ facilitava a correspondência entre um grupo, uma rede ou um laboratório particular, e uma mistura complexa de crenças, hábitos, tradições orais e práticas” (LATOUR & WOOLGAR, 1997).

<sup>56</sup> Interdisciplinar: B2; Ensino de Ciências e Matemática: B3; Administração, Ciências Contábeis e Turismo: B4; Ciências Sociais Aplicadas I: B4; História: B5; Letras/ Linguística: B5; Sociologia: B5.

pesquisadores, professores, bibliotecários, profissionais e estudantes com interesse no campo da educação e áreas afins.

Desde o início das conversas com um dos editores, foi possível verificar a importância em demonstrar qual a verdadeira missão e os reais objetivos do periódico, o que se mostrou ser uma atividade importante para se distinguir dos demais periódicos da mesma área. Sua missão é a de publicar e disseminar produtos do trabalho científico que sejam relevantes para a educação brasileira e áreas afins, assim como trabalhos internacionais ligados à mesma área a fim de apresentar a contribuição de especialistas nos respectivos campos do conhecimento. Os objetivos são descritos como sendo o de difundir conhecimento e pesquisas inovadoras para o saber educacional, tornando-se um espaço de incentivo à pesquisa e à produção em diferentes campos do conhecimento.

Vale destacar que este periódico publica trabalhos em português, espanhol ou inglês e esclarece que a responsabilidade pelo conteúdo dos trabalhos publicados é exclusiva do(s) autor(es), assim como a revisão ortográfica. Com relação à avaliação dos trabalhos submetidos ao periódico para publicação, os editores esclarecem que os trabalhos devem receber pelo menos dois pareceres favoráveis à publicação e, finalmente, antes da publicação, os autores devem assinar um termo de cessão de direitos autorais para a publicação dos trabalhos aprovados.

Outra informação importante sobre este periódico é que ele oferece acesso livre e imediato ao seu conteúdo – política de acesso livre. De acordo com as políticas editoriais, o periódico segue “o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento”. O periódico está indexado em 14 bases de dados de periódicos científicos, sendo 4 nacionais e 10 internacionais. Anualmente recebe em média 150 artigos para avaliação, publica aproximadamente 120 trabalhos e tem uma taxa de rejeição em torno de 21% dos trabalhos submetidos (informações sobre os dados coletados no site do periódico com base nos anos de 2009 e 2010, conforme orientado por um dos editores).

A escolha do periódico foi realizada juntamente com a escolha da área para o desenvolvimento da pesquisa, sendo que o editor deste periódico se colocou à disposição do estudo entendendo a importância que o Qualis possui dentro a comunidade científica num todo. O

primeiro contato com o editor deste periódico foi durante um evento com os usuários do SEER em Florianópolis-SC, conforme descrito no item 2.2.

Witt (2008) destaca que

Editar e publicar um periódico envolve diferentes desafios, exigindo que a Comissão de Editoração decida cotidianamente a respeito dos manuscritos a serem publicados, observe a política de publicação, defina as estratégias para a manutenção da qualidade e periodicidade bem como para ampliação da circulação no cenário nacional e internacional (WITT, 2008, p:1).

Durante as constantes visitas que tiveram início em outubro/2010 e se desenvolveram no decorrer de um período de 7 meses, várias conversas e observações foram anotadas com o objetivo principal de entender o que é o processo ou rotina editorial para a equipe deste periódico e sua visão com relação à qualidade e ao Qualis. Ao todo foram 10 visitas com aproximadamente 4 horas cada e 5 reuniões (entre conversas informais e entrevistas) com um dos editores.

Logo no início das observações, foi possível perceber que o Qualis é uma preocupação constante do editor científico, conforme pôde ser observado em atividades rotineiras, como por exemplo, a preocupação em atualizar as bases de indexação. Um periódico classificado nos primeiros estratos do Qualis demonstra ser um periódico respeitado pela comunidade científica, levando em consideração que uma boa classificação aumenta a sua visibilidade gradativamente, junto com o seu prestígio.

Ressalta-se aqui, que a autora deste trabalho é ela própria integrante da equipe editorial de um periódico científico em outra área do conhecimento indicada pela CAPES, o que por um lado ajuda numa melhor compreensão das atividades desenvolvidas na rotina editorial, mas que por outro dificulta a análise no sentido de não levar conceitos pré-concebidos para as análises e observações. Mattos (2001) afirma que para um bom trabalho etnográfico é necessário tornar o familiar estranho. Neste estudo foi realizado um verdadeiro esforço para deixar de lado esses pré-conceitos e entender o que cada etapa de um processo editorial significa para a equipe do periódico selecionado.

Conforme explicado anteriormente, o periódico estudado é eletrônico desde sua criação e, publica regularmente dois exemplares por ano, mantendo uma periodicidade semestral. Porém, a partir da demanda de professores e pesquisadores com a intenção de publicar números

especiais com temáticas pré-determinadas, o periódico passou a publicar também números especiais – denominados pela equipe como ‘dossiês’.

O processo editorial desses dossiês é um trabalho conjunto da equipe do periódico com o professor/pesquisador que envia a proposta do número especial. São formados por artigos e outros trabalhos de um tema específico, e assim que chegam à equipe editorial do periódico, passam inicialmente por uma avaliação do editor verificando se a temática se enquadra nas linhas de atuação do periódico<sup>57</sup>. Conforme informações do site do periódico, cada dossiê submetido para avaliação deve conter no máximo seis artigos com até vinte páginas cada.

Quando questionado sobre a diferença entre um dossiê e um número regular, um dos editores do periódico respondeu dizendo que a forma de avaliação é a mesma, pois todos passam pelo mesmo processo avaliatório com dois pareceristas. A única diferença é que um dossiê pode ser encomendado por um pesquisador – que organiza o dossiê com base em um tema pré-determinado e com artigos pré-selecionados. Ele destacou também que existem dois tipos de dossiês: este, encomendado por algum pesquisador e outro organizado pelo editor quando possui artigos submetidos para números regulares de uma mesma temática, mas que passa a ser uma das sessões do número regular e não um número dedicado a uma determinada temática.

As observações do estudo etnográfico foram realizadas durante a rotina editorial (compreendendo desde o início da avaliação dos artigos até a publicação) de um dos dossiês do periódico, mas acompanhou também o trabalho de recebimento e avaliação dos artigos dos números regulares (semestrais) – denominados pela equipe como ‘artigos avulsos’. Ou seja, foi acompanhado todo o processo editorial de um número do periódico, o que se denomina a ‘rotina editorial’<sup>58</sup>, neste contexto.

Em geral, a equipe de um periódico científico é composta por um ou mais editores, por um conselho editorial formado por pesquisadores atuantes na área do periódico e por um

---

<sup>57</sup> As linhas de atuação do periódico são i) biblioteconomia e ciência da informação; ii) cidadania e movimentos sociais; iii) diferenças e subjetividade; iv) educação, comunicação e tecnologia; v) educação e arte; vi) educação e saúde; vii) educação visual, linguagens visuais e arte; viii) ensino de psicologia e psicologia educacional; ix) escola e diversidade; x) estudos piagetianos e psicologia genética; xi) filosofia da educação; xii) gerontologia; xiii) gestão educacional; xiv) história da educação; xv) instituição escolar e organizações familiares; xvi) leitura e alfabetização; xvii) planejamento educacional

<sup>58</sup> Também citada como ‘processo editorial’ em algumas ocasiões.

corpo técnico – especialmente por uma pessoa na secretaria (que pode englobar pessoal de informática, pessoal de *design*, diagramadores e revisores). Barbalho (2005), por exemplo, explica que um dos critérios preliminares de análise do Qualis é a existência de um corpo editorial e de um corpo de avaliadores. O que foi observado neste periódico, e que por meio de conversas com outros editores é possível observar que a realidade é bastante parecida – sem generalizar –, é que trabalham efetivamente e ativamente na rotina editorial deste periódico, uma pessoa da secretaria e um dos editores.

Em sua composição, o periódico conta com dois editores científicos, uma editora técnica, três pessoas responsáveis pela normalização e orientação bibliográfica, uma revisora e uma pessoa responsável pela formatação textual; além do conselho editorial composto por vinte e seis pesquisadores de cinco países diferentes.

No caso da rotina editorial de um dossiê, o professor/ pesquisador – denominado pela equipe do periódico como o ‘coordenador do dossiê’, trabalha juntamente com a secretária e com o editor do periódico durante todo o processo editorial. Sobre o conselho editorial, o periódico conta com professores/pesquisadores reconhecidos em suas linhas de pesquisas, de diversas instituições no país e alguns países da América Latina e Europa. As observações do estudo etnográfico, no entanto, foram feitas em cima do trabalho da pessoa que trabalha na parte de secretaria – bolsista pela universidade e estudante de pedagogia – e de um dos editores.

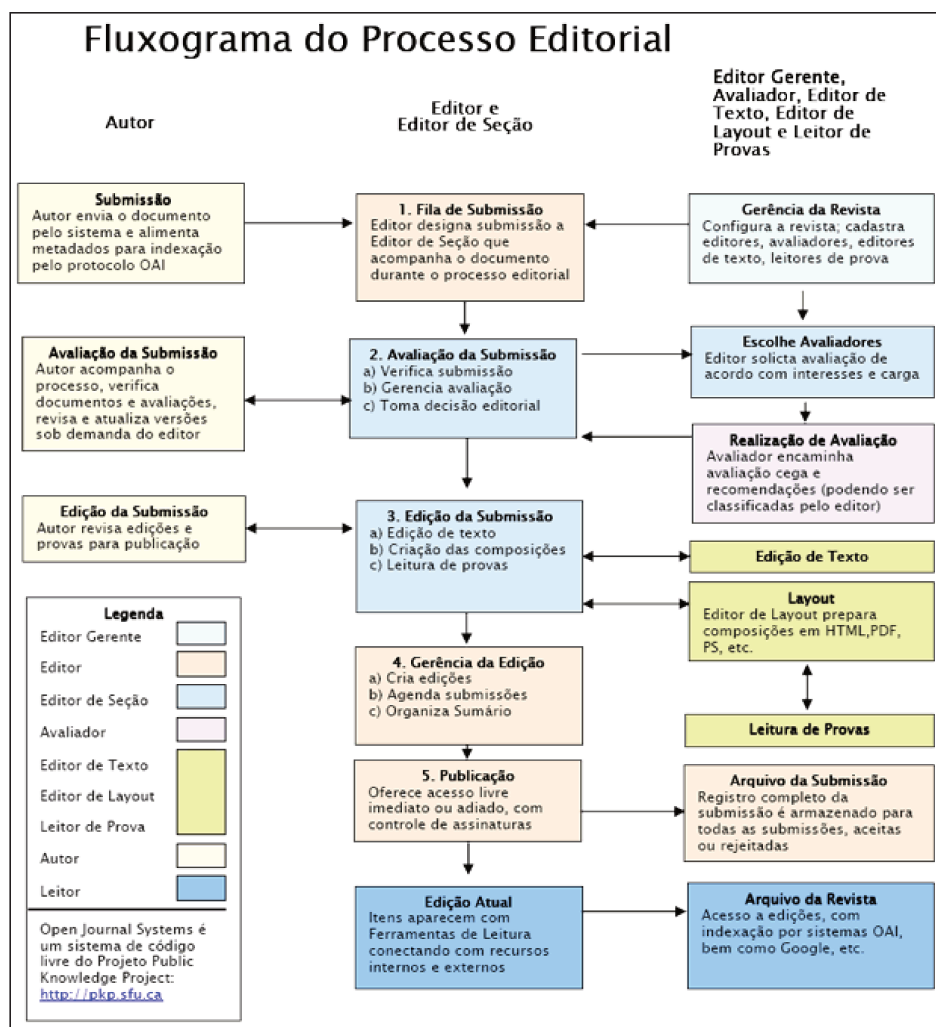
Com relação à rotina editorial, observada durante o estudo etnográfico, foi tomado como base o processo descrito pelo fluxograma do SEER, com as principais etapas de uma rotina editorial de um periódico científico: submissão, avaliação, tomada de decisão (se o artigo foi aprovado, rejeitado ou aprovado com modificações) e publicação, conforme a figura 3.1 a seguir. Mesmo trabalhando parcialmente com o sistema eletrônico, a equipe desenvolveu o trabalho da rotina editorial baseado no fluxograma descrito na referida figura, não havendo diferenças significativas para se destacar – exceto com relação ao processo de avaliação que foi realizado por meio de convites enviados por correio eletrônico.

Durante o período de observação, o SEER não foi (e não estava sendo) utilizado integralmente no processo editorial do periódico, pois a equipe estava trabalhando somente com as etapas de submissão de artigos e publicação dos exemplares. As etapas de avaliação e tomada

de decisões foram realizadas via correio eletrônico, em contato direto com os avaliadores e autores. A utilização parcial do SEER representa uma adaptação interessante do sistema que foi adequado às necessidades e limites de cada periódico, mesmo que ofereça modos de fazer todo o processo eletronicamente. Contudo, no final de abril/2011 o editor do periódico decidiu implantar a etapa de avaliação de artigos no SEER, completando assim todas as etapas do processo editorial no sistema. A utilização de todas as etapas do processo de editoração pelo SEER se explica pelo fato de que o sistema funciona como um repositório de todas as informações do processo editorial de cada trabalho submetido ao periódico. Dessa forma, a implantação da etapa de avaliação é importante porque armazena todas as decisões e toda a comunicação entre os editores, avaliadores e os próprios autores.

A não utilização total do SEER pela equipe do periódico se explica pelo fato de que o sistema não estava configurado para trabalhar a etapa de avaliação e tomada de decisões. Durante o estudo etnográfico, notou-se a preocupação do editor em configurar o sistema para fazer todo o processo editorial num mesmo fluxo.

**FIGURA 3.1 – FLUXOGRAMA DO PROCESSO EDITORIAL (SEER)**



Fonte: IBICT (2011b).

O sistema eletrônico tem um fluxo pré-determinado para a etapa de avaliação dos artigos, mas cada periódico possui uma particularidade específica. Para inserir essas particularidades no sistema, as equipes se mobilizam e fazem diversos ajustes no sistema até chegarem ao processo que trabalham. Como as configurações não são tão fáceis de serem alteradas, alguns periódicos optam por trabalharem com a etapa de avaliação fora do SEER, o que aconteceu no caso do periódico estudado. Durante o estudo etnográfico as etapas editoriais que eram realizadas pelo sistema se resumiam à submissão dos artigos e a publicação do formato diagramado (final) dos artigos aprovados. O processo de avaliação, considerando toda a comunicação entre editores e avaliadores e também a comunicação da decisão editorial aos

autores, era realizado via mensagens eletrônicas por e-mail e registradas em uma planilha do Excel.

### **3.2.3. DESCRIÇÃO DA ROTINA EDITORIAL DE UM NÚMERO ESPECIAL (DOSSIÊ)**

Inicialmente, ficou claro que a equipe do periódico, ao mesmo tempo em que se preocupa com a publicação de um dossiê se preocupa também com a publicação dos números regulares. Contudo, as atividades realizadas durante o período de observação foram atividades relacionadas ao dossiê, ou seja, a equipe priorizou uma determinada atividade e a outra (o número regular) foi priorizada em seguida, assim que o dossiê foi publicado.

A única etapa do processo editorial do dossiê que não foi observada no estudo etnográfico foi a sua submissão à equipe do periódico, pois quando as visitas ao periódico começaram o dossiê já tinha sido encaminhado e aprovado pelo Conselho Editorial para ser avaliado pelos pares. De qualquer forma, a secretária e o editor explicaram que assim que um dossiê é submetido ao periódico, este passa por uma avaliação inicial, onde os editores verificam se a temática do dossiê se enquadra nas linhas editoriais do periódico. Em caso afirmativo, o coordenador do dossiê e o editor do periódico acertam os detalhes de como será feito o processo de avaliação dos artigos – neste caso eles dividem as atividades relacionadas à avaliação dos artigos. Quando o dossiê não se encaixa na temática do periódico, o editor envia uma mensagem com a devida explicação ao coordenador do dossiê explicando o motivo do não aceite.

Sobre o processo de avaliação, o periódico esclarece em sua política editorial que

[...] após a revisão formal preliminar, a editoria encaminha o trabalho ao julgamento autônomo de no mínimo dois avaliadores (método ‘duplo cego’), cujas áreas de competência e formação acadêmica estejam relacionadas com o tema do artigo. Havendo discordância entre os pareceristas, o trabalho é encaminhado a um terceiro avaliador. Ao final do processo, os autores recebem comunicação relativa aos pareceres emitidos, garantindo-se confidencialidade dos pareceristas.

Isso resume rapidamente todo o processo de avaliação pelo qual os artigos submetidos ao periódico são submetidos, mas o processo tem muitos detalhes e peculiaridades que esclarecem, de certa forma, a ligação do processo editorial com o Qualis, como por exemplo, a preocupação em garantir que a avaliação seja ‘cega’.



O periódico possui oito seções na sua linha editorial, sendo: i) artigos; ii) comunicações; iii) relatos de experiência; iv) resenha; v) documento; vi) dossiê; vii) pesquisa e; viii) ensaio. O editor destacou, em uma das visitas, que todas as seções publicadas no periódico são avaliadas pelos pares, exceto o “Editorial” e a “Apresentação” que são seções onde o editor descreve os artigos de um número ou faz a apresentação de um dossiê temático, por exemplo.

Dando continuidade ao processo editorial observado no dossiê: não é porque um artigo está inserido no dossiê que ele vai ser publicado: “ele vai passar pelo processo de avaliação pelos pares como qualquer outro artigo avulso” – palavras do editor. No caso do dossiê analisado, a responsabilidade de avaliação dos artigos ficou com a equipe do periódico, porém de acordo com palavras do próprio editor, existem dossiês em que o próprio coordenador organiza a avaliação, tudo em conjunto com a equipe editorial para não haver problemas nem conflitos de interesse.

Definida a responsabilidade do processo de avaliação, é necessário estabelecer os prazos para a entrega das avaliações (pareceres) e para a publicação do número especial. Durante o período de observação, o que se evidenciou em todas as visitas realizadas foi a preocupação da equipe com relação ao prazo de entrega das avaliações pelos avaliadores (pareceristas). A preocupação com o prazo de publicação só surgiu quando estava próximo de sua divulgação, conforme poderá ser observado na descrição a seguir.

O processo de avaliação dos artigos começa quando o coordenador e o editor definem os pareceristas para cada artigo respeitando e seguindo a área de atuação dos avaliadores de acordo com a dos artigos. Isso demonstra que cada artigo é enviado a pareceristas que entendem sobre o tema que este artigo aborda.

No caso do periódico científico estudado, os pareceristas têm três opções de resultados de avaliação: i) aceitação do artigo tal como enviado; ii) aceitação do artigo após revisões sugeridas pelos pareceristas e; iii) recusa. Nas avaliações de artigos deste periódico, os pareceristas recebem junto com o convite para avaliação, um formulário com algumas questões pontuais, mas que também possui um espaço aberto para suas considerações, orientando assim os pareceristas durante a avaliação do artigo.

Analisando o formulário de avaliação que é encaminhado aos pareceristas, é possível identificar e separar os itens de ordem técnica e de ordem qualitativa, seguindo a mesma lógica das dimensões do relatório ANPEd (2007) descrito anteriormente. As questões de ordem técnica se referem à estrutura formal do artigo: se ele se adéqua às normas de publicação do periódico; os aspectos relacionados à clareza, correção e coerência de linguagem; e a adequação às referências bibliográficas e citações às normas da ABNT. Já as questões de ordem qualitativa englobam os assuntos relacionados à estrutura conceitual do trabalho: a abrangência e pertinência do conteúdo com relação à área; a clareza e articulação dos conceitos e, a atualização dos conceitos e originalidade.

Inicialmente, quando foi submetido ao periódico, o dossiê era composto por vinte e um trabalhos que, posteriormente, foram divididos e enquadrados nas seções do periódico para serem publicados. Em janeiro/2011 quando as visitas ao periódico se tornaram mais frequentes, quatorze desses artigos já tinham sido avaliados, sendo que seis foram aceitos integralmente (sem quaisquer modificações) e oito foram aceitos com alterações. Os demais – sete artigos – estavam em processo de avaliação. Portanto, o estudo etnográfico observou e analisou a avaliação destes sete artigos que estavam em andamento e a correção dos artigos que tinham sido aceitos com modificações.

O processo de avaliação se inicia com a seleção dos avaliadores para cada artigo, o que neste caso em específico, é realizada pelo editor do periódico e pelo coordenador do dossiê. Contudo, neste dossiê, a escolha dos pareceristas ficou a cargo do editor do periódico, conforme acordado durante as conversas iniciais com o coordenador do dossiê. Foi possível compreender que, o fato de a avaliação ficar sob a responsabilidade da equipe do periódico, deixa mais evidente a questão de imparcialidade no processo de avaliação. Em alguns casos, quando há discordância nos dois pareceres iniciais, um terceiro parecerista é indicado para auxiliar num possível desempate durante a tomada de decisão sobre o artigo.

Assim que os pareceristas são selecionados, o editor encaminha as informações com os nomes dos pareceristas e as datas de entrega das avaliações à secretária, que fica responsável por fazer todo o contato com os pareceristas e com os autores. Nesta altura, o editor já definiu um prazo com o coordenador para a publicação do dossiê e trabalhará todo o processo de avaliação com base nessa data pré-estabelecida. A negociação dos prazos não foi acompanhada durante a

etnografia, pois o editor resolveu os assuntos relacionados às datas diretamente com o coordenador e não informou nem a secretária. Só foi solicitado que as avaliações tivessem no máximo quinze dias para cada parecerista.

A secretária encaminha uma mensagem de convite ao parecerista, na qual pede para que este se manifeste caso tenha disponibilidade e envie a avaliação em quinze dias. Caso contrário, ela solicita que o parecerista comunique imediatamente a equipe do periódico para que se possa consultar outro parecerista. Junto à mensagem de convite, segue um documento com o convite formalizado onde consta o nome do artigo, a classificação do periódico no Qualis e a instituição que administra o periódico. A secretária encaminha logo na mensagem convite, o artigo que deverá ser avaliado e o formulário de avaliação, pois em caso positivo, o avaliador já tem o artigo para avaliar e o formulário para preencher.

A princípio, a informação da classificação do periódico no Qualis informada na carta convite enviada ao parecerista, surtiu um efeito de estranhamento. Qual importância dessa informação nesta etapa da avaliação? Porque um parecerista teria interesse em avaliar ou inclinar o convite tendo como base o Qualis do periódico? No decorrer de toda a pesquisa, esse estranhamento foi se demonstrando como algo comum, pois todos (incluindo pareceristas e autores) querem publicar e/ ou fazer parte do corpo de avaliadores de um periódico que seja reconhecido em sua área – ao menos as observações e conversas com outros editores indicaram para esta afirmação. E isso está diretamente relacionado com o Qualis, pois é o parâmetro brasileiro da qualidade dos periódicos científicos<sup>59</sup>.

De acordo com a secretária, há casos em que os pareceristas confirmam o interesse em avaliar o artigo e há casos em que eles não respondem e simplesmente enviam a avaliação. Por este motivo tem-se o prazo curto, de apenas quinze dias, para uma resposta com a avaliação, pois em caso negativo ou em caso de não haver uma resposta do parecerista dentro do prazo estabelecido, um novo parecerista é consultado. Contudo, antes do prazo para a entrega da avaliação, em casos de não haver um retorno positivo ou mesmo negativo do avaliador, a secretária encaminha uma mensagem cobrando um retorno do parecerista. Sendo assim, outro parecerista é consultado após a expiração do prazo desses convites que não são respondidos.

---

<sup>59</sup> Conforme descrito no capítulo 2.

O controle dos artigos em avaliação é feito em uma planilha onde constam todos os artigos do dossiê com os nomes dos respectivos autores, os possíveis pareceristas e as datas para as entregas das avaliações. Essa planilha auxilia a equipe no controle dos pareceres atrasados e na tomada de decisão dos artigos. Entretanto, vale destacar que o SEER disponibiliza relatórios dos artigos em avaliação de acordo com a situação de cada artigo dentro do processo editorial, o que possibilita uma melhor visualização dos pareceres atrasados e das demais informações. Novamente nos deparamos aqui com uma adaptação de uma ferramenta tecnológica para a realidade do periódico, mesmo havendo uma ferramenta específica para isso.

Conforme citado anteriormente, cada artigo é encaminhado para dois pareceristas e se as avaliações dos dois tiverem a mesma conclusão: recusa, aprovação ou aprovação com modificações; a decisão é tomada com base nessas duas avaliações. Entretanto, a tomada de decisão final é realizada pelo editor do periódico, que em algumas ocasiões, consulta o coordenador do dossiê para auxiliá-lo – o que não aconteceu, por exemplo, durante as observações do estudo etnográfico, mas que foi citado em algumas conversas com a equipe do periódico.

Todas as avaliações que chegam à secretária do periódico são encaminhadas ao editor para a tomada de decisão e, assim que a decisão é tomada, o editor encaminha uma mensagem para a secretária que fica responsável pela comunicação dessa decisão junto aos autores do artigo. A responsabilidade da secretária, portanto, se limita à comunicação das decisões aos autores e ao contato com os pareceristas. Quando a decisão sobre o artigo é de ‘artigo aprovado’, os autores são comunicados e informados que, durante a próxima etapa do processo editorial – revisão gramatical e formatação do texto – poderão ser consultados para o esclarecimento de dúvidas que, por ventura, se façam necessárias.

No caso de decisão ‘aprovado com alterações’, os autores recebem uma carta informando que o artigo foi aprovado com alterações a serem realizadas, juntamente com as avaliações dos pareceristas e com um prazo pré-estabelecido para a entrega das correções. Os prazos são pré-estabelecidos, pois é possível uma negociação da equipe editorial com os autores e pareceristas. Na carta enviada consta um parágrafo, que se demonstra muito importante, pedindo para que os autores informem se o artigo em questão foi publicado ou aceito para ser publicado em outros periódicos. Durante o período em que o estudo etnográfico foi realizado não houve

nenhum caso em que os autores responderam afirmativamente, mas após a publicação do dossiê, a equipe do periódico passou a solicitar uma carta dos autores, assim que encaminham o artigo na primeira etapa do processo editorial (a submissão do trabalho), esclarecendo que o trabalho é original e inédito.

A importância da originalidade e ineditismo do artigo a ser publicado se dá pelo fato de que além de os periódicos terem interesse em divulgar em primeira mão os resultados de uma pesquisa científica, esta é uma das recomendações da CAPES (2010d).

Não foi acompanhada nenhuma decisão negativa, embora o dossiê em questão tenha sido publicado somente com dezoito dos vinte e um trabalhos enviados inicialmente. Contudo, a secretária informou que nos casos negativos, a decisão é informada aos autores por meio da explicação dos pareceres, que também seguem anexos à mensagem de tomada de decisão. Ou seja, os autores podem, a partir das avaliações realizadas sobre o seu trabalho, verificar quais são as principais deficiências e correções a serem realizadas no artigo e tentar melhorá-lo para enviar a algum outro periódico ou para o mesmo, desde que seja tratado como uma nova submissão.

Os artigos que foram aprovados, mas que precisavam de alterações por parte dos autores, assim que eram corrigidos por eles, foram encaminhados à equipe do periódico para verificação das correções. É necessário verificar se todas as modificações sugeridas pelos pareceristas foram acatadas, tarefa que fica a cargo do editor e, dentre os artigos aprovados com alterações, nenhum artigo voltou aos pareceristas para verificarem as correções.

Em paralelo às atividades do dossiê, foram realizadas as atividades do ‘número avulso’, conforme palavras da própria equipe, que correspondem ao número regular (semestral) do periódico. Dentre elas, se acompanhou o envio de trabalhos a pareceristas e o controle de avaliações numa planilha separada da primeira planilha de controle do dossiê, para não haver confusão nas informações – conforme explicado pela secretária. De qualquer forma, as atividades do dossiê foram as mais observadas, tendo em vista o prazo de três meses que a equipe tinha para

publicar o número especial<sup>60</sup> e que o número avulso deveria ser publicado somente no final do semestre – já que o periódico é semestral.

Uma observação importante foi destacada pela própria secretária em uma das visitas: o periódico não tem um controle de autores que publicaram nos números anteriores e isso seria interessante, pois em uma das visitas no decorrer do estudo, a secretária notou, por acaso, que um artigo aprovado do número avulso tinha sido escrito pelo mesmo autor de um outro artigo do número publicado anteriormente. Não que isso seja um problema, mas percebeu-se a preocupação da equipe a partir desse episódio em organizar um controle com os nomes dos autores que já publicaram no periódico, para não ter tantos autores repetidos (indicando preocupação com o critério do Qualis de diversidade autoral).

Um fato curioso foi observado em uma das visitas: um parecerista identificou o autor do artigo que estava avaliando e informou à equipe do periódico que, apesar de ter interesse e disponibilidade para avaliação, identificara o autor. Seu questionamento à equipe foi no sentido de que gostaria de saber se continuava a avaliação ou, pelo fato de ter identificado os autores, não deveria realizar o parecer. Este acontecimento fugiu da rotina do periódico, foi um caso a parte, e mobilizou a equipe toda para solucionar o acontecido. A preocupação da secretária, por exemplo, era de verificar se ela tinha enviado o trabalho com o nome dos autores, pois isso significa que ela fez o trabalho dela errado; mas o parecerista identificou o autor por conhecer o tema que o trabalho tratava – por se tratar de um tema bastante específico.

Com relação a este acontecimento, a secretária encaminhou a mensagem do parecerista ao editor do periódico perguntando como proceder neste caso. O editor pediu para que a secretária enviasse uma resposta ao parecerista dizendo que, pelo fato de os autores terem sido identificados, ficaria a critério do parecerista a decisão de prosseguir com a avaliação ou não. Neste caso, o parecerista disse que independente de ter reconhecido ou não, ele avaliaria o artigo por ser um tema de seu interesse. Ou seja, pode-se concluir que as práticas do sistema cego de avaliação ou de impessoalidade – pregadas pelo processo de avaliação dos periódicos científicos nacionais – acabam sendo relativizadas em algumas ocasiões em prol de outras preocupações.

---

<sup>60</sup> Neste momento, o prazo de três meses já tinha sido esclarecido pelo editor como o prazo para a publicação do número especial – dossiê.

Este fato mobilizou tanto o trabalho da secretária quanto o do editor, para resolverem da melhor forma. A preocupação inicial era com relação à endogenia das publicações com os mesmos autores e filiados às mesmas instituições. Em seguida, talvez por conta da observação do estudo etnográfico estar sendo realizado por uma pessoa que trabalha com periódicos científicos, percebeu-se a preocupação de ambos os membros da equipe em solucionar este problema da melhor maneira possível e mantendo a imparcialidade e impessoalidade. A solução do caso não pareceu ser um problema no sentido de se encontrar pareceristas, mas sim voltada à preocupação da equipe com os prazos. Se mandassem o artigo para outro parecerista, seria muito provável que o prazo de avaliação deste artigo tivesse que ser estendido. Neste sentido, pôde-se perceber um dos valores centrais do campo estudado: a preocupação com prazos.

Pelo que se pôde observar no estudo etnográfico, todos os contatos da equipe editorial do periódico com os autores e com os pareceristas, é realizado de forma cuidadosa, com a preocupação de esclarecer sempre as dúvidas de ambos os colaboradores. Um periódico científico precisa desses colaboradores, tais como autores e pareceristas, para ser um periódico respeitado, com publicações relevantes na área e para ter critérios mínimos de qualidade em suas publicações. Foi possível constatar que este contato é um dos pontos principais para se ter pontualidade na entrega de versões corrigidas e de avaliações de artigos, ajudando a garantir os prazos de publicações do periódico.

Com as visitas realizadas à equipe do periódico, foi possível acompanhar todo o desenvolvimento do processo de avaliação dos artigos, conforme citado anteriormente, o que possibilitou observar passo-a-passo o andamento da avaliação do dossiê analisado. No quinto mês de observações, dos vinte e um artigos integrantes do dossiê, somente cinco estavam em avaliação. Sete deles já tinham sido aprovados integralmente e nove foram aprovados com alterações. Desses cinco em avaliação, dois foram recusados pelos pareceristas num prazo de quinze dias. Nesta altura, a data de publicação do dossiê tinha sido definida e era possível observar a mudança nos ‘ânimos’ da equipe editorial, pois faltava somente um mês para finalizar o processo de avaliação, fazer a revisão gramatical dos artigos e a formatação para sua posterior publicação.

Por este motivo, a pedido do editor, a secretária começou a enviar à pessoa responsável pela revisão gramatical, os artigos que tinham sido aprovados integralmente. Esta

etapa do processo editorial é terceirizada, realizada por uma pessoa especialista neste tipo de trabalho. Já a formatação dos artigos nos moldes das publicações do periódico, é de responsabilidade da própria secretária do periódico, que em seguida faz o trabalho da edição final.

Dias antes da data prevista para a publicação do dossiê, um dos artigos em avaliação ainda estava com os autores para modificações. Era o único artigo pendente para esta publicação, já que dezoito tinham sido aprovados e dois recusados. Enquanto isso, a secretária observava a partir da inclusão dos artigos corrigidos e formatados na plataforma SEER, a repetição de alguns nomes de autores nos artigos que compunham o dossiê.

Esta observação da secretária foi repassada ao editor, a fim de se verificar como proceder com relação à repetição de autores numa mesma publicação. O editor pediu a relação dos artigos e autores para a secretária e disse que resolveria este caso com o coordenador do dossiê. Foi possível observar que não se tinha um controle tanto dos autores dos artigos já publicados no periódico quanto um controle dos autores dos artigos de uma edição específica. Neste caso, o ideal seria ter normas indicando a repetição de nomes de autores num mesmo dossiê, mas como a repetição foi identificada apenas perto do período de publicação, acabou gerando uma negociação com os autores para a omissão de alguns nomes. Logo após este episódio, foi disponibilizada uma nota nos critérios e normas para organização de dossiê disponibilizado no site do periódico, onde se solicita que os artigos que compõem um dossiê devem ser de autoria de pesquisadores de instituições que não se repitam no mesmo dossiê.

Aqui, além de demonstrar a preocupação com a endogenia, é possível verificar que o Qualis ajuda a mudar as normas e procedimentos dos periódicos. Por conta de um fato que atentava contra um dos critérios do Qualis, redefiniu-se a forma de organizar o dossiê, esclarecendo critérios e limitando a participação de autores. Aqui fica explícito a forma pela qual a preocupação em aumentar ou melhorar o Qualis afeta diretamente as normas dos periódicos, ou seja, o Qualis faz mais do que medir a qualidade, mas ajuda a construir materialmente essa qualidade nas próprias editorias, quando se torna um indicador que orienta práticas e serve de parâmetro para o processo editorial.



Durante as visitas realizadas desde então até a efetiva publicação do dossiê, não se tinha notícias de como tinha sido resolvido este assunto – o que acabou sendo verificado somente após a publicação do dossiê: na publicação não se tem nenhum nome repetido, o que demonstra que o editor e o coordenador tiveram uma negociação entre si, mas que deve ter tido a participação desses autores repetidos para que seus nomes não fossem publicados em mais de um artigo na mesma edição. Este caso foi interessante durante as observações, pois elucidou a preocupação da equipe com a diversidade autoral e com a endogenia numa mesma publicação. Esse fato se demonstrou ser também uma das maiores preocupações da equipe, além da preocupação com os prazos de publicação.

Num caso como esse, onde a rotina se extrapola e um fato atípico acontece, é importante observar a reação das pessoas envolvidas no assunto. A secretária, por exemplo, por não ter autoridade para decidir este problema, repassou o caso ao editor, que ao mesmo tempo, por não ser o único responsável pelo dossiê, resolveu conversar com o coordenador do número especial para tomar uma decisão. O que se observou neste caso foi a preocupação da equipe editorial, tanto da secretária quanto do editor, em atender ao critério do Qualis que prioriza a ampla diversidade institucional dos autores e que, segundo o relatório ANPEd (2007) é um critério de ordem qualitativa na avaliação realizada pela CAPES. Mesmo não tendo sido citado em nenhum momento durante as observações, a presença do Qualis é sentida em atitudes como essa.

A data de publicação se aproximava e o clima de preocupação com o artigo pendente era cada vez maior. Em 31 de março, prazo combinado entre o editor e o coordenador para a publicação do dossiê, os autores ainda não tinham dado um retorno à equipe do periódico, o que deixava um clima tenso na editoria. Neste dia, o editor pediu para a secretária – que trabalha quatro horas por dia – trabalhar o dia seguinte (01 de abril) inteiro, pois caso os autores respondessem, precisaria formatar o artigo e colocá-lo na ordem dos demais para publicação.

Assim foi feito, mas mesmo com todo o esforço os autores não deram resposta sobre o artigo e, no dia 04 de abril, finalmente, o dossiê foi publicado – sem o artigo pendente, pois não tinha sido enviado no prazo estipulado. Esse foi outro acontecimento que chamou a atenção no estudo etnográfico: a preocupação da equipe em publicar o dossiê no prazo combinado, mesmo este não sendo o prazo normal de periodicidade regular do periódico, que é semestral. Essa

preocupação com o prazo de publicação está ligada, de certa forma, a mais um dos critérios do Qualis: periodicidade mínima de 03 números anuais e regularidade, com publicação de todos os números no prazo. Outra vez o Qualis surge quase que invisível, porém muito tangível nessas atividades. Mais um exemplo de como o Qualis, mais do que medir, ajuda a construir a ‘qualidade’ do periódico, nesse caso através do prazo. A imposição de prazos mais rígidos para a publicação leva a readequações e inclusive a exclusão de textos atrasados.

Após a publicação eletrônica feita pela secretária, o editor envia uma mensagem a todos os colaboradores incluindo as pessoas interessadas no periódico e cadastradas no seu sistema, que um novo número (neste caso um número especial) foi publicado. Proporcionando assim, ampla divulgação, seguindo mais um critério do Qualis: publicação amplamente reconhecida pela área.

Durante todo o período do estudo etnográfico, diversos fatos da rotina editorial foram observados – conforme descrito neste trabalho – e, após análise dos critérios do Qualis, é possível afirmar que os critérios desta avaliação estão internalizados dentro do processo editorial como um todo. Isso pode ser observado a partir dos vários pontos destacados abaixo:

- A preocupação da equipe em publicar ao menos um número especial por ano, até mesmo convidando pesquisadores a elaborarem esses dossiês, é vista como uma atividade a fim de cumprir com um dos critérios da estratificação A1 da área de Educação, onde a CAPES descreve a publicação de no mínimo três publicações anuais;

- O periódico trabalha com o sistema de avaliação duplo cego, sem a identificação dos autores e dos pareceristas, cumprindo assim com a exigência da CAPES sobre avaliação da produção científica, mas que não se enquadra em um dos critérios do Qualis. Mesmo assim em alguns casos ocorre o não cumprimento desta norma – como a identificação dos autores pelo parecerista descrito anteriormente;

- A preocupação com os nomes repetidos dos autores numa mesma publicação demonstra um dos critérios do Qualis: a diversidade autoral dos artigos, que de acordo com o próprio editor “pega mal para o periódico publicar dois ou mais artigos do mesmo autor por número”;

- Outra preocupação da equipe do periódico que não foi descrita como item da rotina editorial: a indexação do periódico em bases de dados importantes e representativas para a área de atuação do periódico. Assim que um número é publicado, a equipe se organiza para atualizar o banco de dados dessas bases, que na verdade, é atualizado pela secretária a pedido do editor. No estrato A1 do Qualis, um dos critérios é que o periódico esteja indexado em pelo menos seis bases de dados sendo metade delas estrangeiras;

- Durante todo o processo, a pressa em publicar o número especial no prazo pré-estabelecido com o coordenador era presente o tempo todo. A preocupação com o prazo era visível em todas as etapas: no envio do artigo para avaliação, na cobrança aos pareceristas e no envio do trabalho para a revisão gramatical. Essa pressa pôde ser percebida em vários momentos, em especial no último dia do mês de março – prazo estipulado para a publicação do dossiê – quando o editor pediu para a secretária, que trabalha quatro horas por dia, trabalhar oito horas no dia seguinte, a fim de publicar este número sem muito atraso;

- Em uma das visitas, o editor conversou com a secretária para começarem a pensar em colocar o sistema de avaliação no sistema eletrônico – SEER. Esse sistema tem se demonstrado bastante eficiente na gestão dos periódicos científicos do mundo todo e, conforme citado anteriormente, existe certa tendência em enxergar o SEER como um sinônimo de qualidade dos periódicos que o utilizam para todas as etapas do processo editorial. Isso porque o sistema proporciona agilidade tanto na comunicação quanto na publicação dos números de um periódico científico, além da divulgação do periódico que fica mais abrangente;

- A etapa de avaliação passou a ser incorporada no sistema eletrônico a partir da divulgação do dossiê em questão. A secretária elaborou um documento com diretrizes do passo-a-passo, tanto para os pareceristas quanto para o editor e para ela própria, a fim de auxiliar todas as etapas do processo de avaliação que acabara de ser modificado. De acordo com o IBICT (2011a), o SEER proporciona melhor controle dos artigos em avaliação, principalmente porque permite ao editor verificar o atraso dos pareceristas de forma mais clara e assim, enviar mensagem de cobrança de forma mais eficaz;

- Após a publicação do dossiê, a equipe desenvolveu uma ‘carta de originalidade’ que os autores que submetem artigos devem preencher, assinar e enviar por correio. Essa carta passa a

ser obrigatória a partir dos próximos números para que o artigo passe pela avaliação preliminar do editor. Dessa forma o periódico passa a se garantir na publicação de artigos originais e inéditos e não se responsabiliza por dupla publicação, deixando essa “culpa” para os próprios autores.

Todas as observações realizadas no decorrer do estudo etnográfico aqui desenvolvido ajudaram a compreender que o Qualis, embora não esteja presente de forma explícita – ou seja, a equipe editorial não fica o tempo todo falando no Qualis e seus critérios –, ele se faz presente de maneira implícita nas atividades rotineiras do periódico. Inclusive quando essas atividades fogem da rotina.

Durante o estudo, diversas etapas se repetiram principalmente a etapa de avaliação de artigos, mas ao mesmo tempo diversos outros acontecimentos que não estavam programados, ou que geralmente não ocorrem, surgiram. Como exemplo pode-se citar o caso do parecerista que identificou os autores e também o caso onde os nomes dos autores que se repetiam em artigos de um mesmo dossiê.

A mobilização da equipe para resolver esse tipo de acontecimento revelou muito sobre o modo de agir do periódico e também sobre a relação do trabalho do editor com o trabalho da secretária: em primeiro lugar os ajustes ao ‘sistema Qualis’ se posicionaram como algo necessário para manter o mesmo nível de qualidade alcançado na estratificação da avaliação da CAPES e, em segundo lugar o relacionamento editor/secretária se manteve, durante todo o período de observação – como algo próximo e distante ao mesmo tempo. O trabalho do editor pareceu ser, em algumas ocasiões, um trabalho solitário – onde ele mesmo resolvia questões relacionadas ao trabalho rotineiro e só passava a resolução dos problemas à secretária.

Isso pode ser entendido como algo comum, porque o editor é o responsável pelo periódico. Mas ao mesmo tempo a secretária, que trabalha no dia-a-dia do periódico e que participa de todas as atividades, não teve participação em nenhuma tomada de decisão. Ou seja, uma maior participação da secretária em questões importantes, como sua sugestão em manter um controle dos nomes dos autores, pode ter uma resposta positiva em relação à resolução de problemas do cotidiano.

Conforme as observações puderam demonstrar, a qualidade para a equipe do periódico consiste em fazer do periódico um dos mais conhecidos da sua área, entende-se que para isso ele deva estar com sua periodicidade regular, com as indexações atualizadas e com as avaliações e resposta a pareceristas e autores no prazo determinado. A qualidade, neste contexto, indica aqui a preocupação com outros fatores que não sejam relacionados a questões técnicas, como a adequação às normas da ABNT, que já fica subentendida como algo obrigatório. Ou seja, a qualidade vai além das obrigações.

A fim de elucidar melhor as conclusões do estudo etnográfico, foi realizada uma última conversa, com alguns pontos a serem detalhados para maior compreensão. Nesta conversa com o editor, ele esclareceu que, em sua opinião, “um periódico científico de qualidade é aquele que traz bons artigos, faz boa divulgação do seu trabalho, tem visão ampla dentro da área e tem o reconhecimento de sua instituição e da comunidade científica”. Destacou também que primeiramente, o periódico precisa ter o apoio da instituição onde se localiza – citando financiamento, equipe treinada e estrutura física adequada – e afirmou que, no caso de periódicos científicos eletrônicos, é imprescindível o trabalho de uma pessoa de informática ligada à equipe.

Quando questionado sobre o Qualis, o editor disse que a princípio o Qualis foi meio indiferente com os periódicos científicos eletrônicos, mas que atualmente sua avaliação engloba tanto os periódicos impressos quanto os eletrônicos. Esse comentário se mostrou quase que indiferente à pergunta, pois ele não respondeu o que lhe foi questionado. Por este motivo, no final desta mesma conversa, o editor foi questionado sobre o sistema de avaliação da CAPES com relação aos periódicos científicos – se a avaliação surtiu algum efeito no trabalho do periódico e se ajudou a melhorar o trabalho editorial de alguma forma. Sua resposta foi, no mínimo, interessante:

Sim, o sistema de avaliação da CAPES passou a envolver critérios importantes e o sistema de avaliação do periódico passou a enxergar esses critérios como sendo ícones de qualidade. A última atualização no sistema de avaliação dos artigos foi a introdução da carta de originalidade – considerada um comprovante de que o artigo é original e inédito dentro de sua área.

A fala citada anteriormente ajuda a compreender que, do ponto de vista do editor deste periódico, o Qualis tem ajudado a refletir as atividades que são sinônimas de qualidade no processo editorial. A questão da originalidade e ineditismo dos artigos, por exemplo, é

considerada pela CAPES sinal de qualidade e, entendendo isso como algo importante, o periódico passou a documentar essa informação antes mesmo de avaliar os artigos. Tendo em vista que, um periódico que publica trabalhos originais e inéditos, passa a ser cada vez mais reconhecido em sua comunidade científica.

Sobre as principais dificuldades no trabalho dos periódicos científicos, o editor citou que

a principal dificuldade é conseguir receber tudo no prazo, tanto a avaliação por parte dos pareceristas quanto os artigos corrigidos por parte dos autores. Em segundo lugar vem o financiamento, depois, conseguir pareceristas de vários lugares do país e de fora – o que não é tão simples quando se trata de algum tema muito específico onde alguma universidade trata deste tema. E por último, mas não menos importante, atrair bons artigos.

O último questionamento foi feito com relação às estratégias e metas do periódico para melhorar seu estrato no Qualis. O editor respondeu que as metas e estratégias para este fim se baseiam principalmente na indexação do periódico em bases reconhecidas, como o SciELO e a Redalyc<sup>61</sup>. E citou também que tanto para discutirem as metas quanto para acertarem os problemas diários do processo editorial, os editores se reúnem periodicamente.

Contudo, é possível concluir tanto com as observações do estudo etnográfico quanto pelas conversas com o pessoal da equipe, em especial a última conversa na qual alguns trechos foram aqui descritos, que as principais preocupações do periódico com relação à qualidade e ao Qualis são voltadas para os prazos e para as bases indexadoras. Pode-se perceber que a preocupação da equipe em se enquadrar nos critérios do Qualis é uma prática diária, pois a cada dia se faz um pouco e adapta mais às exigências da CAPES – que não são tão simples e, somando-se as dificuldades dos periódicos científicos (com relação a financiamento e estrutura física, por exemplo) torna-se um trabalho complexo e árduo.

### **3.3. DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS**

A partir da observação realizada no estudo etnográfico e a fim de compreender melhor as influências dos critérios do Qualis nos periódicos e suas rotinas, foram selecionados

---

<sup>61</sup> *Red de Revistas Científicas de América Latina y El Caribe, España y Portugal.*

alguns periódicos da área de Educação para a realização das entrevistas, compondo a segunda parte do estudo empírico desta dissertação.

Estes periódicos foram escolhidos por meio de um levantamento dos periódicos da área de Educação que utilizam a plataforma SEER e que estão vinculados a programas de pós-graduação, assim como o periódico estudado no estudo etnográfico. A intenção foi trazer a visão de outros periódicos, com perfil semelhante ao do periódico estudado na etnografia, tendo como diferencial entre eles o estrato no Qualis, que varia de A2 a B5.

As entrevistas foram organizadas de acordo com alguns tópicos separados entre dois grupos de perguntas – as referentes às questões técnicas e as referentes às questões qualitativas –, mas nenhum deles foi tratado de forma direta, dando espaço para os editores responderem o que realmente gostariam de responder. Os tópicos foram separados de acordo com as observações do estudo etnográfico, com a intenção de compreender melhor a maneira que outras equipes editoriais vivenciam o Qualis. Mesmo não sendo uma observação participante como a realizada no estudo etnográfico, as entrevistas buscaram trazer a maior quantidade de informações possível sobre a visão das equipes dos periódicos acerca do Qualis.

A questão mais importante que se buscou entender com a realização das entrevistas foi se o Qualis faz parte da rotina editorial dos periódicos e de que forma ele se encontra presente. No entanto, as entrevistas tinham como objetivo também entender quais são as preocupações da equipe editorial em torno do Qualis e verificar se os critérios desta avaliação influenciam a rotina editorial, porque e de que maneira. Além de tentar identificar a visão de qualidade para estas equipes.

Com base no levantamento feito sobre os periódicos indexados na base de periódicos científicos do IBICT que utilizam o SEER, foram selecionados quatro com o intuito de englobar os diferentes estratos do Qualis, como demonstra a tabela 3.1 a seguir. Destaca-se aqui que se optou em também não divulgar o nome desses periódicos, por solicitação dos mesmos e também pelo fato de não expor a opinião destes. O objetivo desta pesquisa tem como caráter e finalidade únicos a observação científica.

**TABELA 3.1 – PERIÓDICOS CIENTÍFICOS ENTREVISTADOS**

Identificação	Qualis Atual	Periodicidade	Cidade-Estado
Periódico 1	B2	Quadrimestral	Santa Maria-RS
Periódico 2	B4	Semestral	Florianópolis-SC
Periódico 3	A2	Semestral	Uberlândia-MG
Periódico 4	B5	Semestral	Valinhos-SP

**Fonte:** Elaboração própria a partir de informações extraídas do site do IBICT (2011a).

As observações do estudo etnográfico foram de extrema importância na elaboração das questões abordadas nas entrevistas, tendo em vista que a preocupação com o Qualis é constante nas equipes editoriais dos periódicos científicos. Antes de iniciar a descrição das informações sobre as entrevistas, é importante ressaltar que o Periódico 4 é desenvolvido no âmbito de uma instituição privada sem fins lucrativos, diferentemente dos demais periódicos selecionados, que são desenvolvidos no âmbito de universidades públicas.

Desde o início dos contatos, o que se buscou foi um maior vínculo com os entrevistados, demonstrando a importância do estudo que estava sendo desenvolvido para a área de Educação e para os seus respectivos periódicos. O que não se imaginava encontrar foi a grande disponibilidade e interesse dos entrevistados em compartilhar suas experiências e expressar suas opiniões acerca do assunto tratado, pois como é de conhecimento, os editores de periódicos científicos são em sua grande maioria também professores e pesquisadores com outras atividades a desempenhar além da editoria.

Conforme descrito anteriormente e de acordo com a organização dos dados do estudo etnográfico, buscou-se tratar as informações das entrevistas dividindo-as em dois grupos principais: com relação às questões técnicas e às questões qualitativas. As questões relacionadas a quesitos técnicos englobavam os seguintes itens:

- se o periódico se apresenta no formato eletrônico e/ ou impresso;
- se a periodicidade é regular, em caso negativos explicar o porquê;
- quantas pessoas trabalham ativamente na rotina editorial do periódico;
- desde quando utilizam o SEER;



- histórico das estratificações do Qualis e,
- se o periódico possui algum tipo de financiamento.

Já as questões relacionadas a quesitos qualitativos, incluíam questionamentos acerca do funcionamento do sistema de avaliação de artigos; das indexações dos periódicos; se o Qualis é levado em consideração e de que forma; da visão do editor sobre o Qualis e sobre o significado de qualidade; a opinião deles – editores – com relação aos atuais critérios de avaliação; as dificuldades do trabalho editorial e as estratégias para melhorarem a classificação dos periódicos.

De antemão, todos os entrevistados declararam que se preocupam com o Qualis no dia-a-dia da rotina editorial e que a maior preocupação com a avaliação da CAPES gira em torno de atender os critérios propostos nas classificações mais elevadas e atender aos requisitos do ‘topo da pirâmide’. Para um dos entrevistados, o Qualis é algo que “ajuda e atrapalha ao mesmo tempo”, pois – de acordo com ele – os pesquisadores procuram sempre publicar em periódicos melhor classificados, o que acaba fazendo com que a equipe editorial se preocupe cada vez mais em como melhorar a estratificação do seu periódico. Dos quatro periódicos entrevistados, três encontram-se em formato eletrônico e impresso e, somente um se encontra somente no formato eletrônico – o Periódico 2, afirmando que adotou essa medida como parte da nova política editorial do periódico. Essa observação sugere uma tendência dos periódicos em se tornarem eletrônicos, pois de acordo com os próprios entrevistados a versão eletrônica dos periódicos é mais viável, por ser mais barata financeiramente e mais rápida na troca e no fluxo de informações (FERREIRA & TARGINO, 2010).

Os entrevistados destacaram também que o SEER ajudou muito no aumento da visibilidade do periódico, na organização da sua rotina editorial e na disponibilização do formato eletrônico dos periódicos. O que demonstra que a transição dos periódicos impressos para o formato eletrônico, apesar de ser muito recente, é uma maneira de divulgar o periódico mundialmente e com mais rapidez do que no formato impresso, que segue pelo correio. Neste sentido, destaca-se a tendência em enxergarem o SEER como o melhor modelo eletrônico, afirmando o que foi verificado até o momento por informações do IBICT (2011a) e pela entrevista com Fiorentini (2011).

De acordo com as entrevistas, a implementação do SEER foi motivada, na maioria dos casos, pela própria universidade em que as atividades do periódico se desenvolvem. A partir do momento em que as universidades se preocuparam em criar uma central (ou núcleo) de periódicos, o sistema passou a ser utilizado por se demonstrar bastante eficiente na organização da rotina dos periódicos científicos. Além de ser destacado – conforme palavras de um dos entrevistados – como um “sistema robusto que auxilia as atividades rotineiras e é de fácil manutenção” (no tocante a atualização e inclusão de informações).

Com relação ao SEER, outra observação importante foi que em todos os periódicos entrevistados, as etapas do processo editorial estão sendo realizadas no sistema desde a submissão do artigo e até sua efetiva publicação [ou rejeição]. Um dos editores destacou que em alguns casos eles utilizam o sistema de correio eletrônico pelo fato de ainda algumas pessoas terem dificuldades em lidar com essa plataforma eletrônica, mas que isso não atrapalha em nenhum momento o processo editorial, dado que em paralelo às atividades realizadas por correio eletrônico, alguém da equipe editorial fica responsável em alimentar o sistema com as devidas informações.

Uma dificuldade notada no decorrer das entrevistas foi com relação ao histórico do Qualis, pois muitos periódicos não mantêm uma documentação com esse tipo de informação e por conta da mudança de editores, secretários e outros membros da equipe editorial durante a vida do periódico, essas informações são simplesmente esquecidas por não serem documentadas. Contudo, somente um editor (Periódico 2) alegou não saber o histórico do Qualis do seu periódico, os demais apresentaram os seguintes dados:

**TABELA 3.2 – HISTÓRICO DAS ESTRATIFICAÇÕES DO QUALIS DOS PERIÓDICOS ENTREVISTADOS**

	<b>Triênio 2001-2003</b>	<b>Triênio 2004-2006</b>	<b>Triênio 2007-2009</b>
<b>Periódico 1</b>	Nacional B	Nacional B	B2
<b>Periódico 2</b>	-	-	B4
<b>Periódico 3</b>	Sem avaliação	Nacional B	A2
<b>Periódico 4</b>	Local A	Local A	B5

**Fonte:** Elaboração própria (2011).

Como se pode notar dois periódicos que receberam a estratificação Nacional B em 2004-2006, receberam estratificações bastante diferentes no triênio seguinte. Para entender melhor o que aconteceu neste caso, o questionamento sobre as estratégias do periódico para melhorar sua classificação perante o Qualis se fez necessária. O editor do Periódico 1 declarou que a periodicidade do periódico foi alterada em 2008 dando fluxo à sua produção mas também para atender a critérios do SciELO e do Qualis. Já o editor do Periódico 3, no qual teve sua classificação A2 no último triênio, explica que o trabalho desenvolvido no seu periódico procura dar ênfase à publicação de pesquisas originais, com autores brasileiros e estrangeiros. Observa-se que em ambos os casos a preocupação com o Qualis manteve sua importância, mas por questão de prioridade, um deles acabou ganhando maior notoriedade, evidenciada por meio da nota no Qualis.

O significado de qualidade para os periódicos científicos foi outro ponto abordado durante as entrevistas. Para os editores, a qualidade dos periódicos está relacionada:

- à formação do conselho editorial, do corpo de pareceristas e da própria equipe do periódico;
- ao comprometimento em publicar pesquisas reconhecidas na área, bem como trabalhos originais e inéditos com embasamento teórico e metodologia científica adequada;
- à diversidade institucional e geográfica dos autores e,
- à aceitação e ao respeito da comunidade científica pelo periódico dentro de sua área.

Um dos editores destacou que “a qualidade do periódico aparece quando a preocupação do corpo editorial é voltada para o leitor e suas necessidades, pois o leitor é o principal objetivo da publicação”. A ideia deste editor é a de que os periódicos devem apresentar novas técnicas, perspectivas, análises ou até mesmo inovações na forma de pensar sobre um método e que o faça refletir sobre determinado assunto, podendo assim contribuir para o avanço da ciência.

Outro aspecto muito citado na questão sobre a qualidade dos periódicos científicos é a questão humana – referente aos autores, leitores e equipe do periódico de um modo geral. Um dos editores destacou que

[...] um periódico de qualidade tem que ter três coisas: 1- tem que ter o comprometimento de publicar bons trabalhos (com uma política interna rigorosa, considerando aspectos qualitativos e quantitativos); 2- tem que ter um bom comprometimento com os autores, pois esses são os seus principais colaboradores e; 3- tem que proporcionar uma boa formação interna dos seus profissionais, pois o tempo todo aparecem coisas novas e eles precisam estar atualizados.

O entrevistado citou também que é importante haver uma sintonia e um engajamento da equipe, sendo que o trabalho de um periódico científico é coletivo e as decisões também se tornam coletivas, com a participação dos pares. Enfatizou também que no periódico onde ele trabalha, a política editorial não é fechada, ela é constantemente reavaliada e conta com contribuições dos diversos membros e colaboradores do periódico.

O estudo etnográfico demonstrou que, apesar de teoricamente a equipe do periódico ser bastante extensa, quem trabalha no dia-a-dia das atividades do periódico são – geralmente – duas pessoas, sendo um editor e uma pessoa da secretaria. Por conta dessa observação, uma das perguntas da entrevista foi baseada em quantas pessoas trabalham ativamente no processo editorial do periódico e qual o papel de cada uma. Constatou-se que efetivamente trabalham, em todos os casos estudados, uma pessoa de secretaria, que auxilia nas atividades técnicas, e uma ou duas pessoas responsáveis pelo periódico, capazes de tomar decisões como indicar pareceristas ou decidir o resultado de uma avaliação de artigo. Em todos os casos uma ou duas pessoas da equipe são bolsistas ou estagiários, alunos da universidade onde o periódico se encontra e que auxiliam nas atividades técnicas do processo editorial.

O processo de avaliação em todos os casos entrevistados é realizado pelos pares e de forma cega, conforme descrito no estudo etnográfico. Esse tipo de avaliação é uma recomendação da CAPES e, por isso, a maioria – se não todos – os periódicos científicos no Brasil, utilizam-se desse método. Contudo, um editor esclareceu que os trabalhos submetidos ao seu periódico passam primeiramente por um avaliador, que em caso de rejeição, é enviado para outro parecerista. Os demais editores afirmaram que cada trabalho passa por avaliação de dois ou mais pareceristas assim que são submetidos ao processo de avaliação.

Sobre a indexação, todos os periódicos se demonstraram preocupados com esse critério e todos eles se encontram indexados em bases importantes, nacionais e internacionais. O processo de atualização das bases é realizado pelo pessoal da secretaria, mas os editores acompanham todo o processo. Notou-se bastante interesse dos periódicos em indexarem seus periódicos no SciELO, pois de acordo com eles esta é uma base que comporta somente os melhores periódicos.

A visão dos editores sobre o Qualis, de um modo geral, é positiva – tendendo a enxergar a avaliação como algo que traz benefícios e aumenta a qualidade dos periódicos. Contudo, um dos editores entrevistados afirmou que o Qualis também atrapalha o trabalho editorial pelo fato de que os periódicos que não possuem um ‘Qualis bom’ não conseguem atrair pessoal ‘qualificado’ e muito menos investimentos para melhorar o seu periódico. Em outras palavras, aqui nos deparamos novamente com o Efeito Mateus descrito por Merton (1968): aos que muito têm, mais lhe será dado e aos que pouco têm, até o pouco será tirado.

Como um consenso, todos os entrevistados citaram que os critérios do Qualis devem ser revistos periodicamente, incorporando as sugestões de editores e pesquisadores das diversas áreas e afirmaram, de diferentes maneiras, sendo que o Qualis atua como regulador da qualidade dos periódicos científicos. Neste sentido, é importante destacar a fala de um dos entrevistados no que diz respeito ao Qualis. Para ele, por conta da grande disputa gerada em torno do Qualis (quando se tem por um lado o empenho dos pesquisadores na busca pela qualificação de suas produções e por outro lado o acirramento desta disputa pelas colocações nos rankings científicos), tem-se por muitas vezes à banalização do verdadeiro sentido do pesquisar e do escrever no meio acadêmico.

As estratégias dos periódicos para alcançarem boas classificações no Qualis são diversas, dentre elas pode-se destacar a periodicidade regular, o atendimento aos critérios de bases indexadoras como SciELO (que para a área de Educação é muito importante, tendo em vista que não se utiliza o FI para a classificação dos periódicos no Qualis), pleito de editais de financiamento, intercâmbio com outros periódicos e editores, desburocratização do processo editorial, pertinência social das temáticas dos trabalhos publicados, além da preferência na publicação de artigos inéditos e originais. Outro item importante é a preocupação com a versão eletrônica dos periódicos, que de acordo com os editores, propicia aumento na visibilidade e na acessibilidade do periódico. O editor do Periódico 03 (com classificação A2) afirmou que, como já foi alcançada a classificação satisfatória, eles procuram somente manter o trabalho que está sendo realizado em desenvolvimento.

De acordo com um dos editores, o periódico onde ele trabalha procura atingir o Qualis pelas ‘linhas de fuga’, o que conforme ele seria a forma encontrada para publicar bons trabalhos: convidando pesquisadores reconhecidos na área a publicarem no periódico, qualificando a equipe, seguem persistentemente as regras, os critérios e as políticas do Qualis – que estão em constante mudança – e tentam de todas as maneiras não ‘quebrar’ a periodicidade.

Outro entrevistado afirmou que o periódico onde trabalha procura seguir todos os critérios do Qualis a fim de melhorarem sua classificação, mas critica a avaliação feita pela CAPES afirmando que o Qualis é uma avaliação mais formal que de conteúdo e, portanto, é necessário se pensar numa avaliação mais de conteúdo. De acordo com ele, “a ideia de qualificar o periódico é uma ideia que está sempre presente”.

A última pergunta não era relacionada ao Qualis, mas no decorrer desta pesquisa, por se entender a importância do Qualis no direcionamento de fomento às pesquisas e aos próprios periódicos científicos, se demonstrou bastante necessária: era se o periódico recebe algum auxílio financeiro para o seu desenvolvimento. Em todos os casos, os periódicos não recebem financiamento de nenhuma agência financiadora federal ou estadual, mas sim somente da própria universidade em que se encontram localizados. Incluindo o pagamento dos bolsistas e estagiários e a revisão gramatical dos artigos a serem publicados.

### **3.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO**

O estudo etnográfico e as entrevistas realizadas durante esta pesquisa proporcionaram enxergar a forma como a qualidade dos periódicos científicos é tratada pela equipe editorial que trabalha no dia-a-dia do periódico e mostrou a importância do Qualis e em quais momentos ele se evidencia.

Conforme descrição no capítulo 2, o Qualis da área de Educação não leva em consideração o FI para avaliar seus periódicos. Sendo assim, um grande aliado desta avaliação é o próprio SciELO e o formato eletrônico dos periódicos, que de acordo com os editores, proporciona maior visibilidade e rigor no processo editorial como um todo. Neste sentido, o SEER se demonstrou um agente importante e eficiente na gestão da rotina editorial.

O Qualis pode ser observado em todas as falas dos entrevistados e em praticamente em todas as ações do estudo etnográfico. Ele está presente tanto no processo editorial como um todo, quanto fora da fronteira do periódico – no tocante a financiamentos de pesquisas e à avaliação de programa de pós-graduação, por exemplo. Tendo em vista que o Qualis é parte da avaliação destes programas e influencia também o investimento em pesquisas científicas. Outra preocupação que se mostrou bastante forte durante o estudo está relacionada ao formato da publicação, que passou do impresso para o formato eletrônico ou se apresenta das duas formas.

A preocupação das equipes em cumprir com todas as exigências do Qualis é outro ponto que aparece em diversos momentos, como o sistema cego de avaliação onde os autores os avaliadores não são identificados, tentando assim garantir a neutralidade e o desinteresse na ciência. A principal dificuldade relatada pelos entrevistados está relacionada ao cumprimento dos prazos de entrega de parecer por parte dos avaliadores e de versões corrigidas dos artigos por parte dos autores. O atraso desses prazos pode acarretar no atraso da publicação do periódico. Um dos editores citou que a demora é compreensível, pois “trata-se de um trabalho voluntário”, porém pleno de responsabilidade. Essa demora explica-se em parte pela sobrecarga de responsabilidades acadêmicas e científicas que os pareceristas possuem atualmente.

Uma dificuldade bastante destacada, principalmente pelos editores dos Periódicos 02 e 04 é que os periódicos com baixos estratos do Qualis, neste caso B4 e B5 respectivamente, têm

grandes problemas em conseguir financiamento para o desenvolvimento do trabalho editorial. As agências financiadoras, especialmente CNPq, auxiliam financeiramente periódicos que estejam enquadrados com Qualis B2 ou em classificação superior. Outra ocasião interessante de análise foi sobre a repetição de nomes dos autores numa mesma publicação, o que acabou se tornando um episódio pela adequação ao Qualis durante o estudo etnográfico.

De acordo com as observações acerca do Qualis pode-se concluir que a qualidade dos periódicos científicos se tornou algo importante a partir da implementação deste sistema de avaliação, ou que no mínimo passou a ser algo mais discutido e mais preocupante a partir disso. Sendo assim e de acordo com o estudo empírico desenvolvido neste trabalho, é possível afirmar que o Qualis ajuda a melhorar a qualidade dos periódicos científicos, já que ajuda a trazer esta questão à tona e a torna como parte integrante do processo editorial.



## CONCLUSÃO

---

A comunicação científica é um importante instrumento da ciência, pois além de comunicar os demais cientistas e a sociedade sobre o desenvolvimento e os rumos da ciência propriamente dita, é por meio da comunicação que a construção de um conhecimento científico se propaga. É também através da comunicação científica que os cientistas se informam das pesquisas que estão sendo desenvolvidas em suas áreas de atuação e, podem assim, contribuir com discussões e relatos de suas experiências.

Neste âmbito, os periódicos científicos são considerados os veículos mais comuns e importantes na comunicação da ciência, desempenhando um papel central no desenvolvimento do conhecimento científico. É por meio dos periódicos que a ciência passa a ser reescrita e reinventada com maior rapidez visando a aquisição de novos conhecimentos e novas formas de pesquisa, além de contribuir com informações sobre as direções da ciência.

Contudo, paira sobre os periódicos científicos a visão mertoniana de que eles contribuem somente para a construção do conhecimento científico puro e desinteressado, assim como têm a função de indicar os ‘melhores’ centros de pesquisa e/ ou ‘melhores’ linhas de atuação de cada área. No entanto, sabe-se que o campo científico é um local perpassado por disputas, tanto no sentido de registro de autoria quanto no sentido de financiamento, mas, sobretudo, de reconhecimento e prestígio científico. Sendo assim, não é certo afirmar que os periódicos e a comunicação científica no geral contribuem somente para este fim, mas sim que através dos periódicos científicos o conhecimento se torna algo tangível e passível de discussão, apesar das disputas existentes neste campo.

A avaliação pelos pares neste sentido é tida como o ‘selo de qualidade’ expedido por membros da própria comunidade científica, o que causa a impressão de que um trabalho que tenha passado por esta avaliação e tenha sido publicado em um periódico bem classificado seja considerado ‘um bom trabalho’. No entanto, a avaliação pelos pares, embora na teoria tenha o objetivo de colaborar com o desenvolvimento do conhecimento científico, envolve muitos interesses pessoais e institucionais. Conforme abordado no trabalho, a avaliação dos pares é realizada por membros da própria comunidade científica, pois somente eles podem avaliar o trabalho de seus colegas. Entretanto, há grandes críticas no sentido de que existem muitos

interesses envolvidos nesta avaliação e que os avaliadores podem identificar os autores e acabar por favorecer ou desmerecer alguma pesquisa em detrimento de outra.

Mesmo que não haja a identificação de autores e avaliadores, as críticas sobre o sistema de avaliação pelos pares afirmam que este age como um filtro que remove as contribuições indesejadas. Logo, se o avaliador não concorda ou se tem uma visão diferente sobre determinado assunto, sua contribuição no processo de avaliação pode ser enviesada, por conta de favoritismos, discriminações e pressões.

Conforme abordado neste trabalho, os periódicos científicos atuam também como indicadores da *performance* dos pesquisadores e de suas respectivas instituições a fim de lhe conferirem reconhecimento. Dessa forma e por meio dos estudos cientométricos, os periódicos apontam e ajudam a medir o crescimento da ciência, colocando os índices então desenvolvidos como componentes importantes dos indicadores de C&T.

No contexto brasileiro, logo na década de 1980 se detectou a carência de padrões mínimos de qualidade para os periódicos científicos brasileiros, tanto na esfera editorial quanto na esfera relacionada à gráfica e itens de padronização. Foi verificado que, embora os esforços para a sistematização dos periódicos fossem precários, era precária também a qualificação de pessoal e não existiam até o momento, manuais e normas para auxiliar o desenvolvimento do trabalho editorial dos periódicos. A partir dessa percepção foi criado o Programa de Apoio às Revistas Científicas (numa parceria entre Finep e CNPq), onde se iniciaram o apoio e o cumprimento das exigências sob forma e conteúdo das publicações.

A partir de então, os periódicos brasileiros passaram a ser enxergados como ferramenta importante para o crescimento e para a medição da ciência desenvolvida no país. Atualmente, o controle dos periódicos científicos é feito por meio do ISSN, organizado pelo IBICT, órgão responsável em dar apoio ao trabalho editorial dos periódicos científicos. Embora exista também a ABEC com uma política de integração dos editores a fim de aprimorar a publicação de periódicos técnico-científicos.

De acordo com o estudo realizado foi possível observar as diversas dificuldades que os periódicos científicos enfrentam atualmente, dentre elas a falta de apoio financeiro e falta de

equipe especializada. Em se tratando de apoio financeiro, uma alternativa bastante interessante e eficaz é o desenvolvimento dos periódicos científicos eletrônicos, que conseguem manter a mesma finalidade dos impressos só que a um custo menor e com maior rapidez. Além de ter mais visibilidade e melhor difusão por meio da *internet*. Tendo em vista a difusão dos periódicos eletrônicos e considerando a realidade brasileira, o IBICT trouxe ao Brasil a plataforma SEER bastante relatada nesta dissertação. Hoje em dia além de distribuir gratuitamente a plataforma eletrônica, o IBICT promove a capacitação de pessoal para o uso dessa ferramenta por meio de treinamentos também gratuitos.

A ideia da C&T como fatores fundamentais para o desenvolvimento de uma nação demanda critérios avaliativos de qualidade eficientes e claros para auxiliarem na indicação do crescimento, das oportunidades, das possibilidades e dos rumos da própria C&T. Por este motivo se explica a necessidade em se manter indicadores de C&T atualizados que possam ajudar na tomada de decisão para a alocação de recursos, priorização de áreas etc. A utilização dos indicadores quantitativos da C&T se explica pelo fato de que atualmente há um grande volume de informação sobre essas atividades e por considerar que a análise de conteúdo (tanto da **ciência a ser realizada** como **da ciência já realizada**) já tenha sido cumprida na avaliação pelos pares. Sobre a avaliação da **pesquisa realizada** e da **pesquisa por fazer** nota-se que a relação entre uma e outra é bastante estratégica, tendo em vista que a avaliação de uma auxilia na definição de critérios e rumos da outra (MUGNAINI, 2006).

Quando se trata da avaliação do conteúdo dos periódicos científicos, Ferreira & Krzyzanowski (2003) explicam que se referem à qualidade dos artigos (conferindo seu nível científico, atualidade, identificação com a área temática do periódico e percentual de artigos originais); à qualidade do corpo editorial e dos consultores (garantindo a participação de pesquisadores nacionais e internacionais); aos critérios de arbitragem dos textos; à natureza do órgão publicador (instituições de ensino, pesquisa e sociedade científica); à abrangência quanto a origem dos trabalhos (garantindo diversidade institucional e geográfica); à difusão do periódico e à sua própria indexação.

Neste sentido – de avaliação do conteúdo dos periódicos científicos – é nitidamente clara a importância da cooperação científica em âmbito nacional e internacional, pois esta passa a ser vista como sinônimo de qualidade em decorrência do intercâmbio e troca de ideias. Dessa

forma, a cooperação científica ajuda a indicar a relevância científica do periódico dentro de sua respectiva área.

Há também a avaliação feita pelas bases indexadoras, ou seja, até ser julgada como conhecimento científico uma ideia precisa passar por diversas etapas de avaliação: 1) avaliação da pesquisa a ser realizada (para obter financiamento); 2) avaliação da pesquisa em andamento (para congressos etc.); 3) avaliação da pesquisa realizada (para publicação) e, 4) avaliação da pesquisa publicada (para indexação em bases de dados). Ademais, a ciência indexada em bases de dados importantes, como as da *Web of Science*, é considerada ciência *mainstream*, o que acaba resultando numa maior visibilidade, maior FI (e respectivas classificações) e maior facilidade para se conseguir financiamentos, nesses casos. Por outro lado, a ciência periférica (as demais) tem dificuldades para alcançar o mesmo nível e acaba se tornando menos visível, com menor FI e dificuldades para conseguir financiamento. Isso gera um ciclo vicioso da avaliação da pesquisa científica.

Com relação aos principais problemas na avaliação dos periódicos científicos, destacam-se i) a falta de normalização; ii) a regularidade da periodicidade; iii) a composição do corpo editorial ‘conveniente’; iv) o processo de avaliação pelos pares realizado de forma inadequada e, v) a falta de apoio financeiro, conforme levantamento realizado no material bibliográfico estudado.

A visão da publicação em periódicos com alto FI ou com boa classificação no Qualis é tida pelos pesquisadores como a meta de suas publicações. Assim, o que acaba acontecendo é que em decorrência da necessidade em se publicar cada vez mais (para comprovarem sua produtividade), os autores acabam dividindo suas pesquisas em duas partes: os achados considerados mais importantes que são encaminhados para os periódicos mais bem conceituados e os demais achados que acabam sendo enviados aos outros – considerados não tão bons, reafirmando assim o Efeito Mateus também na avaliação da ciência. No entanto resta a dúvida: de que forma é possível alavancar a qualidade desses periódicos científicos considerados periféricos? Esse questionamento fica aberto para estudos futuros.

Atualmente no Brasil a avaliação dos periódicos científicos é realizada e organizada pela CAPES por intermédio do Qualis, conforme descrito neste trabalho. Observa-se que o

sistema de avaliação dos periódicos da CAPES é decorrente do crescimento acentuado da pós-graduação no país. Além de ser uma agência de fomento, a CAPES é o órgão do Governo Federal responsável pela avaliação do Sistema Nacional de Pós-Graduação. Entretanto, o auxílio financeiro para os periódicos científicos nacionais vêm fundamentalmente da CAPES em parceria com o CNPq, das FAPs, das próprias universidades e de alguns órgãos públicos que auxiliam esporadicamente as publicações científicas, como o IPEA, por exemplo.

Na descrição da própria CAPES o Qualis é o processo de classificação dos periódicos científicos nacionais mencionados pelos programas de pós-graduação. Em outras palavras o Qualis é composto por um conjunto de procedimentos utilizados pela CAPES para a diferenciação da produção bibliográfica desses programas. Contudo, desde sua concepção o Qualis passou a ter um aspecto global de qualidade e as principais mudanças ocorridas durante seus triênios passaram a acompanhar as necessidades e as mudanças das avaliações dos programas de pós-graduação, sendo essas baseadas principalmente na avaliação da produção bibliográfica.

O objetivo inicial do Qualis era o de classificar os periódicos utilizados pelos programas de pós-graduação a fim de diferenciar sua produção, mas acabou, por conseguinte, estimulando a publicação de trabalhos em veículos enquadrados nos estratos mais elevados e indicando os veículos de maior relevância em cada área do conhecimento. Desta forma o Qualis tem auxiliado na concessão de financiamentos, na inclusão de títulos em bibliotecas e indexadores, na orientação de pesquisadores e leitores durante a escolha de títulos na submissão de trabalhos e para pesquisa de material bibliográfico, além de estimular os editores a elevar o padrão de qualidade dos seus periódicos.

Com base nas afirmações anteriores, o Qualis não se apresenta somente como um indicador científico, mas se apresenta também como uma política ativa capaz de influenciar os rumos das pesquisas científicas. Ainda que exista uma ressalva da CAPES a este respeito, quando a instituição esclarece que “não se pretende com esta classificação definir o que é qualidade de periódicos de forma absoluta”, para o senso comum o Qualis já é visto como a classificação da qualidade dos periódicos científicos. Além disso, nas próprias práticas editoriais fica evidenciado que o Qualis reorienta a forma como os periódicos atuam, seja na padronização de práticas, seja na busca por maior indexação e menos endogenia (forma e conteúdo).

O Qualis procura então ‘medir’ a qualidade dos periódicos científicos pela proposta editorial do periódico (se esta cumpre com os aspectos de cunho científico, se publica trabalhos originais etc.) e não em cima de texto por texto. De acordo com Fiorentini (2011), um periódico científico de qualidade é aquele que mantém sua periodicidade regular, que publica artigos de natureza acadêmica e científica, contribui para o avanço da ciência e que é capaz de se tornar referência em sua respectiva área. Atualmente tem-se a ideia de que publicar em um periódico bem classificado no Qualis é sinônimo, mesmo que indireto, da qualidade do conteúdo da mensagem científica.

A CAPES não faz menção explícita do que se define como qualidade de periódicos científicos, mas de acordo com uma análise mais apurada do material bibliográfico existente sobre este assunto, tem-se a ideia de que periódico científico de qualidade é aquele que possui reconhecimento científico em sua área de pesquisa, ampla circulação, indexação em bases de dados importantes dentro de sua respectiva área e que publica artigos de diferentes instituições (geográfica e institucionalmente).

Sobre as discussões em torno do Qualis, o maior questionamento se volta para a capacidade do Qualis em avaliar e medir a qualidade do que é publicado no campo científico. Entretanto, as principais críticas são:

- os critérios que são considerados por grande parte da comunidade científica como meramente quantitativos;
- nem todos os periódicos científicos possuem as mesmas condições de trabalho para atender aos critérios exigidos pela CAPES, mas todos eles são avaliados sob as mesmas condições;
- os comitês de área são compostos pelos próprios cientistas (demonstrando que a comunidade científica é a expressão da disputa de interesses do campo científico);
- a porcentagem imposta pela CAPES para a distribuição dos periódicos nos estratos do Qualis – onde a instituição pede para que os critérios A1 e A2 sejam povoados de maneira particularmente criteriosa –, ajuda a evidenciar as restrições em torno da pirâmide do Qualis, onde muitos não alcançarão o topo;
- os critérios são considerados como pouco claros e muito subjetivos.

Neste sentido, as propostas em torno do Qualis a fim de abranger melhor os periódicos classificados como periféricos é de que os critérios sejam mais abrangentes, que as exigências sejam revistas periodicamente e com a participação de membros de toda a comunidade científica. No entanto, o Qualis:

- é um processo de avaliação e como tal implica em escolha e estabelecimento de alguns critérios em detrimento de outros – o que acaba resultando em desavenças;
- promove maior visibilidade dos periódicos científicos nacionais e acaba obrigando os editores a realizarem um constante aperfeiçoamento dos periódicos que editam (sendo visto como um parâmetro de qualidade).

Em resumo, o Qualis é tido nesta pesquisa como um indicador que estimula a busca pela qualidade dos periódicos científicos, traduzindo-se assim como uma metodologia a fim de auxiliar o funcionamento da rotina editorial e garantir a publicação de trabalhos que possam auxiliar no desenvolvimento de conhecimentos científicos, traduzindo-o como uma ferramenta que auxilia a desenvolver um sentido de qualidade para os periódicos científicos.

A partir da pesquisa, foi possível entender a visão de qualidade de diferentes perspectivas:

- dos editores: que entendem como um periódico de qualidade aquele que cumpre com sua periodicidade, que tem diretrizes de publicação bem claras, que possui diversas fontes de indexação e aquele que é lembrado por boa parte da comunidade científica quando referenciado em demais publicações;
- dos autores: que possuem a mesma visão dos editores incluindo como periódicos de qualidade aqueles que publicam trabalhos de autores conceituados em sua área;
- das agências de fomento: entendendo qualidade de periódicos a quantidade de citações e/ou sua classificação no Qualis.

Observou-se também que financiamento não é o único fator motivador para a melhoria da qualidade dos periódicos científicos, mas antes disso mostra-se como preocupação dos editores a credibilidade, mérito e reconhecimento científico. Os dados coletados na pesquisa, por sua vez, foram organizados sob as duas dimensões citadas no Relatório ANPEd (2007):

critérios de ordem técnica e qualitativa. O desenvolvimento da parte empírica da dissertação, em especial do estudo etnográfico, procurou entender como o Qualis e seus critérios influenciam as práticas editoriais e de que forma a questão da qualidade é tratada do ponto de vista da própria rotina editorial e das pessoas que nela trabalham.

Foi possível observar que os critérios do Qualis estão internalizados no processo editorial dos periódicos científicos, inclusive quando ocorrem fatos atípicos que fogem da rotina. Dessa forma, os ajustes ao ‘Sistema Qualis’ se posicionam como algo necessário para manter o mesmo nível de qualidade. Do ponto de vista da própria rotina editorial a qualidade é tida como uma meta: fazer do periódico um dos mais reconhecidos na sua área. Para tanto, a equipe tem que manter a periodicidade regular dos fascículos, atualizar as indexações, manter os prazos de avaliação em dia e manter um bom relacionamento com seus colaboradores: autores, pareceristas, leitores e membros do corpo editorial.

Os editores dos periódicos estudados também contribuíram para o entendimento do que é um periódico científico de qualidade. Para eles um periódico de qualidade é aquele que traz bons artigos, que faz boa divulgação do seu trabalho, que tem uma visão ampla dentro de sua área abordando temas de interesse da comunidade científica e que tem reconhecimento tanto em sua instituição de origem como da comunidade científica num todo.

Tendo em vista o trabalho aqui exposto, observa-se que a preocupação com o Qualis tem sido algo muito mais importante hoje em dia do que no início de sua classificação, pois atualmente o Qualis é considerado um indicador científico (de C&T) capaz de promover o reconhecimento e o mérito científico dos periódicos, bem como auxiliar na concessão de financiamentos tanto para os periódicos como para os programas de pós-graduação nos quais estes são vinculados. Sendo assim, o estudo demonstrou que inicialmente o Qualis não tinha a importância que tem atualmente, e por este motivo, as equipes dos periódicos passaram a trabalhar no sentido de melhorar suas classificações a partir do momento em que esta classificação é tida como um critério de qualidade. O que demonstra que o Qualis – como um índice de medição de qualidade – ajuda a definir o sentido da própria qualidade, pois interfere na forma como as publicações atuam e funcionam.



## REFERÊNCIAS

---

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Normas Técnicas**. Disponível em <<http://www.abnt.org.br/>>. Acesso em 24/06/2011.

ALMEIDA, Elenara Chaves Edler de. **O Portal de Periódicos da Capes: estudo sobre a sua evolução e utilização**. 2006. 177f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

ALVEAR, Celso Alexandre Souza de; et al. **Critérios de avaliação científica favoráveis à realidade brasileira**. Disponível em: <[http://intervox.nce.ufrj.br/hcte-sbhc-2011/contribui%C3%A7oes/celso\\_alvear.pdf](http://intervox.nce.ufrj.br/hcte-sbhc-2011/contribui%C3%A7oes/celso_alvear.pdf)>. Acesso em: 17/07/2011.

ANDRIOLO, Adagmar; et al. Editorial: Classificação dos periódicos no Sistema Qualis da CAPES – a mudança dos critérios é urgente. **Nucleus**, vol.7, n.1, 2010.

ANPED – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação. **Relatório Final da Comissão de Avaliação de Periódicos da Área de Educação – ANPEd 2006/2007**. Disponível em <[http://www.anped.org.br/docs/qualis/avaliacao\\_periodicos\\_2006\\_2007.pdf](http://www.anped.org.br/docs/qualis/avaliacao_periodicos_2006_2007.pdf)>, Acesso em 21/02/2011.

BARATA, Germana Fernandes. **Nature e Science: mudança na comunicação da ciência e a contribuição da ciência brasileira (1936-2009)**. 2010. 247f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Periódico científico: parâmetros para avaliação de qualidade. In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TARGINO, Maria das Graças (Orgs). **Preparação de revistas científicas: teoria e prática**. São Paulo: Reichman & Autores Editores, 2005.

BAUMGARTEN, Maíra. Avaliação e gestão de ciência e tecnologia: Estado e coletividade científica. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, vol.70, 2004, p.33-56.

BAUMGARTEN, Maíra; FERREIRA, Ana Gabriela Clipes; PEREIRA, Vanessa Souza. **Avaliação de periódicos científicos e a base Qualis: um debate sobre produtividade**. Fórum de Editores Científicos, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

BOMFÁ, Cláudia Regina Ziliotto; BLATTMANN, Ursula; CASTRO, João Ernesto E. **Acesso livre aos periódicos científicos eletrônicos: possibilidades e limitações**. Conferência Iberoamericana de Publicações Eletrônicas no Contexto da Comunicação Científica – CIPECC, Brasília, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BRAGA, G. M.; OBHERHOFER, C. A. Diretrizes para a avaliação de periódicos científicos e técnicos brasileiros. **Revista Latina de Documentação**, n.1, 1982, p.27-31.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Qualidade dos doutorados. **Folha de São Paulo**. Publicado em 18/07/2005.

CAMPOS, José Nilson B. Qualis periódicos: conceitos e práticas nas Engenharias I. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, vol.7, n.14, 2010.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. 2001. **Documento de Área – Educação (1998-2000)**. Disponível em <[http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/2000\\_038\\_Doc\\_Area.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/2000_038_Doc_Area.pdf)>. Acesso em 21/12/2010.

\_\_\_\_\_. *Capes: Diretoria de Avaliação – Qualis: Concepção e Diretrizes Básicas*. 2004a. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, n.1, 2004.

\_\_\_\_\_. **Documento de Área – Educação (2001-2003)**. 2004b. Disponível em <[http://cac.php.unioeste.br/pos/media/File/educacao/docs/doc\\_area\\_04\\_06\\_educacao.pdf](http://cac.php.unioeste.br/pos/media/File/educacao/docs/doc_area_04_06_educacao.pdf)>. Acesso em 21/12/2010.

\_\_\_\_\_. **Qualis 2007 – Perguntas mais freqüentes**. 2007a. Disponível em: <[http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/FAQ\\_Qualis\\_2007.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/FAQ_Qualis_2007.pdf)>. Acesso em 19/10/2010.

\_\_\_\_\_. **Documento de Área – Educação (2004-2006)**. 2007b. Disponível em <[http://www.anped.org.br/docs\\_capes/avaliacao2004-2006\\_educacao.pdf](http://www.anped.org.br/docs_capes/avaliacao2004-2006_educacao.pdf)>. Acesso em 21/12/2010.

\_\_\_\_\_. **Qualis**. 2009. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/sala-de-imprensa/36-noticias/2550-capes-aprova-a-nova-classificacao-do-qualis>>. Acesso em 21/09/2010.

\_\_\_\_\_. **Documentos de Áreas**. 2010a. Disponível em <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/resultados-da-avaliacao-de-programas>>. Acesso em 20 de Setembro de 2010.

\_\_\_\_\_. **História e Missão**. 2010b. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/historia-e-missao>>. Acesso em 26 de Julho de 2010.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – 2005/2010**. 2010c. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/plano-nacional-de-pos-graduacao>>. Acesso em 13 de Outubro de 2010.

\_\_\_\_\_. **Periódicos nacionais Qualis no portal**. 2010d. Disponível em: <<http://periodicos.capes.gov.br/portugues/paginaInicial/qualisNacional.htm>>. Acesso em 21/09/2010.

\_\_\_\_\_. **Reestruturação do Qualis**. 2010e. Disponível em: <[http://cac.php.unioeste.br/pos/media/File/letras/restrukturacao\\_qualis.pdf](http://cac.php.unioeste.br/pos/media/File/letras/restrukturacao_qualis.pdf)>. Acesso em 19/10/2010.

\_\_\_\_\_. **Documento de Área – Educação (2007-2009)**. 2010f. Disponível em <[http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/EDUCA\\_19jun10.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/EDUCA_19jun10.pdf)>. Acesso em 21/12/2010.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG 2005/2010**. 2011a. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/plano-nacional-de-pos-graduacao>>. Acesso em 01/05/2011.

\_\_\_\_\_. **Tabelas de Áreas de Conhecimento**. 2011b. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/tabela-de-areas-de-conhecimento>>. Acesso em 08/04/2011.

\_\_\_\_\_. **Qualis Periódicos**. 2011c. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/qualis>>. Acesso em 08/04/2011.

CARPINTEIRO, Otávio A. S. Bolsa de produtividade: qual o melhor corredor – o que corre 100 metros em 10 segundos ou o que corre em 20 segundos? **Jornal da Ciência**, 2008.

CGB – COORDENADORIA GERAL DE BIBLIOTECAS. **Qualis CAPES**. Disponível em: <<http://www.biblioteca.unesp.br/portal/arquivos/Qualis%20CAPES.pdf>>. Acesso em 19/10/2010.

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES Nº 68/2010**. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/editais/ct/2010/068.htm>>. Acesso em 29/06/2011.

COSTA, Ana Ludmila Freira; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. Publicação e avaliação de periódicos científicos: paradoxos da avaliação Qualis de psicologia. **Psicologia em estudo**, vol.13, n.1, 2008.

CRUZ, Elaine Drehmer de Almeida. Avaliação CAPES de Programas de Pós-Graduação em Enfermagem e o Qualis de periódicos científicos: aproximação e desafios. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, vol.3, n.4, 2011.

DAVYT GARCÍA, Amílcar. **Avaliação por pares e processo decisório nas agências de fomento a pesquisa: o CNPq e a FAPESP**. 2001. 222f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

DAVYT GARCÍA, Amílcar; VELHO, Léa. Excelencia científica: la construcción de la ciencia através de su evaluación. La Comisión Sectorial de Investigación Científica (CSIC), Uruguay. **Redes (Bernal)**, Buenos Aires, vol.6, n.13, 1999, p.13-48.

DUPONT, Jairton; DIAS, Luiz Carlos. Renovação do Qualis: Exemplo da Química. **Revista Química Nova**, vol.31, n.6, 2008.

DURHAM, Eunice Ribeiro (org.). **Bronislaw Malinowski – Antropologia**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

ESCOBAR, Herton. Ranking coloca revistas científicas brasileiras em risco de extinção. **Jornal O Estadão**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,ranking-poe-revistas-cientificas-em-risco-de-extincao,398433,0.htm>>. Acesso em 05/08/2009.

ESCÓBAR, Silvia Cristina Pabón. **Qualidade e visibilidade em duas revistas científicas bolivianas**. 2009. 189f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

FERREIRA, Maria Cecilia Gonzaga; KRZYZANOWSKI, Rosaly Favero. Periódicos científicos: critérios de qualidade. **Pesquisa Odontológica Brasileira**, vol.17, 2003.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Critérios de qualidade para as revistas em comunicação. In: FERREIRA, S. M. S. P.; TARGINO, M. G. (orgs.). **Preparação de revistas científicas – teoria e prática**. São Paulo: Reichmann e autores, 2005.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TARGINO, Maria das Graças (org). **Acessibilidade e visibilidade de revistas científicas eletrônicas**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

FREITAS, Maria Helena. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. **Ciência da Informação**, vol.35, n.3, 2006, p.54-66.

GARFIELD, Eugene. Is there a future for scientific journal? **Science and Public Policy**, vol.2, n.31, 1975, p.318-322.

\_\_\_\_\_. Is Citation Analysis Legimate Evaluation Tool? **Scientometrics**, Amsterdam, vol.1, n.4, 1979.

GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marli; FÁVERO, Osmar; CANDAU, Vera Maria F. O modelo de avaliação da CAPES. **Revista Brasileira de Educação**, n.22, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUIMARÃES, Reinaldo. Política de Ciência e Tecnologia: **Alguns desafios a enfrentar**. Disponível em <[http://intervox.nce.ufrj.br/hcte-sbhc-2011/contribui%C3%A7oes/reinaldo\\_guimaraes.pdf](http://intervox.nce.ufrj.br/hcte-sbhc-2011/contribui%C3%A7oes/reinaldo_guimaraes.pdf)>. Acesso em 29/11/2011.

HAGSTROM, Warren. **The scientific community**. New York: Basic Books, 1965.

HESS, David J. Ethnography and the Development of Science and Technology Studies. In: Paul Atkinson, Amanda Coffey, Sara Delamont, John Lofland, Lyn Lofland (Eds.). **Handbook of Ethnography**. CA: Sage, 2001.

HORTA, José Silvério Baía; MORAES, Maria Cecília Marcondes de. O sistema CAPES de avaliação da pós-graduação: da área de educação à grande área de ciências humanas. **Revista Brasileira de Educação**, n.30, 2005.

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. **O que é o SEER/ OJS?** 2011a. Disponível em

<[http://seer.ibict.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=286&Itemid=74](http://seer.ibict.br/index.php?option=com_content&task=view&id=286&Itemid=74)>. Acesso em 23/03/2011.

\_\_\_\_\_. **Apresentação SEER – Funções Editoriais**. 2011b. Disponível em <[www.ibict.br/anexos\\_secoes/apresentacao.funcoes.editoriais.SEER2.ppt](http://www.ibict.br/anexos_secoes/apresentacao.funcoes.editoriais.SEER2.ppt)>. Acesso em 23/03/2011.

\_\_\_\_\_. **Portal do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas**. Disponível em: <<http://seer.ibict.br/>>. Acesso em 21/02/2012.

KROPF, Simone Petraglia; FERREIRA, Luiz Otávio. A prática da ciência: etnografia no laboratório. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, vol.4, n.3, 1997.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1962.

JACON, Maria do Carmo Moreira. **Base Qualis: uso e qualidade dos periódicos científicos no programa de pós-graduação em psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1997-2002)**. 2006. 172f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2006.

JORNAL DA CIÊNCIA. **CAPES aprova a nova classificação do Qualis**. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=62082>>. Acesso em 21/09/2011.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A Vida de Laboratório**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LAWRENCE, P. A. The politics of publication. **Nature**, n.422, 2003, p. 259-261.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Levantando o sarrafo ou dando tiro no pé: critérios de avaliação e Qualis das pós-graduações em educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol.9, n.1, 2007.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976.

MARZIALE, Maria Helena Palucci; MENDES, Isabel Amélia Costa. O fator de impacto das publicações científica. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, vol.10, n.4, 2002.

MATTEDI, Marcos Antônio; SPIESS, Maiko Rafael. Modalidades de regulação da atividade científica: uma comparação entre as interpretações normativa, cognitiva e transnacional dos processos de integração social da comunidade científica. **Educação & Sociedade**, vol.13, n.110, 2010.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. **Espaço (INES)**, Rio de Janeiro, n.16, p.53-58, 2001.

MARQUES, Fabrício. A escala da discórdia. **Revista Pesquisa FAPESP**. Edição 160, 2009.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MENEGHINI, Rogério. Inusitado aumento da produção científica. **Folha de São Paulo**, 12/05/2009.

MERTON, Roberto K. The Matthew Effect in Science: the reward and communication systems of science are considered. **Science**, vol.159, 1968.

\_\_\_\_\_. La estructura normativa de la ciencia. **La Sociología de la ciência**. Madrid: Alianza Editorial, 1977, p.355-368.

MOREL, Regina Lúcia de Moraes. **Ciência e estado: a política científica e tecnológica no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação e a literatura científica. In: Campello, Bernadete Santos; Cendón, Beatriz Valadares; Kremer, Jeannette Marguerite (orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, 2000a.

\_\_\_\_\_. O periódico científico. In: Campello, Bernadete Santos; Cendón, Beatriz Valadares; Kremer, Jeannette Marguerite (orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, 2000b.

MUGNAINI, Rogério. **Caminhos para adequação da avaliação da produção científica brasileira: impacto nacional versus internacional**. 2006. 254f. Tese (Doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MUGNAINI, Rogério; JANNUZZI, Paulo de Martino; QUONIAM, Luc. Indicadores bibliométricos da produção científica brasileira: uma análise a partir da base de dados Pascal. **Ciência da Informação**, Brasília, v.33, n.2, 2004, p.123-131.

ORTEGA, Cristina; FÁVERO, Osmar; GARCIA, Walter. Análise dos periódicos brasileiros de educação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, vol.79, n.193, 1998.

PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. A favor da etnografia. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, 1992, p.179-223.

PINTO, Angelo C.; ANDRADE, Jailson B. Fator de impacto de revistas científicas: qual o significado deste parâmetro? **Química Nova**. São Paulo, 2002.

PRICE, Derek de Solla. **O desenvolvimento da ciência: análise histórica, filosófica, sociológica e econômica**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1976.

RIBEIRO, Carolina Krause; RIBEIRO, Lena Vania; OLIVEIRA, Eloisa da Conceição Príncipe. **Construção de um modelo-síntese para análise de periódicos científicos**. VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Salvador-BA, 2007.

RIGHETTI, Sabine. Impacto social da ciência: como medir? **Blog de Ciência**. Disponível em: <[http://laboratorio.folha.blog.uol.com.br/arch2011-10-16\\_2011-10-22.html](http://laboratorio.folha.blog.uol.com.br/arch2011-10-16_2011-10-22.html)>. Acesso em 08/10/2011.

ROCHA-E-SILVA, Maurício. O novo Qualis, ou a tragédia anunciada. **Clinics**, vol.64, n.1, 2009.

RUIZ, Milton Artur; GRECO, Oswaldo Tadeu; BRAILE, Domingo Marcolino. Fator de impacto: importância e influência no meio editorial, acadêmico e científico. **Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular**, vol.24, n.3, 2009.

SANTOS-ROCHA, Ednéia Silva. Indicadores bibliométricos da Revista Latino-americana de Ciência, Tecnologia e Sociedade: 2003-2008. In: Valdemir Miotello; Wanda Aparecida Machado Hoffman. (Org.). **Percepções multidisciplinares em Ciência, Tecnologia e Sociedade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008, p.77-93.

SCHWAZRTAMN, Simon. A Política Brasileira de Publicações Científicas e Técnicas: reflexões. **Revista Brasileira de Tecnologia**, Brasília, v.15, n.3, 1984.

\_\_\_\_\_. 50 anos de apoio à pesquisa. **Ciência hoje**, vol.29, n.173, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa universitária e inovação no Brasil**. 2008. Disponível em: <[http://www.schwartzman.org.br/simon/cgee2008\\_simon.pdf](http://www.schwartzman.org.br/simon/cgee2008_simon.pdf)>. Acesso em 20 de Dezembro de 2010.

SILVA, Antonio Ozaí da. A corrida pelo Lattes. In: RAMPINELLI, Waldir José; ALVIM, Valdir; RODRIGUES, Gilmar (orgs.). **Universidade – a democracia ameaçada**. São Paulo: Xamã, 2005.

\_\_\_\_\_. A sua revista tem Qualis? **Mediações**, vol.14, n.1, 2009a, p. 117-124.

SILVA, Maurício Rocha e. O novo Qualis, ou a tragédia anunciada. **Clinics**, vol.63, n.1, 2009b.

\_\_\_\_\_. Qualis 2011-2013 – os três erres. **Clinics**, vol.65, n.10, 2010.

SOUZA, Maria Fernanda Sarmiento e; FORESTI, Miriam Celí Pimentel Porto; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio. Periódicos científicos eletrônicos – critérios de qualidade. In: VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio (Org.). **Tecnologia e conteúdos informacionais: abordagens teóricas e práticas**. São Paulo: Polis, 2004.

SPINAK, Ernesto. Indicadores cientométricos. **ACIMED**, vol.9, 2001.

\_\_\_\_\_. Ciência em valores: entrevista com o cientista uruguaio Ernesto Spinak. **Jornal da Ciência**. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=13010>>. Acesso em 18/01/2011.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Reflexões sobre as revistas brasileiras. **Intexto**. Porto Alegre: UFRGS, vol.1, n.3, 1998a, p.01-10.

\_\_\_\_\_. Periódicos científicos. **Documentos ABEBD** – Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação, 1998b.

\_\_\_\_\_. Avaliação das Revistas de Comunicação pela Comunidade Acadêmica da Área. **Em Questão**, vol.9, n.1, 2003.

\_\_\_\_\_. Avaliação de originais nas revistas científicas: uma trajetória em busca do acerto. In: FERREIRA, S. M. S. P.; TARGINO, M. G. (orgs.). **Preparação de revistas científicas – teoria e prática**. São Paulo: Reichmann e autores, 2005.

TARGINO, Maria das Graças; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Ciência brasileira na base de dados do Institute for Scientific Information (ISI). **Ciência da Informação**, vol.29, n.1, 2000.

TARGINO, M. G. A região geográfica como fator interveniente na produção de artigos de periódicos científicos. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice Jovelina Lima. (orgs.). **Comunicação científica**. Brasília: Departamento de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, 2000.

THOMSON REUTERS. **JCR Web**. Disponível em: <<http://science.thomsonreuters.com/pt/produtos/jcrport/>>. Acesso em 27/06/2011.

TORRES, Lúcia Beatriz. **Dos artigos científicos ao bem-estar social**. Disponível em: <[http://www.portaldosfarmacos.ccs.ufrrj.br/atualidades\\_qualis.html](http://www.portaldosfarmacos.ccs.ufrrj.br/atualidades_qualis.html)>. Acesso em 15/07/2011.

TRZESNIAK, Piotr. As dimensões da qualidade dos periódicos científicos e sua presença em um instrumento da área de educação. **Revista Brasileira de Educação**, vol.11, n.32, 2006.

VALÉRIO, Palmira Moriconi. **Espelho da ciência: avaliação do Programa Setorial de Publicações em Ciência e Tecnologia da Finep**. Rio de Janeiro, Brasília: Finep, IBICT, 1994.

VALLE, Marcelo G. do; BONACELLI, Maria Beatriz M.; Salles-Filho S. L. M. **Os fundos setoriais e a política nacional de ciência, tecnologia e inovação**. In: XXII Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica. Salvador, 2002.

VANZ, Samile Andréa de Souza; CAREGNATO, Sônia Elisa. Estudos de Citação: uma ferramenta para entender a comunicação científica. **Revista Em Questão**, vol.9, n.2, 2003.

VELHO, Léa. Indicadores científicos: em busca de uma teoria. **Interciencia**, Caracas, vol.15, n.3, 1990, p.139-149.

\_\_\_\_\_. Indicadores de C&T e seu uso em política científica. **Sociedade e Estado**, v.7, n.1-2, 1992, p.63-70.

\_\_\_\_\_. Cuidado com os rankings científicos. **Prometeu.com.br**, São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.prometeu.com.br/bb-lea.asp>>. Acesso em 15/05/2011.



\_\_\_\_\_. Ciências, publicações e avaliação. In: HOFFMANN, W. A. M.; FURNIVAL, A. C. (Orgs). **Olhar: Ciência tecnologia e sociedade**. São Carlos: Pedro e João Editores; CECH-UFSCar, 2008a, p.9-21.

\_\_\_\_\_. **Estudos de Cientometria na América Latina**. 1º Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria. Rio de Janeiro, 2008b.

VESSURI, Hebe M. Perspectivas Recientes en el Estudio Social de la Ciencia. **Interciencia**. Caracas-Venezuela, 1991.

VOLPATO, Gilson. **Publicação científica**. 3 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

WATER, Lindsay. **Inimigos da esperança: publicar, perecer e o eclipse da erudição**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

WITT, Regina Rigatto. O desafio do trabalho coletivo de editoração científica. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, vol.9, n.4, 2008.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. Vale a pena avaliar periódicos científicos? **Estudos de Psicologia**, vol.6, n.2, 2001.



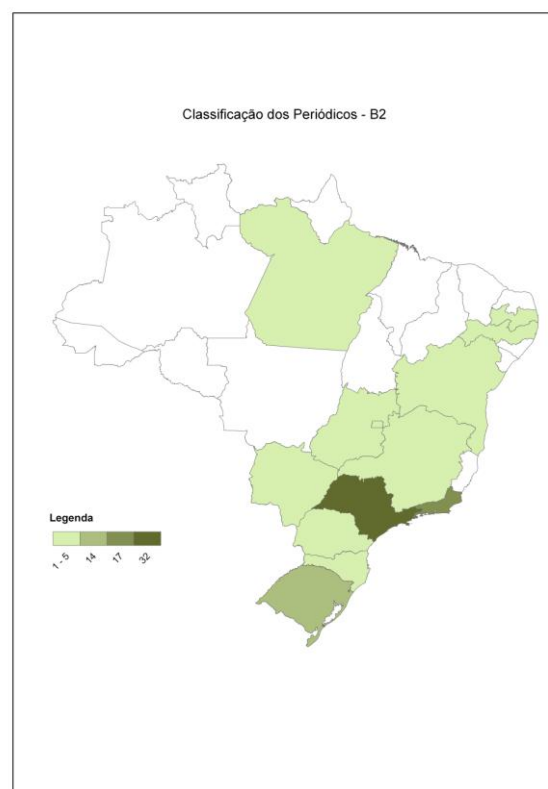
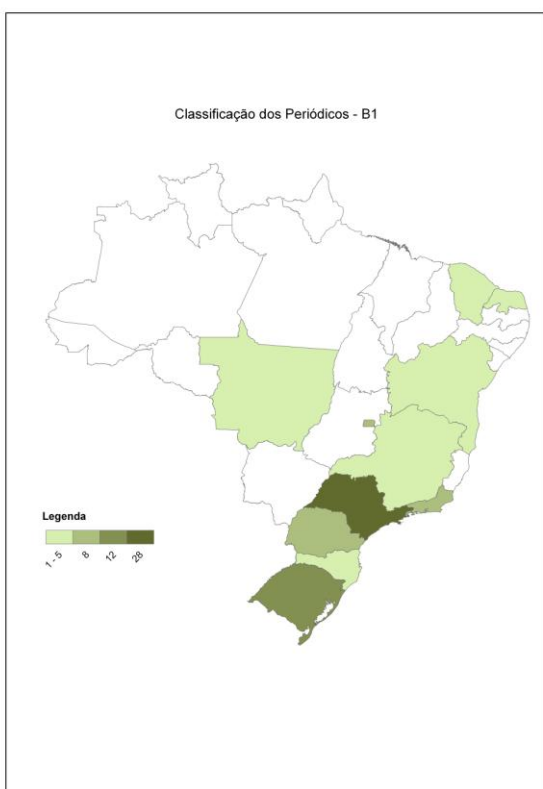
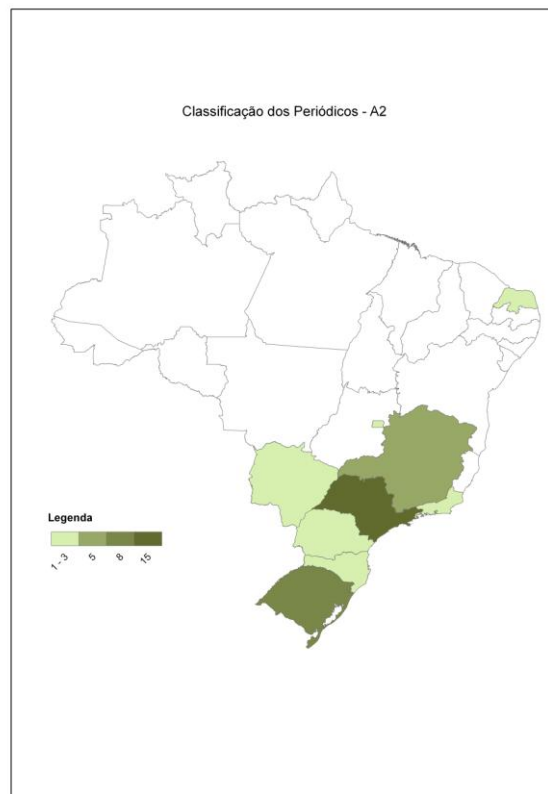
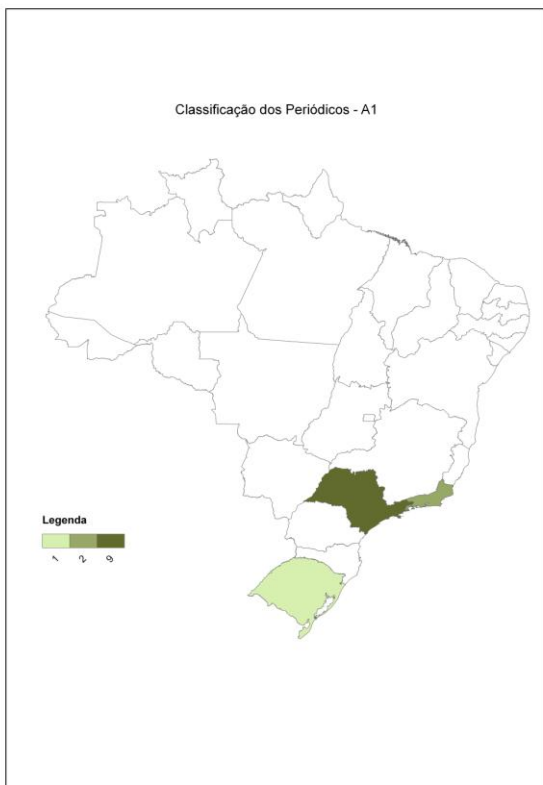
**ANEXO I – TABELA DE ÁREAS DO CONHECIMENTO (CAPES)**

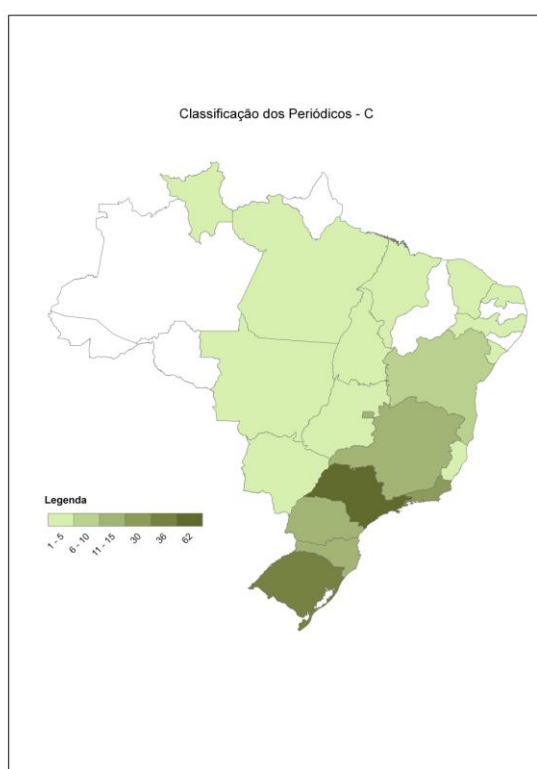
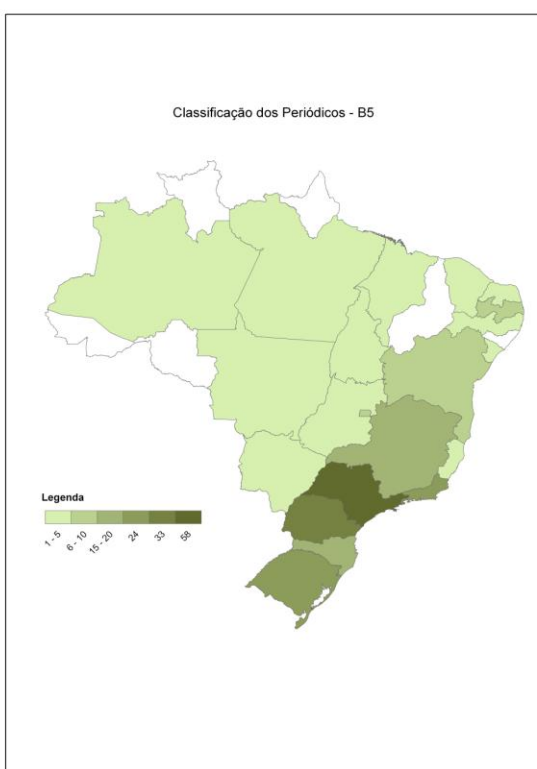
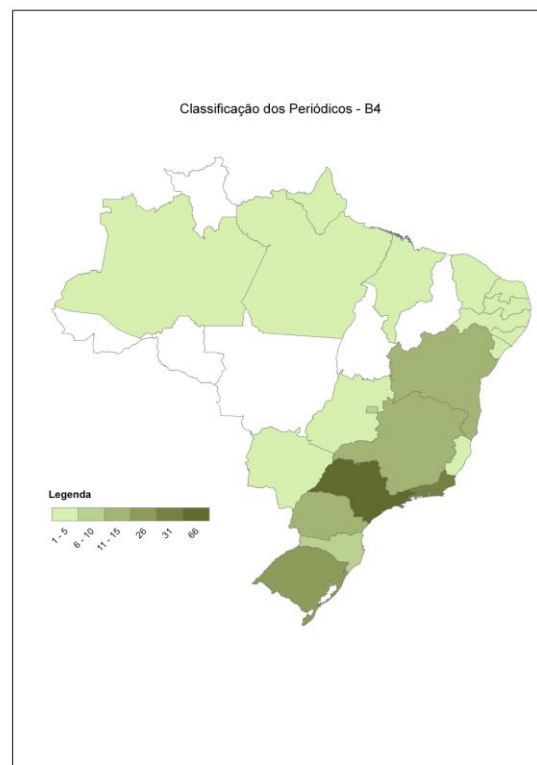
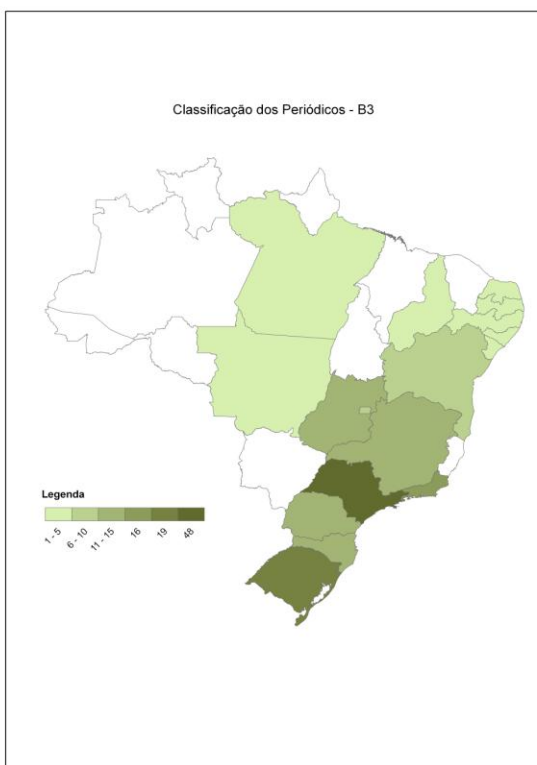
10000003	<i>Ciências Exatas e da Terra</i>
	MATEMÁTICA / PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA
	CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO
	ASTRONOMIA / FÍSICA
	QUÍMICA
	GEOCIÊNCIAS
20000006	<i>Ciências Biológicas</i>
	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS I
	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS II
	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS III
	ECOLOGIA E MEIO AMBIENTE
30000009	<i>Engenharias</i>
	ENGENHARIAS I
	ENGENHARIAS II
	ENGENHARIAS III
	ENGENHARIAS IV
40000001	<i>Ciências da Saúde</i>
	MEDICINA I
	MEDICINA II
	MEDICINA III
	ODONTOLOGIA
	FARMÁCIA
	ENFERMAGEM
	SAÚDE COLETIVA
	EDUCAÇÃO FÍSICA
50000004	<i>Ciências Agrárias</i>
	CIÊNCIAS AGRÁRIAS I
	ZOOTECNIA / RECURSOS PESQUEIROS
	MEDICINA VETERINÁRIA
	CIÊNCIA DE ALIMENTOS
60000007	<i>Ciências Sociais Aplicadas</i>
	DIREITO
	ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO
	ECONOMIA
	ARQUITETURA E URBANISMO
	PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL / DEMOGRAFIA
	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I

	SERVIÇO SOCIAL
70000000	<i>Ciências Humanas</i>
	FILOSOFIA / TEOLOGIA: SUBCOMISSÃO FILOSOFIA
	FILOSOFIA / TEOLOGIA: SUBCOMISSÃO TEOLOGIA
	SOCIOLOGIA
	ANTROPOLOGIA / ARQUEOLOGIA
	HISTÓRIA
	GEOGRAFIA
	PSICOLOGIA
	EDUCAÇÃO
	CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
80000002	<i>Linguística, Letras e Artes</i>
	LETRAS / LINGUÍSTICA
	ARTES / MÚSICA
90000005	<i>Multidisciplinar</i>
	INTERDISCIPLINAR
	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA
	MATERIAIS
	BIOTECNOLOGIA

**Fonte:** Elaboração própria (2011) com base na tabela completa da CAPES (2011b)

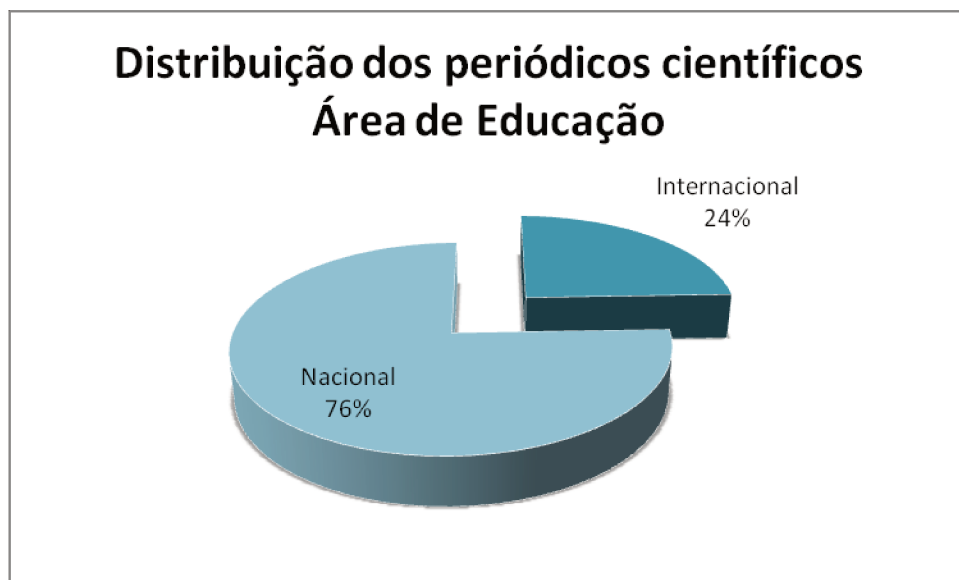
## ANEXO II – CLASSIFICAÇÃO DOS PERIÓDICOS (EDUCAÇÃO) POR ESTRATO





**Fonte:** Elaboração própria (2011) com base no Relatório de Área – Educação – base 2008 (2011c).

**ANEXO III – DISTRIBUIÇÃO NACIONAL/ ESTRANGEIRA POR ESTRATO – DO B1 AO C**



**Fonte:** Elaboração própria (2011) com base no triênio 2007-2009.